



DESDE 6 DE ABRIL DE 2000

rascunho

297

Jan. 2025

O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL



**eduardo ferreira**

TRANSLATO

REESCRITURAS

A tradução da **Bíblia** — livro composto por textos de variadas línguas, épocas e lugares — é sempre um esforço hercúleo e coletivo. Mesmo traduções identificadas a um nome — como São Jerônimo, Lutero, John Wycliffe ou João Ferreira de Almeida — foram feitas em colaboração com outros estudiosos e/ou se valeram de traduções anteriores.

A **Bíblia de Jerusalém** — tida como uma das traduções mais criteriosas das Escrituras — é também resultado de um desses admiráveis esforços conjuntos, durante longo período de doze anos. É dela que pretendo falar nesta coluna, apontando alguns elementos relevantes sobre o trabalho de tradução.

A **Bíblia de Jerusalém** foi resultado do empenho de exegetas católicos e protestantes, além de revisores literários. O fato de haver uma “revisão literária”, que supõe cuidado com a consistência e a elegância da linguagem, nos faz lembrar que a **Bíblia** — livro de extração oriental — é uma das matrizes mais importantes da literatura ocidental e, como tal, fonte de inúmeras citações e de forte inspiração para os mais diversos autores.

Um dos textos anclares da **Bíblia de Jerusalém** (*Observações*) trata especificamente da tradução. Lemos ali as diferentes

estratégias utilizadas para a consecução do trabalho. Aponta-se que a versão foi feita diretamente das línguas originais (hebraico, aramaico e grego), com recurso ocasional a fontes em outras línguas (síriaca e latina).

Procurou-se ancorar o trabalho na linhagem secular de originais e traduções das Escrituras, mas sem desconsiderar alternativas, em casos específicos: “Quando a tradição oferece diversas formas de texto, foi escolhida a leitura mais segura, não sem indicar em nota a ou as variantes que têm importância ou conservam alguma probabilidade”. A qualificação de “leitura mais segura” pode parecer questionável, em razão da imprecisão da frase, embora funcione como medida de autoridade exegética. A indicação das variantes é um dos elementos importantes dessa versão da **Bíblia**, oferecendo ao leitor amplo panorama de interpretações e, ao mesmo tempo, apontando as incertezas que sombreiam determinados trechos.

Outro aspecto interessante da tradução é o afinco por “reduzir a diversidade das traduções [de] termos ou expressões idênticas no original”. Trata-se de uma questão das mais complexas numa tradução, pois é natural que uma palavra ou expressão encontrem diversas possibilidades de

tradução em outra língua; e também é naturalmente difícil, para o tradutor, manter coerência na versão de um mesmo termo do original ao longo de toda a reescritura.

Essa redução só foi de fato alcançada, segundo os editores, no tocante a termos técnicos “cujo sentido é unívoco”. Nos demais casos, a contenção foi relativizada, em função de diversos fatores, como a amplidão semântica de determinados termos e expressões e as injunções dos distintos contextos.

A propósito dessas dificuldades de redução, os editores apresentam pelo menos dois argumentos interessantes. O primeiro trata da questão semântica em si: “Uma tradução servil e por demais literal pode às vezes não reproduzir senão imperfeitamente o sentido real de uma frase ou expressão”. O segundo, do cruzamento entre questões semânticas e formais: “Quando necessário, preferiu-se a fidelidade ao texto a uma qualidade literária que não seria a do original”. Interessante notar a tensão entre fidelidade e servilismo e, de modo geral, a preocupação de integrar elegância e correção semântica — tarefa, aliás, nada fácil em qualquer tradução.

Vale também apontar o cuidado com a transcrição de nomes próprios e de pesos e medidas. Por último, e sobretudo, chamam atenção o número, a complexidade e a riqueza das notas, que fazem dessa tradução um texto digno de leitura atenta e demorada.

**rascunho**
O JORNAL DE LITERATURA DO BRASIL

desde 8 de abril de 2000

Rascunho é uma publicação mensal da Editora Letras & Livros Ltda.
CNPJ: 03.797.664/0001-11
Caixa Postal 18821
80430-970 | Curitiba - PR
ISSN 2966-2524

rascunho@rascunho.com.br
 www.rascunho.com.br
 twitter.com/@jornalrascunho
 facebook.com/jornal.rascunho
 instagram.com/jornalrascunho
 [whatsapp \(41\) 99109.4352](https://whatsapp.com/99109.4352)

EDITOR

Rogério Pereira

EDITOR-ASSISTENTE

Luiz Rebinski

EDITOR DE FICÇÃO

Samarone Dias

DIRETOR DE ARTE

Alexandre Luis De Mari

DESIGN

Thapcom Design + Ideias

IMPRESSÃO

Press Alternativa

COLONISTAS

Alcir Pécora

Eduardo Ferreira

Fabiane Secches

José Castello

José Castilho

Luiz Antonio de Assis Brasil

Maira Lacerda

Nilma Lacerda

Olyveira Daemon

Ozias Filho

Raimundo Carrero

Rinaldo de Fernandes

Rogério Pereira

Wilberth Salgueiro

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Adriano Cirino

André Caramuru Aubert

Bruno Nogueira

Carolina Vigna

Clayton de Souza

Cristiano de Sales

Emily Fragos

Luiz Paulo Faccioli

Renan Nuernberger

Sabina Anzuategui

Sérgio Tavares

ILUSTRADORES

Bruno Schier

Carolina Vigna

Conde Baltazar

Fabio Abreu

Fabio Miraglia

Joana Veloza

Oliver Quinto

Simon Taylor

Thiago Thomé Marques

**rinaldo de fernandes**

RODAPÉ

UM CONTISTA MARANHENSE

Vejo nos contos de **Casablanca**, de Lourival Serejo, dois eixos fundamentais: o da memória e o da invenção. A memória diz respeito à presença, numa série significativa de contos, de situações que remetem à vivência no interior nordestino, especialmente no interior maranhense. São contos que trazem tipos emoldurados em quadros cujas paisagens são familiares para quem já viveu, mesmo que por um curto tempo, na pequena cidade, no vilarejo, no arruado. Nessa direção se poderia falar de certo regionalismo abrigado nas tramas — mas um regionalismo não mais da seca, do estorricado, mas de causos, quase sempre de enredos engenhosos, que giram em torno do trágico, do dramático (e a penúria/fome ainda se fazem

do presente) e do jocoso. Contos modelares deste último eixo, contendo boa dose de comicidade, são *O encontro marcado* (com a situação mais que risível dos pernetas) e *O chato* (em ritmo de crônica). Como amostra do dramático e do trágico cito *A professora Laura*, conto muito bem realizado, com trama engenhosa, que rompe as expectativas do leitor (da fato, contratar o próprio suicídio é algo inusual, imprevisível). Esses são os eixos temáticos mais importantes do livro. Mas percebo ainda algumas outras direções. O valor do livro, da leitura (para lembrar o renomado conto *Felicidade clandestina*, de Clarice Lispector) entra como tema nos bons contos *O bibliófilo*, *A história de Fátima* e *O gabinete de leitura*; o conhecimento (ou o valor do título acadêmi-

co) consta de *O cofre*. A solidão é o tema central de *Ninguém*. As situações típicas, os nexos tradicionais estão em *O vendedor de bombons* e *O hóspede*. Conflitos familiares (entre mãe e filha) aparecem em *O desejo da menina má*. Eros e Tânatos se digladiam em *O confete* (conto que lembra *Antes do baile verde*, de Lygia Fagundes Telles). Desejo e interdito e uma crítica sutil ao celibato — é disto que trata *Casablanca*, o bom conto que dá título ao livro. Os contos, no geral, tendem ao realismo — mas há ainda algumas tramas fantásticas. E a mais significativa do volume é *O passageiro*, um conto poético narrado ao modo de uma lenda. São essas as minhas impressões acerca de **Casablanca**, um livro bem realizado, com narrativas que, no mais das vezes, deverão surpreender positivamente os leitores desse gênero sempre muito difícil que é o conto.

DIVULGAÇÃO



6

Paiol Literário
Sidney Rocha



RENATO PARADA

14

**O último dos copistas,
de Marcílio França Castro**
Adriano Cirino

10

**Poesia
reunida,
de Maria
Lúcia Alvim**
Renan Nuernberger



DIVULGAÇÃO

13

O gosto da literatura
Alcir Pécora

19

**Escalavra,
de Marcelino
Freire**
Raimundo
Carrero



MARCO DEL FIOLE

20

Paiol Literário
Maria José Silveira



CAIO BASILIO

17

Inquérito
Vagner Amaro



ZÉ GABRIEL LINDOSO

27

**Na baía, de
Katherine Mansfield**
Luiz Antonio de Assis Brasil

32

**Noite. Sono.
Morte. Astro.,
de Joyce Carol Oates**
Bruno Nogueira

36

Poemas
Emily Fragos



REPRODUÇÃO

24

**O fascínio
cultural de Paris**
Clayton de Souza

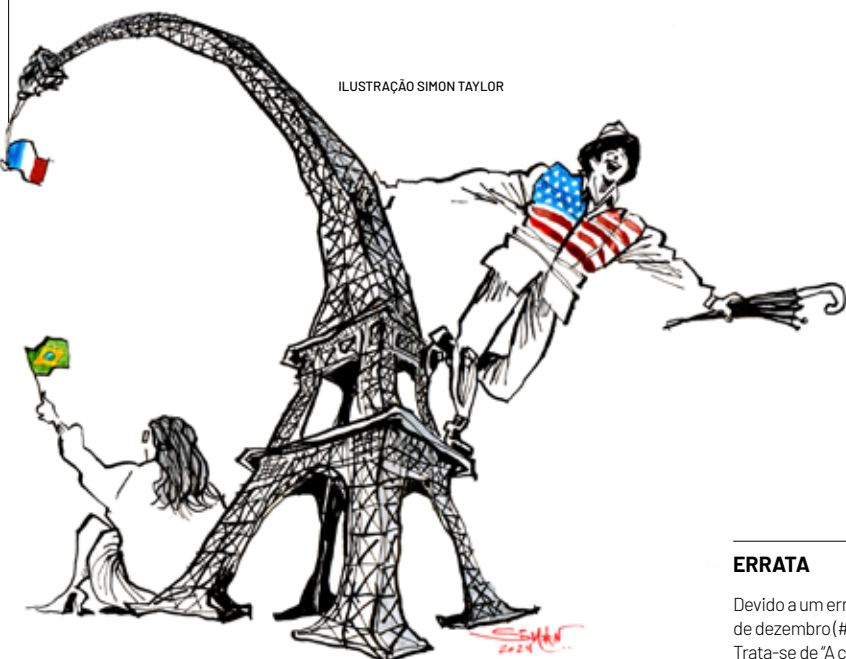


ILUSTRAÇÃO SIMON TAYLOR

32

**Alejo Carpentier e
o real maravilhoso**
Luiz Paulo Faccioli



ILUSTRAÇÃO: FABIO MIRAGLIA

ERRATA

Devido a um erro de impressão, a resenha dos livros de Marcelo Ariel, na edição de dezembro (#296), foi publicada sem os devidos título e crédito da resenhista. Trata-se de "A cosmopoética da presença", de Luciana Tiscoski, nas páginas 20 e 21. O santo padroeiro dos gráficos pede sinceras desculpas.



ARTE DA CAPA:
THIAGO THOMÉ
MARQUES

publique! sua obra

- Projeto gráfico e Diagramação
- Ilustrações exclusivas
- Capa
- Revisão
- Edição
- Fechamento de arquivo
- Ebook, Epub e Mobi
- Impressão
(com tiragem sob medida para seu projeto)



thapcom
design + ideias

PEÇA UM ORÇAMENTO

 (41) 99933-4883

www.thapcom.com



josé castello

A LITERATURA NA POLTRONA

QUISERA SER UMA OVELHA

Revejo velhas fotografias de minha viagem ao Monte Atlas, no Marrocos. São imagens pálidas, têm mais de vinte anos. O que consigo ver? Perdida no deserto, espantada, uma ovelha suja e triste observa uma muralha. O que ela vê? Olho para a ovelha, que olha para a muralha, e me lembro de uma antiga anotação de Franz Kafka em seu **Diário**: “Sinto apenas a violência da vida. E estou absolutamente vazio”. É como se a ovelha, pela voz de Kafka, nos falasse. Logo à frente, descrevendo sua miserável situação, Franz Kafka diz ainda: “Sou como uma ovelha perdida na noite e na montanha, ou como uma ovelha que corre atrás daquela ovelha”.

Também eu me senti, um dia, uma ovelha perdida — ou uma ovelha que seguia uma ovelha que se perdeu. Meu pai dizia: “Você é uma ovelha negra”. Ocorre que eu não era a ovelha negra, eu era a ovelha triste que seguia a ovelha negra. Fui um menino frágil e tonto, era tudo bem pior. Muitos anos depois, em minha viagem ao Magreb — a África Menor dos romanos —, enquanto avanço pelas areias do Saara, tudo me incomoda. O sol, que estilhaça minha pele. O caminho, assimétrico e cheio de rumbos, sobre o qual meus pés oscilam. A voz do guia marroquino, em vez de me consolar, me irrita. Em um tom doce e imundo, ele repete: “No problem, no problem”. Quer nos acalmar, convencer-nos de que logo chegaremos à aldeia berbere onde seremos os convidados de uma família local, mas só me deixa mais tenso. Por que ele não cala a boca?

Aos poucos, a areia sob meus pés se transforma em um atoleiro. Um lodaçal. O Atlas se agiganta à minha frente. Os passos se tornam pesados, o fardo do corpo me entorta. Ovelhas enfezadas circulam ao longo da muralha, indiferentes ao meu sofrimento. Ouso pensar: será Franz, o grande Franz, uma delas? “Mais devagar”, eu peço, todos pedem, mas nosso guia só sabe repetir: “No problem, no problem”, e acelera os passos. Se pisamos todos o mesmo pântano, me pergunto, por que o guia miserável não afunda?

Chegamos a uma encosta. A trilha se torna íngreme e instável. A lama, ou lodo, ou o que seja, se adensa. A cada passo, meus pés afundam ainda mais. Já não consigo armar o passo seguinte. Chega, por fim, o momento em que eu não posso mais me mover. Aferrolhado à lama quente, que me sustenta como um pedestal, passo a gritar por socorro. Não sou o único prisioneiro. Atolados, enterrados até quase os joelhos no pântano podre, uns gritam, outros suspiram de desespero. “No problem, no problem”, o guia insiste, ululando como uma hiena. Sorri — como se estivéssemos em uma festa. “Enfim chegamos ao mundo berbere”, ele comemora. “Aqui começa nossa aventura.” Aventura, ou desventura?

Diante das fotografias que agora se espalham sobre minha mesa de trabalho, volto ao **Diário**, de Franz Kafka. Tento verificar a autenticidade de uma citação que li nas redes sociais. Procuo, procuro, mas nada encontro. Diz o suposto Kafka: “Levar lenta e progressivamente a língua para o deserto. Servir-se da sintaxe para gritar”. As conexões da língua, suas correntes,

seus elos, prometem nos sustentar. Nos contrafortes do Monte Atlas, sinto algo assim. É no vazio do deserto que as palavras se agigantam. Mas é lá também que elas revelam sua terrível fragilidade.

O guia continua sua ladinha. Talvez ache que estamos nos divertindo, que o medo nos dá prazer. “Ajuda, ajuda”, grita uma senhora italiana, as coxas redondas afundadas no chão. Eu a amparo como posso. Esperávamos que o sujeito nos desse a mão, mas que nada. As primeiras casas da aldeia de Imlil se erguem logo acima de nós. Já não é uma subida, mas uma escalada. A aldeia se levanta no céu, voa sobre nossas cabeças. Talvez despenque e nos esmague. Talvez nos afoguem no lodaçal. Só as ovelhas, apáticas, resistem. Quisera ser uma ovelha.

Ser a ovelha que segue uma ovelha perdida, ser a última das ovelhas, isso estava bom. Não sei por que inventei essa aventura, logo eu que não suporto imprevistos. Mas agora é tarde. “No problem, no problem”, o guia insiste. Debocha. Apresenta-se como guia oficial, mas talvez não passe de um trapaceiro. Estamos perdidos. Enfim, arrastando nacos de lama na sola das botas, movo-me entre as casas da aldeia. Uma mulher magra e alta se apresenta como nossa anfitriã. Servirá um desjejum típico. Nada disso me interessa, mas agora é tarde.

Tempos depois, os pés ainda retidos no lodo, iniciamos a descida rumo ao deserto. Deslizo na lama — nunca tive muito equilíbrio. Em uma curva, me esparramo no chão. A italiana de coxas imensas, pesarosa, me oferece a mão, mas não tem forças para me

erguer. Até que alguém aparece e me puxa. Respiro. Tudo se apaga. É como se eu não tivesse ido a Imlil. Da aldeia berbere, tudo de que me lembro é o lodaçal. O chão que me tragava. Pisar de novo na areia fofa e quente do deserto me alivia. Lá estão as ovelhas, a me observar. Uma delas, quem sabe, pode ser Franz Kafka.

Volto a pensar em nosso guia. Com o **Diário** aberto à minha frente, novas palavras de Kafka me ajudam: “Tu que conduzes as multidões, grande alto capitão, conduz os desesperados pelos desfiladeiros da montanha que mais ninguém vê, pois estão cobertos de neve”. Só que, no lugar da neve, na aldeia só havia lama. Neve escura, gosmenta, nojenta, desprovida de beleza. Neve morta. Apesar dos obstáculos, meus companheiros de escalada continuam entusiasmados. Menos eu. “O senhor teve uma experiência única”, o guia celebra, “o senhor viveu o Marrocos verdadeiro”. Não me interessa pela verdade. Pergunto-me de que ela vale. Sou um primitivo, sou um bárbaro. Ser-ei eu o berbere? Berbere quer dizer “homem livre”. Livre, eu?

Na despedida, com falso entusiasmo, o guia me pergunta: “Terei a honra de vê-lo novamente?”. Não terá. Deus me livre. No dia seguinte tomo o avião de volta a Casablanca. O deserto, a lama, a muralha, as ovelhas, tudo isso ficará para trás. Restaram as fotografias — as mesmas, amareladas e pálidas, que agora folheio. Lembranças que um escritor deve trabalhar. Escritores são restauradores do passado. Não que o passado volte, ele não volta, mas alguma coisa dele persiste. A visão épica do Monte Atlas volta a ocupar minha mente. **📖**

Ilustração: **Joana Vellozo**



MINISTÉRIO
DA CULTURA
APRESENTA

paio!
LITERÁRIO



palco de grandes ideias

12ª temporada



O romancista e contista Sidney Rocha foi o terceiro convidado da 12ª edição do Paiol Literário — projeto coordenado pelo editor Rogério Pereira e realizado pelo **Rascunho** desde 2006. O patrocínio desta edição é da Redecard, empresa do grupo Itaú Unibanco, por meio da Lei Rouanet, e os encontros são *online*, com transmissão pelo YouTube.

Sidney Rocha é *doutor honoris causa* pela Universidade Federal de Pernambuco por sua atuação na educação, na escola pública, sobretudo na defesa de leitura literária como direito universal. Ele falou sobre o papel que políticas públicas e outras iniciativas, como as feiras literárias, têm no incentivo e desenvolvimento do livro, da leitura e da literatura no Brasil.

“Um bom leitor formado na escola pública é aquele que sai interpretando o mundo, a sociedade, a comunidade em que ele vive de forma diferente, própria, crítica, esse é o leitor que interessa.”

O escritor, que hoje está radicado em Pernambuco, também lembrou de seus primeiros contatos com o livro e com o mundo da fabulação literária, ainda criança. “Toda a minha vida em relação à literatura é uma história de fuga. A ideia era, onde é que eu posso encontrar meu lugar no mundo? A biblioteca me pareceu o lugar mais adequado.”

Sidney Rocha é autor dos livros de contos **Matriuska** (2009), **O destino das metáforas** (2011, vencedor do prêmio Jabuti) e **Guerra de ninguém** (2016). No romance, escreveu **Sofia** (2014, vencedor do prêmio Osman Lins), **Fernanflor** (2015), **A estética da indiferença** (2018), **Flashes** (2020), **As aventuras de Ícaro** (2022), **O inferno das repetições** (2023) e **O melhor dos mundos** (2024). O conjunto de sua obra recebeu o prêmio Guerra Junqueiro de Lusofonia, em Portugal.

• Novamente uma reconstrução

Distingo bem essas três grandezas, que a gente tem que entender, para falar sobre políticas públicas no Brasil, que são o acesso à literatura, à leitura e ao livro. Mas hoje tenho certa desesperança em relação ao que a gente vem construindo em benefício do acesso ao livro. Passamos anos de penúria com governos mais à direita, terríveis. E vejo que essa reconstrução, digamos, da leitura de literatura no Brasil, é algo que já vimos há muito tempo, nos anos 1980, no começo da redemocratização do país, com uma tentativa de estabelecer um imaginário novo para os escritores e leitores do país.

• Condição humana

A literatura é como se fosse um coração invisível que pulsa. E esse coração invisível busca pragmatismo o tempo todo. Não se pode falar em literatura sem certo pragmatismo da vida cotidiana. Se olharmos pela lente dos grandes autores, como Flaubert ou García Márquez, por exemplo, a literatura não é apenas uma companhia ou um meio de escape, como geralmente algumas pessoas pensam, mas é uma dimensão essencial. A literatura, a meu ver, nos reconecta com o que há de mais profundo na nossa condição humana. E note que eu estou falando da nossa condição humana. Não estou falando da natureza humana, que é uma outra coisa.

• Transformação do cotidiano

Quando a gente lê ficção, parece que algo mágico ou vital nos transporta para além da superfície do cotidiano, um leitor de ficção experimenta algo para além da superfície. Vejo isso nos leitores que eu acompanhei durante a vida, vejo isso nos novos leitores nas escolas. Ler ficção, portanto, é penetrar num tipo de verdade mais complexa, que são as nossas próprias existências, ou seja, a consciência de si.


Sidney Rocha



DIVULGAÇÃO



Quando a gente lê ficção, parece que algo mágico ou vital nos transporta para além da superfície do cotidiano, um leitor de ficção experimenta algo para além da superfície.”

Acompanhe no canal do  YouTube do Paiol Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

paiolliterario.com.br



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA



• Janela

Para Flaubert, a ficção é como uma janela por onde a gente vê o desespero, o amor, vê aquilo que não ousamos confessar nem mesmo para nós mesmos. Eu concordo. Porque a partir da leitura de ficção ou através desses personagens que vivem, que sofrem e amam, como eu, como você, como todos nós, essa literatura de ficção, portanto, permite com que a gente enfrente as fraquezas, nos faz reconhecer os lugares mais sombrios — e também os mais luminosos — que temos na alma.

• Espelho

Cada romance, cada conto, cada poema, é um pequeno espelho, um reflexo distorcido, mas ao mesmo tempo muito fiel às nossas próprias inquietudes. Lembrei desse espelho, porque acabei de ler um romance do José Castello [**Jardim das amoreiras**, a sair em 2025 pela Iluminuras], que fala um pouco sobre isso, esse espelho que nos permite enxergar o que está encoberto atrás da banalidade do cotidiano.

• Tempo e esquecimento

Faulkner disse que o tempo e o esquecimento não podem nada contra a ficção. A ficção é mais poderosa, porque ela vai lá e guarda essas memórias, ela fala e faz com que eu não esqueça as injustiças que sofri, ela vai lá e me mostra que eu não posso esquecer também. Uma outra coisa é que essa leitura de ficção, ou a ficção mesmo, faz a gente recordar, que é diferente de lembrar, faz a gente recordar que mesmo nos momentos mais solitários, a gente termina conectado a um tipo de corrente ininterrupta de memória, de imaginação, de sonhos, de histórias. De algum jeito a ficção nos completa ou amplifica essa nossa capacidade de sentir e de entender.

• Sem resistir

As pessoas precisam de ficção talvez porque, no fundo, elas precisam de si mesmas. E esse espelho está se apagando com a contemporaneidade. Essa fragmentação do sujeito está se apagando. Por conseguinte, a leitura da ficção, ou os leitores de ficção, também estão se esmiuçando. A literatura é mesmo essa chave que vai lá e abre esses lugares mais secretos do espírito, onde a gente guarda muitas dores, muitas alegrias. Por exemplo, a ficção que eu pratico, me ensina a esperar, a sonhar, a aceitar o que não posso mudar e nem resistir. É sobre esse ponto que estou lidando hoje na minha ficção, sobre coisas que eu não posso mudar e não quero mais resistir.

• Vida sem literatura

Não conseguiria viver uma vida sem leitura. Isso sem dúvida alguma me atrapalharia a minha relação com o mundo. A leitura é, como digo, essa intermediação o tempo todo, essa checagem. Escrever tem sido a coisa mais difícil do mundo para mim. Nem sempre tenho mais aquela disposição para escrever, porque mudei um pouco minha visão sobre a mistificação da literatura. Então poderia viver a vida inteira sem escrever, sem problema nenhum. Mas não viveria sem a leitura. Sem a leitura não conseguiria, por várias razões. Primeiro, porque essa é a única forma que aprendi durante a minha vida toda de entender o mundo. Só consigo entender o mundo a partir das leituras, a partir das minhas próprias concepções. E a partir disso eu crio esses constructos, que são as minhas ideias, que só servem para a literatura. Então, conseguiria viver sem escrever uma linha, mas teria que ler pelo menos uma linha por dia.

• Realidade e ficção

As discussões entre realidade e ficção eram um ponto fundamental para mim na minha infância. Não que eu tivesse muitas dificuldades de entender onde começava a realidade e terminava o sonho, nada disso, mas é porque, no meu caso, era necessário ficcionalizar um pouco a realidade em que vivia, porque, caso contrário, não restaria muito para aquela criança. Vim de uma cidade do interior, que hoje tem cerca de 300 mil habitantes [Juazeiro do Norte (CE)], mas antes era uma cidade muito simples — e ainda hoje é, porque não tem ainda um jornal sequer lá. Minha cidade passou pela ruína sem chegar ao apogeu, assim, nós não tivemos os grandes movimentos, não tivemos as grandes conquistas, as vibrações, etc. Quando eu era criança, escrevia porque era uma forma de me dar com aquela realidade. Por exemplo, havia um gênero lá na minha região chamado literatura popular, que muitas vezes as pessoas chamam ou confundem com cordel. E como não havia jornais, o que eu fazia naquela época era escrever sobre os fatos ocorridos na cidade, ou seja, sobre o incêndio do mercado, que de fato ocorreu, ou sobre um assassinato terrível, sobre o bebê de proveta, como também de fato aconteceu. E já vão 50 anos que faço isso, escrever. Então, às vezes, era necessário contar uma história, mas era necessário também, entender um pouco da imaginação, porque a literatura popular, ela é sobretudo a sua capacidade de gerar imaginação para as pessoas. Ali se confunde, portanto, o folheto de cordel com o romance de cordel. E eu sempre buscava mais a ideia do romance de cordel, ou seja, o imaginário daquelas pessoas, que era também o meu próprio imaginário.



A literatura é mesmo essa chave que vai lá e abre esses lugares mais secretos do espírito, onde a gente guarda muitas dores, muitas alegrias.”

• Ir embora

O que é que eu queria quando era criança? Queria ir embora, sumir. Ainda hoje acho que vivo essa sensação. Hemingway dizia que “o bom lugar é onde nós não estamos”. A minha ideia de fugir, de escapar da fome, da pobreza, da miséria, da família, seja lá o que fosse, fazia com que eu praticasse certas ficções. Então construí um determinado imaginário, uma ficção particular, para poder ir escrevendo as minhas histórias. Minhas histórias todas são fruto dessa minha capacidade de imaginar. Assim como havia o sonho, havia também o feijão. Ou seja, a realidade e o sonho de novo terminavam se tocando, precisando um do outro. Então, a literatura para mim nunca foi somente diletantismo. Eu precisava arranjar um jeito de ganhar a vida, ganhar dinheiro com aquilo.

• Origem

Nos anos 1970, na cidade em que nasci, Juazeiro do Norte (CE), o livro não era um objeto importante. Não havia livros em casa, não porque houvesse miséria, havia mesa farta e havia outras possibilidades de riqueza, digamos assim. Mas no meu caso, comeci a sentir falta mesmo dessa ideia da leitura sobretudo na escola, onde me aparelhei melhor para a leitura. Havia três portas importantes na escola, e acho que escolhi a melhor delas, sem nenhum demérito pelas outras. A primeira porta que eu encontrava na escola era a porta da merenda. A merendeira era mágica para mim. Primeiro porque vi muitos amigos desmaiarem de fome na escola, era uma situação terrível, um tempo de seca, miséria, um tempo muito duro. Esses amigos iam para a escola somente para comer, não havia outra razão. A outra porta que eu achava que, de algum jeito, me salvaria, era a da sala de aula. A porta da sala de aula me deu esperanças. Porque ali eu podia de algum jeito dizer para as outras pessoas, vejam, sou diferente. Embora fosse muito tímido, podia dizer “olha, consigo fazer coisas com um certo rigor, com uma certa poesia, eu posso me distinguir aqui”. A última porta da escola me alterou, porque era a porta da biblioteca. Ali eu podia executar um tipo de fazer, de pensar, de imaginar. A partir dessas experiências na biblioteca, comeci a escrever. Mais do que a escola, o livro foi importante. Toda a minha vida em relação à literatura é uma história de fuga. A ideia era, onde é que eu posso encontrar meu lugar no mundo? A biblioteca me pareceu o lugar mais adequado.

• Leitores para o mundo

Um bom leitor formado a partir da escola pública é aquele que consegue ler primeiro o mundo. Que consegue sair da escola. Uma ideia livresco demais atrapalha o nosso conceito sobre leitura. Um bom leitor formado na escola pública, repito, é aquele que sai interpretando o mundo, a sociedade, a comunidade em que ele vive de forma diferente, própria, crítica, esse é o leitor que interessa. Se ele passar pela leitura cognitiva da alfabetização e também pela leitura literária, excelente, mas o principal da escola não é formar leitores literários, o principal da escola é formar leitores para o mundo.

• Panorama da leitura

Há uns dez anos, quando estava mais próximo do Ministério da Educação, o Brasil tinha mais ou menos 250 eventos chamados de feiras ou festivais literários. Uma das propostas, inclusive no MEC, em relação às festas ou feiras, era justamente formar leitores. Não sei como que nós ganhamos leitores a partir desses eventos. Não temos como medir isso. Sobre a formação do leitor, como é que se perde o leitor? [Sidney Rocha se refere aos números da mais recente pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que apontou uma “perda” de 6,7 milhões de leitores no país nos últimos quatro anos]. Como é isso? Um leitor não se perde. Se você formou um leitor, não perde esse leitor. Outra coisa, se o Brasil, em alguma época, tivesse tido seis, sete milhões de leitores, o país seria diferente. Nós nunca tivemos sete milhões de leitores, essa é a questão. Talvez esse número, essa metodologia, esteja mais ligada ao hábito da leitura, ou sei lá, a uma amostragem. Mas nós nunca tivemos sete milhões de leitores, é impactante dizer isso. E isso não é uma coisa só do Brasil, na América Latina toda o quadro é tão rarefeito quanto aqui. São números que mostram o quanto nós não evoluímos no decorrer dos últimos 50 anos.

• Retratos da Leitura

Quem patrocina a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* hoje é um banco. E qual é a ação dos bancos em relação à produção de riqueza no mundo? É a produção de riqueza mais popularizada ou é a mais editorializada? Certamente que é mais editorializada, certamente que interessa a determinadas pessoas, inclusive grupos, dizer quais são os números do Brasil. A educação brasileira parece que é assim, é o número do Ideb [Índice de Desenvolvimento da Educação Básica]. Essa “idebilização” da educação, os scores, os números, todas essas coisas estão a serviço da ideologia, faz parte do capitalismo tentar simplificar a realidade de um país como o nosso. Há uma semana, cheguei de uma cidade chamada Sobral (CE), que é modelo de educação para o Brasil, modelo de educação para o mundo. E eu pergunto, será que é possível a gente “sobralizar” o Brasil? Será possível que a gente possa colocar as crianças para ler na idade certa, assim como fazem em Sobral há 30 anos? A quem não interessa um modelo “sobralizante” em São Paulo, na Bahia, em Pernambuco, onde quer que seja?



• Festas literárias

O que esses eventos fazem, na maioria das vezes, não é a busca de formação de leitor, é um outro tipo de interesse. O interesse de mercado. Sou editor há muito tempo e nos últimos 30 anos nós vemos as mesmas editoras nesses eventos. Nós não temos sequer mercado editorial no Brasil. Se pegarmos o mercado editorial da Europa, dos Estados Unidos, vemos a potência que são. Aqui nós temos algumas pessoas que vendem livros, três mil, quatro mil livros, sei lá. Tem gente que hoje diz que vendeu 1 milhão de livros, eu não sei, mas são números, de novo...

• Woke

Acho que esses eventos literários têm de ocorrer cada vez mais, mas eles precisam dar uma distinção um pouco maior para o livro, um pouco maior para a obra e menos para o autor, menos para a autora. Em uma época de *influencers*, todo mundo quer colocar a cara, o corpo, ser esses sub Oscar Wilde da contemporaneidade, sob o ponto de vista do narcisismo. Todos eles terminam confinando a nossa ideia de literatura a esse modelo, entre aspas, de mercado, ou da moda, de apresentar um produto, o que chamo de literatura de resultado. E muitos irmãozinhos e irmãzinhas nossas caem facilmente nesse jogo *woke*, nesse jogo pragmático, nesse jogo do discurso, nesse jogo da mensagem chamada de mercado no Brasil. Há um equívoco nisso.

• Nova produção

Acompanho os novos autores porque há muitos anos venho participando de conselhos editoriais, de editoras, como jurado de prêmios importantes, como Jabuti, Oceanos, São Paulo de Literatura, Prêmio Paraná, já estive no Prêmio Cepe, aqui de Pernambuco. Ou seja, naturalmente acabo lendo boa parte de uma amostragem do que se produz na literatura brasileira. A ponto de eu poder entender mais ou menos quais são as tendências e onde é que essa produção, digamos assim, se encontra na contemporaneidade do Brasil. E também acompanho em busca de uma surpresa, uma surpresa que não tenho visto. Posso ser injusto, mas eu não vi nenhum grande livro nos últimos 15 anos, pelo menos desde o percurso dos concursos literários, dos editais. Não tenho visto grandes evoluções na literatura brasileira.

• Sociologia

Espero que escritores e escritoras de talento que eu conheço, desçam desse trem da sociologia. Fui criado sob a influência de uma literatura engajada. Nós, no Brasil, líamos literatura engajada francesa, espanhola, latino-americana. O que nós vimos desse engajamento todo é que o mundo precisava mudar. E nossa literatura precisava mudar. E nós não andamos. Até conseguimos encontrar bons termos de literatura nos anos 1980, com grandes nomes, mas depois, e sobretudo agora, nos anos 2000, não evoluímos mais. Sobretudo sob essa contaminação da cultura americana — não estou falando só pela questão imperialista, não estou retomando aqui o velho militante dos anos 1980. É porque sofremos e herdamos essa linguagem americana do politicamente correto. O que derivou em um partidarismo, oportunismo de escritores e escritoras que terminaram “sociologizando” seus romances e criando teses sobre o Brasil. A meu ver, isso prejudica a literatura. Não somente essa “sociologização”, mas essa busca de interpretar o país. Nós já tivemos melhores interpretações do Brasil, meu povo. Tivemos Florestan Fernandes, Gilberto Freyre, tanta gente que interpretou o Brasil. No nosso ofício, que a gente retome a ideia da literatura em si. “Ah, mas eu posso discutir qualquer tema, porque no romance cabe de tudo.” Claro, você pode falar sobre o que você quiser, mas que o ponto fulcral, o ponto mais importante disso, seja a literatura e não o oportunismo, não a literatura de resultados.



ANNY STONE



O principal da escola não é formar leitores literários, o principal da escola é formar leitores para o mundo.”

• Regionalismo

Não empresto a minha literatura a nenhuma regionalidade. Minha literatura não está a serviço de nenhuma região do país. Não está a serviço de uma identificação, nenhuma causa identitária, minha literatura não está sujeita, nem está presa, a nada, eu tento produzir o que chamo de uma “libertatura”. Nós temos um neorregionalismo por aí, mas que não está mais somente na geografia. Ou seja, não é sobre o determinismo biológico, o determinismo que foi fundado por aquele terrível escritor, aquele geógrafo chamado Euclides da Cunha, que por volta de 1902 escreveu *Os sertões*, começando a definir que nossa literatura fosse aquele tipo de escrita sobre o interior, sobre os vaqueiros, etc. Hoje nós vivemos uma coisa diferente. Se pudermos falar em um neorregionalismo, vivemos fora desse determinismo biológico, com escritores que estão mais interessados na paisagem interior dos personagens, no grande sertão interior desses autores e dessas autoras.

• Literatura realista

O Brasil sofre e perde muito da sua literatura, justamente porque o escritor brasileiro — e o leitor brasileiro também está mal acostumado — está ligado ao realismo. Parece que nós não fugimos nunca desse realismo, então eu tento praticar uma literatura que não seja assim tão realista e que possa garantir a imaginação do leitor.

• Rotina

Escrever, para mim, tem sido muito difícil. Tenho muitas atividades durante o dia. Só escrevo quando é impossível não escrever. Mas não busco uma disciplina maior hoje em dia. Me dói a coluna, os olhos, quando escrevo. Estou chegando aos 60 anos, minha paciência é um pouco menor com a palavra e eu largo aquilo no meio e não ao modo de Hemingway, eu não largo o texto no ápice, eu largo quando o texto também me larga. Escrevo sem perseguir a literatura, de um jeito que aquilo me dê mais prazer e menos dor. É claro que

poderia romantizar e dizer que é o sentimento do mundo que me envolve. Não é bem isso, eu estou bem consciente de que não há muita salvação.

• Mudança

Acho que minha literatura mudou desde *Fernanflor*. Como escritor e como pessoa, tenho hoje um senso de gravidade muito maior em relação à vida. Este senso de gravidade faz com que minha literatura se mova sobre outras pernas, sobre outros movimentos. Então, hoje escrevo baseado em uma certa gravidade do mundo, uma ideia bem possível de que amanhã eu possa não estar aqui. Tenho escrito nesse sentido.

• Vida

Sou uma pessoa que gosta da vida, curto essa coisa de viver. E para mim a coisa mais importante é a vida, não é a literatura. A literatura, como disse, eu poderia viver sem ela, só preciso ficar mais atento para as coisas que tenho vivido, acho que de forma às vezes acelerada demais. Nós passamos por um episódio importante de calamidade humana na saúde recentemente com a covid-19, e ainda não está bem claro o que aconteceu conosco. No romance *O inferno das repetições*, discuto uma coisa da qual nós não estamos ainda muito atentos, que é a perda da memória coletiva. As pessoas estão perdendo neurônios, as pessoas foram tão atacadas pelo vírus que estão perdendo a memória. Essa fragilidade é uma coisa do nosso tempo.

• Romances e contos

Quem escreve contos e romances, sabe que há uma grande diferença entre um e outro. No conto, partimos de uma determinada estrutura, de um *leitmotiv* qualquer, escrevemos sobre um personagem e está tudo resolvido. Mas quando você escreve um romance, é tudo diferente, você não consegue se desligar daquelas almas, não consegue se livrar daqueles tormentos. E não são tormentos no sentido de que o escritor é um sofredor, nada disso. É que em busca dessa essência,



O melhor dos mundos


SIDNEY ROCHA

Iluminuras

234 págs.

dessa condição humana, o romancista tem que ser diferente mesmo, ele tem que viver aquilo completamente. E a angústia do escritor não está no sofrimento do seu personagem. Mas pelo tipo de escritor que sou, eu me angustio pela linguagem. Então, fico muito feliz quando um leitor nota o rigor da frase, o ritmo, porque tudo isso tem mesmo a ver com o sentimento dos personagens, com a própria trama, a dança que há nisso. Minha angústia está sempre no sentido de que eu termine por escrever algo que seja tão absolutamente vivo, que as pessoas digam: “Isso de fato acontece com alguém ou acontece comigo”. Se conseguir, nesse jogo da frase, garantir um leitor ou uma leitora, estou feliz. E a minha angústia é justamente de buscar ao máximo possível a frase perfeita, ao modo de Flaubert, a palavra certa, até eu poder, a partir dali, entender que estou fazendo o melhor que posso.

• Oficinas de escrita

Quando alguém entra em um curso ou uma oficina de literatura, já tem mais ou menos uma ideia do que quer. Eu não vou transformá-lo em escritor, mas sei que ele é um leitor em potencial. E não dou oficinas, não sei dar oficina de literatura, dou cursos de literatura, ou seja, cursos de escrita literária e cursos de leitura literária em módulos e também em universidades. Acho que esses cursos de pós-graduação no Brasil são importantes porque terminam formando ou melhorando a leitura de alguém. Nos meus cursos, tenho formado leitores jornalistas. A maioria das pessoas que procuram os meus cursos são jornalistas. E jornalistas não têm o hábito nem o prazer de ler. Porque ter o hábito de ler é fácil, o problema é você ter prazer em ler. Como é que vou ensinar a gozar com a leitura? É sobre isso, é esse o objetivo. Esses cursos têm funcionado para muitas pessoas. Elas têm comprado mais livros, lido mais livros, se preocupado mais com essa questão da imaginação. 

> Leia na página 20 o Paiol Literário com **Maria José Silveira**.

Mergulhar e emergir

Breve ato de descascar laranjas, de Bianca Monteiro Garcia, revela pulso e consciência de composição

CRISTIANO DE SALES | CURITIBA - PR

A ausência do pai é o abalo sísmico que leva ao mergulho que só vai aprofundando no decorrer do **Breve ato de descascar laranjas**, de Bianca Monteiro Garcia. O livro acaba ganhar o prêmio Jabuti 2024 na categoria poeta estreante.

Esse mergulho feito na voz da poeta nos leva para o mais profundo do mundo. Literalmente, ou melhor, geologicamente, vamos com ela para as camadas mais profundas da terra, que podem, claro, ser também as camadas mais profundas de quem elabora a dor e a falta.

O primeiro poema, endereçado ao pai, se oferece feito missiva:

*pai,
desde que partiu
me vejo incapaz de
encarar
espelhos*

*desvio os olhos
ao perceber que
vesti seu rosto*

O que parte não é apenas o pai, sabemos, é também o espelho que mantinha algum rosto no lugar. Agora, sem espelho, não há saída que não passe pela elaboração da própria imagem. Esse parece ser o esforço das duas primeiras partes do livro, pois na segunda a poeta tratará da ausência da avó.

O gesto escolhido então consiste nessa sondagem que vai para o fundo da terra e de si. A obra está dividida em *descontinuidade de mohorovičić*, *crosta*, *manto* e *núcleo* (camadas de estruturação da terra). O *start* é uma fratura, que em ciência representa, justamente por meio da descontinuação, um elo entre a superfície e a profundidade. Esse arranjo do livro revela a complexidade do mergulho, pois não se vai diretamente ao centro da terra, ou de si. Começa-se já do intervalo (*mohorovičić*), da falta, da ausência, volta-se para a superfície, a face do pai, da vó e de si, para depois se aprofundar novamente, dessa vez em direção ao manto e, enfim, ao núcleo.

Fluxo de sentido

O que descontinua é, em verdade, o reconhecimento de que aquilo que acreditávamos estável, o que nos liga à base, também é uma impermanência, um fluxo de

sentido que não cessa de se refazer. Diante disso e da saudade, o desespero para respirar nos leva para mais próximo da superfície, a crosta, onde, no caso deste livro, se encontra a vó. Mas também para onde não vamos sem antes rearranjar a casa:

*muita coisa morre quando morre uma pessoa
a casa morre
fica a carcaça
(...)
muita coisa morre quando morre uma pessoa
a casa habita outras memórias
e o que resta da família habita outras casas
uma moradia fincada no limbo.*

Fazer da carcaça que fica uma casa suportável. Uma casa em que se pode novamente constituir memórias, cercar de sentido a obra acabada, o pai, para conhecer melhor a si mesma. Refazer o rosto, a superfície em outros espelhos. Juntar cacos da face do pai em mosaico com a face da vó. Revirar a própria face até entender, ou melhor, saber da morte. E saber também que qualquer tentativa de fixação de residência, ou de identidade, é habitar um limbo.

Bianca Monteiro Garcia faz dessa escrita de dor o movimento lírico de traçar contornos possíveis e ordinários em direção ao profundo desconhecido, o núcleo. Da terra? Não, de si. Mas se engana quem pensa encontrar um livro duro, pesado, de morte. Antes, é um livro de elaboração e articulação das coisas mundanas e suas perdas.

A imagem que intitula o livro, por exemplo, vem do (f)ato curioso de descascar laranjas em estado de sonambulismo, como fazia o pai. Mas o mesmo ato se memoriza na explicação que o pai dá sobre a rotação da terra. Evidência também de um pai presente que faz doer ainda mais a falta.

O ordinário da vida e da poesia de Bianca aparece com força na crosta, ou melhor, na parte em que a falta é a avó. Em um poema prosaico singelo e bonito, encontramos a tentativa de preparar o prato de batata-doce que aprendeu com a vó, tentativa frustrada:

*elas murcharam, queimaram e não douraram. estavam cruas por dentro e duras por fora. eu sei fazer batata-doce. aprendi com quem muito tinha o que ensinar. você sempre me disse que é preciso boa vontade para fazer comida gostosa. é isso, então!
as batatas perceberam no meu choro tímido a falta do som que saía do rádio e seu balbucio tímido...*

A tentativa de se conectar com a vó por meio do preparo de uma comida, seguida de uma frustração, revela não apenas que a poeta ainda não esteja pronta para encarar de novo o espelho, mas evidencia também a tentativa de aproximação com a ancestridade. Preparar uma comida juntas, aprender a receita e o rito deram espessura a uma vivência temporal que fortaleceu a relação. O foco da percepção da cena deslocado para as batatas (elemento fundamental em idiosincrasias que se fiam na ancestralidade) revela a experiência não mais possível, dado que esta, a experiência, se dava na relação, na vivência com o que não está mais posto em presença física. Talvez as batatas voltem a ficar douradas quando quem ficou, o eu-lírico, aprimorar sua evocação ancestral. Quando o espelho for recomposto para rostos e memórias.

BEATRIZ MENEZES



A AUTORA

BIANCA MONTEIRO GARCIA

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ), em 1994. É editora da Macabéa Edições e da Taioba Publicações. Formada em Letras e especialista em Literatura Brasileira pela UERJ. É revisora, professora e pesquisadora. **Breve ato de descascar laranjas** é seu livro de estreia.

Mergulho para dentro de si
O livro parece cindido ao meio. A terceira e a quarta parte vão sondar o mergulho para dentro de si em episódios de uma internação em dois níveis. Cenas do tempo vivido num hospital psiquiátrico e de pandemia. Nessa parte, já estamos indo do manto ao núcleo. A patologia é evocada, mas não apenas como culto à melancolia, antes, como forma de se deixar arrebatar pela experiência artística (outro sentido filosófico para o conceito de *pathos*).

Em cenas patéticas (etimologia também em *pathos*), Bianca articula, sem abrandamento e sem enaltecimento da dor, modos de recompor as perdas e de encarar o desconhecido.

A casa descascada da primeira parte volta no baldio do quarto do hospital, “a cama de solteiro empurra a parede lilás/ do meu quarto descascado” (...) “e da madrugada mais fria do ano/ improviso num colchão sem cama/ agora o desejo de um quarto baldio/ o desejo de um mundo-casulo”. Da casa ao quarto, da cama ao colchão, vemos o mundo da poeta se encasulando. Vemos o mergulho no fundo de si, tendo a ver com os limites da fisiologia e com a recomposição das memórias.

O baldio do quarto, na última parte, quando se chega ao núcleo, se expande ao mundo. Tempo de pandemia.

Paradoxalmente, como todo exercício de compreensão de si, no encasulamento articulado pelos poemas, na aproximação do mais fundo do mundo, do núcleo da terra, é que a força da rememoração da poeta começa a se voltar para a amplidão. Afinal, depois da falta do pai e da avó e, podemos dizer, de si, a imposição do isolamento compulsório promovido pela pandemia acaba materializando outra falta, a do céu, “este céu que faz falta no peso do corpo”.

A percepção dessa outra falta, a do céu, marca uma virada final no livro de Bianca. Desse verso em diante, que aparece no poema de abertura da última parte (*núcleo*), o livro ganha novo respiro. Um poema de temática rural, outro que chama para o reaprendizado do corpo e dos modos de lidar com as doenças, um que retoma objetos da infância, outro que fala de futuro. Porém tudo sem falsas ilusões, sem romantismo ou mistificação de uma bela vida; aliás tudo ainda permeado de melancolia. No entanto, uma melancolia de recomposição. Justo quando se chega no mais profundo dos níveis da terra e de si, o livro deixa novamente respirar.

Como ao final de **Claro enigma**, de Drummond, parece surgir uma brecha de céu azul. Mas, também como em Drummond, esse céu que abre não promete mundo melhor. Apenas devolve o sujeito ao devir-mundo, sem “troféu na linha de chegada”.

Como é de se esperar de um livro de estreia, Bianca não deixa de homenagear todo um repertório que a formou. No entanto, ela mobiliza esse repertório na sondagem de si, dando a entender que o que torna possível voltar a olhar-se no espelho é o quanto do outro carregamos em nós. **1**



Breve ato de descascar laranjas

BIANCA MONTEIRO GARCIA
Macabéa e 7Letras
132 págs.

Memória, invólucro do tempo

Poética de **Maria Lúcia Alvim** é marcada por certo preciosismo vocabular, com o uso recorrente de outros idiomas e do registro oral

RENAN NUERNBERGER | SÃO PAULO - SP

É com assombro e entusiasmo que me deparei com o volume **Poesia reunida**, de Maria Lúcia Alvim. Com mais de quinhentas páginas, o livro coloca novamente em circulação o trabalho de uma poeta vigorosa, que foi capaz de forjar um singular “estilo mesclado”, no qual se conflagram certo preciosismo vocabular, incluindo a mobilização recorrente de outros idiomas, e um uso desembaraçado do registro oral, com uma especial atenção à dicção popular do interior de Minas Gerais.

A edição, organizada por Guilherme Gontijo Flores e Ricardo Domeneck, traz todos os livros da poeta publicados em vida, de **XX sonetos** (1959) até **Batendo pasto** (2020), além de dois inéditos, **Rabo de olho**, datado de 1992, e **Sala de branco — vinte variações**, datado de 2002, e alguns dispersos. Vale destacar, de imediato, o apuro editorial do volume, com pequenos comentários na introdução de cada livro e enxutas notas de rodapé, que esclarecem citações, traduzem trechos em francês ou inglês e sinalizam variantes de versos. Bastante úteis para os leitores que não dominam outros idiomas e para futuros pesquisadores da obra, essas notas estão diagramadas numa tipografia discreta, o que garante a autonomia visual da mancha gráfica dos poemas.

Também vale assinalar a qualidade do prefácio de Juliana Veloso, que faz uma sintética apresentação da trajetória artística de Maria Lúcia Alvim, e do posfácio de Guilherme Gontijo Flores, que traça um breve perfil biográfico da poeta. Balizada entre esses dois paratextos, **Poesia reunida** revela assim um empenho de consagração, ainda que tardia, de Alvim, movimento iniciado com a publicação recente de **Batendo pasto** (2020) pela mesma editora, com os mesmos organizadores.

Não se trata de um fenômeno isolado: nos últimos anos, inúmeras poetisas têm passado por um processo semelhante, com a celebrada publicação de suas obras reunidas. Cito, de cabeça, nomes

como Gilka Machado, Adalgisa Nery, Hilda Hilst, Orides Fontela, Adélia Prado, Lu Menezes e, recentemente, Maria do Carmo Ferreira e Angela Melim. Tais reedições, em conjunto, parecem propor uma ampliação do panorama da poesia produzida no Brasil no século 20, reinserindo na vida cultural contemporânea obras de mulheres que, em maior ou menor grau, haviam sido lateralizadas (ou mesmo esquecidas).

Entretanto, para que tal proposta de fato se consolide, será preciso ultrapassar a mera constatação objetiva (a bem-vinda publicação desses livros), fazendo um esforço crítico de comparação entre diferentes poéticas que se constituíram de modo mais ou menos concomitante, sem perder de vista o chão histórico e o horizonte de expectativas nos quais essas autoras desenvolveram seus respectivos trabalhos. No caso de Maria Lúcia Alvim, a existência relativamente regular de períodos de publicação a cada virada de década parece facilitar o rastreamento das modulações estéticas com as quais (ou contra as quais) escrevia a poeta, num movimento cíclico no qual se enovelam todos os motivos de sua obra.

Domínio técnico

A estreia de Alvim é marcada pela premiação no V Concurso de Poesia de *A Gazeta*, com a decorrente publicação de **XX sonetos** (1959) pela Seção de Obras da Fundação Cásper Líbero. Ora, a própria premiação já coloca em questão a suposta falta de lugar da poeta naquele final de década marcado, *grosso modo*, pelo experimentalismo neovanguardista. Em 1958, enquanto concretos e neoconcretos ainda estavam em sua fase polêmica, sem o prestígio literário que alcançariam posteriormente, a sensibilidade do júri do concurso reconhecia o domínio técnico nos sonetos de Maria Lúcia Alvim, nos quais, em alguns momentos, já se esboça o anseio subjetivo de amálgama com a natureza, motivo recorrente de sua obra madura:

*Verbena (mas coisa vã)
imponderável alfaquim
numa imatura manhã
em breve azul de calim
talvez precária e malsã
quase prenúncio de mim
(...)*

A epígrafe da primeira seção de **XX sonetos** traz uma citação de Paul Valéry, poeta francês valorizado pela geração de 45 e, curiosamente, também citado como epígrafe em outro livro do mesmo ano, **Dez sonetos sem matéria** (1959), de Sebastião Uchoa Leite. Valeria mencionar, pensando ainda na fatura formal, os sonetos de Hilda Hilst publicados em **Roteiro do silêncio** (1959). Tais aspectos permitem vislumbrar o repertório *partilhado* da jovem autora, o que não significa reduzir — ao contrário, parece-me realçar — suas qualidades particulares.

Nos livros seguintes **Coração incólume** (1968) e **Pose** (1968), Alvim começa a explorar outras formas, incluindo o verso livre, e amplia os motivos de sua poética, que se torna sensivelmente mais erótica. Pensando nessa ampliação, seria interessante comparar um poema como *Cartão-postal*, dedicado ao irmão Francisco Alvim, com *Fogo fátuo*, publicado no mesmo ano pelo próprio poeta em **O sol dos cegos** (1968). Na outra ponta, ainda nesses livros dos anos 1960, o domínio técnico do soneto reaparece, por assim dizer, *somatizado*, ganhando uma renovada força inventiva que se manteria por toda a trajetória de Maria Lúcia Alvim, como ocorre em *Touro*:

*Negra é a sorte
meigo bisonte
Sequer a morte
tão informal*

*vem surpreender-te
na solidão.
(Saber morrer
plasticamente,*

*dura lição).
Ajazado
ornamental*

*teu vivo sangue
o velo insonte
cobre. Final.*

Estrutura de inventário

Mais de uma década depois, a inventividade de Maria Lúcia Alvim alcançaria seu ponto máximo em **Romanceiro de Dona Beja** (1979), o “mais brilhante de seus livros” nas palavras de Juliana Veloso. No caso específico desse livro, é mais difícil vinculá-lo diretamente ao debate literário de meados dos anos 1970, uma vez que seu empenho de revisitação histórica a partir de um gênero tradicional parece encontrar par somente no **Romanceiro da Inconfidência** (1953), de Cecília Meireles, antecipando-se, em certa medida, à incursão do **Auto do frade** (1984), de João Cabral. Entretanto, ao contrário destas outras obras, o romanceiro de Alvim implode os limites do gêne-



Poesia reunida

MARIA LÚCIA ALVIM
Relicário
564 págs.



A AUTORA

MARIA LÚCIA ALVIM

Nasceu em Araxá (MG), em 1932. Autodidata, dedicou-se exclusivamente ao trabalho com a poesia e com as artes plásticas. Publicou **XX sonetos** (1959), **Coração incólume** (1968), **Pose** (1968), **Romanceiro de Dona Beja** (1979) e **A rosa malvada** (1980), posteriormente reunidos em **Vivenda (1959-1989)**. Após um longo silêncio, publicou **Batendo pasto** (2020), livro elaborado em 1982 e entregue aos cuidados de Paulo Henriques Britto. Faleceu em 2021, em decorrência da pandemia de covid-19.

ro, assumindo uma estrutura de inventário das formas poéticas mobilizadas, ao longo do século 20, diante da matéria histórica de Minas Gerais. Não é difícil perceber, por exemplo, o diálogo com Drummond de **Lição de coisas** (1962) em trechos como:

— *Rio Grande*
— *Rio das Velhas*
Quebra-Anzol
— *Capivara*
— *Paranaíba*
Tamanduapava

Por sua vez, **A rosa malvada** (1980) aproxima-se da linguagem distendida dos anos 1970, ainda que mantenha o vocabulário próprio da autora. Para Heloisa Teixeira, esse livro faria parte de uma onda, no jargão então em voga, “pós-feminista”, estando alinhado a obras como **Luvax de pelica** (1980), de Ana Cristina Cesar, e **Papos de anjo** (1980), de Lucia Villares. Diante disso, não soa estranha a inclusão de Maria Lúcia Alvim na antologia **Poesia jovem — anos 70** (1982), organizada pela própria Heloisa Teixeira e por Carlos Alberto Messeder Pereira.

Nessa época, aliás, a produção de Maria Lúcia Alvim tinha uma boa recepção no ambiente cultural: pouco depois da publicação de **Romanceiro de Dona Beja**, com apoio do Instituto Nacional do Livro, a poeta realizou em 1981 uma mostra individual de seu trabalho como artista plástica em *Retratos e colagens*, na Petite Galerie, cujo catálogo trazia texto de apresentação de Darcy Ribeiro. No final da década, Alvim reuniria toda sua produção editada até então em **Vivenda**, publicada na fundamental coleção Claro Enigma, organizada por Augusto Massi.

Destaco essa circulação naquela década para relativizar a ideia de que a poeta teria sofrido passivamente um processo de apagamento de sua obra nos anos 1990 e 2000. Ao contrário, no início dos anos 1980, ao se mudar para a Fazenda do Pontal e decidir manter **Batendo pasto** inédito, Maria Lúcia Alvim demonstra ter uma postura ativa, *de negação* do ambiente cultural no qual estava bem inserida — o que, por outro lado, não impediu a continuação de sua pesquisa estética, em certo sentido radicalizada nas colagens de **Rabo de olho** e **Sala de branco**.

Seria difícil sondar os motivos que levaram a artista a abandonar aquele ambiente, embora isso não nos impeça de reconhecer a coragem de seu gesto. Mais importante do que esse mistério biográfico, no entanto, é assimilar a temporalidade estendida que a postura ativa de Maria Lúcia Alvim estabelece. Contra a voragem do consumo imediato, brotando quase três décadas depois de germinada, a floração tardia de **Batendo pasto** tem algo da sabedoria daqueles que se deixam apreender pelos ciclos naturais, como ensina *Baixio*:

Mil vezes

esgotar córrego

Bolero existencial

Em **O inferno das frases de efeito**, Jair Ferreira dos Santos desenvolve com habilidade várias linhas narrativas, num conjunto vivo e coerente

SABINA ANZUATEGUI | SÃO PAULO - SP

“**N**ão tem mais nada acima da banalidade. Nem a morte. Em Foz, vai-se a velório de bermuda.” June diz essa frase no Dallas Hotel — de comodidade e pretensão moderada — depois de trepar preguiçosamente com Max. Ambos acabaram com os chocolates da cesta sobre o frigobar. Apaixonados no fim da juventude, Max e June se reencontraram no estacionamento do supermercado Nova Canção, na pequena cidade de Monte Castelo, a sessenta quilômetros de Londrina, região norte do Paraná. June, que não é confiável, se veste mal, não bate bem, só pensa em sexo (segundo as mulheres da cidade); que não é bonita, mas interessante (segundo ela mesma) — é June, *larger than life*, quem amarra o romance-bolero **O inferno das frases de efeito**, de Jair Ferreira dos Santos.

Planejado com calma e cuidado, o romance nasceu com a intenção de mostrar as transformações socioculturais de uma cidade interiorana no auge do primeiro governo Lula, conforme explica o autor em entrevista à revista *Cândido*, em 2015. Um capítulo chegou a ser publicado na revista paranaense *Helena*, em 2014. É neste capítulo (que permanece no romance agora lançado pela 7Letras), que encontramos uma palestra sobre bolero, o gênero musical:

(...) enquanto dança, o bolero pouco dramatizava, era quase lazer em torno do sofrimento destilado nas letras (...) praticamente não havia esforço no seu popular dois pra lá dois pra cá (...)

Já, nas letras, o gênero representava o que não gostávamos de revelar:

(...) abrindo o cofre secreto onde escamoteávamos nossa baixaria sentimental, nos obrigava a incluir o mais que vulgar entre as nossas verdades.

Um romance-bolero, nessa chave de interpretação, é o que **O inferno das frases de efeito** nos apresenta: um livro fácil e agradável de ler, em que se desenvolvem com habilidade várias linhas narrativas, num conjunto vivo e coerente — e nesse enredo, que fisga o leitor por sua fluidez, vai se revelando nossa “única, reles e maravilhosa humanidade subcontinental” e o desamor “imenso na solidão e na miséria latino-americanas”.

Tom de romance noir

Max Strasser, o narrador, aos cinquenta anos, volta a Monte Castelo atendendo a um chamado de seu irmão mais velho. Os primeiros capítulos têm um tom de romance *noir*: o personagem chega à cidade sem que saibamos claramente seus motivos, encontra uma velha conhecida (“loira e bela”) enredada num caso de infidelidade conjugal, e segue esbarrando em outras figuras daquele ambiente, num cenário que se revela cada vez mais nebuloso. Há um pai morto e inesquecível, há advogados, dinheiro e negócios escusos, há um peão quase morto em circunstâncias suspeitas. Essa trama vai se amarrar?, nos perguntamos durante a leitura. Crimes e traições se encadeiam num mesmo jogo sujo dos poderosos?

À medida que o romance avança, as respostas vão se mostrando mais realistas e melancólicas. Max, ex-poeta, é um homem apagado em meio às turbulências; os outros personagens são grandiosos, ele não. É o filho mais novo e pouco amado, é um funcionário público, é um meio-irmão. Seu olhar observador se mantém em baixo tom: ele tem a função de narrar. Max se encontra num mundo de meia-idade, as pessoas à sua volta envelhecem e enriquecem. Entre seus pares mas-



O inferno das frases de efeito

JAIR FERREIRA DOS SANTOS
7Letras
264 págs.



O AUTOR

JAIR FERREIRA DOS SANTOS

Nascido em Cornélio Procopio (PR), em 1946, mudou-se para o Rio de Janeiro (RJ), em 1971, onde se formou em Comunicação Social pela UFRJ. É autor de **O que é pós-moderno** (1985), da coleção *Primeiros Passos*, ainda em catálogo, com inúmeras reimpressões. Foi editor da revista *Veredas*, do Centro Cultural Banco do Brasil. Além de ensaios, publicou **Kafka na cama** (contos, 1980), **A faca serena** (poesias, 1983, prêmio APCA), **A inexistente arte da decepção** (contos, 1996) e **Cybersenzala** (contos, 2006).

TRECHO

O inferno das frases de efeito

A calcinha desaparecera não sei como e ali estava sua vagina depilada, roxa, branca, tensa, levemente inchada, levando-me imediatamente para os meus quinze anos numa vertigem de inocência e delicadeza, como um breve poema recortado em sua pele, até ela deitar-se sobre mim e conduzir meu membro para dentro do seu corpo e começar uma sequência de movimentos mínimos (...)

culinos, que buscam ressuscitar a virilidade com mulheres mais jovens, Max redescobre o mistério da vida em June: sua vagina, a Capela Sistina, “cultuada como um instrumento de dominação”.

O título **O inferno das frases de efeito** ressoa em vários aspectos do romance. Logo no início, num avião atrasado e lotado, Max observa os passageiros à sua volta. Ele reflete que é “cretino, embora não desagradável, descrevê-los”. Na sequência, a descrição traz expressões empetecadas: “coque banana, estofado de autorrespeito”, “química abaunilhada dos fixadores”, “imitações que tanto lhe baixavam a crista”, “enrunchou-se, enroscando e desenroscando o dedo no seu colar de pérolas”. A alusão a Machado de Assis nos leva a suspeitar que o estilo poderia ser uma grande paródia. Entretanto, a opção estilística da narração vai se mostrando mais complexa, a partir do ponto em que a memória de Max nos apresenta seu pai, Celso Strasser. Este “parecia habitar algo semelhante a um grande romance não escrito”: Rio de Janeiro, anos 1950, Partido Comunista, Black Label, Zeppelin, Itamaraty — uma época de sonhos grandiosos. Celso se manterá teatral até na morte. Com trajetória mais modesta, o filho não herda do pai a grandiosidade, mas a nostalgia da eloquência.

Tal eloquência, agora, se dilui em novo padrão de riqueza em que “transmitir seu modo de estar no mundo” revela elegância. A mais jovem herdeira da família Strasser será decoradora. Em conversa com a colunista social da cidade, nascem reflexões ponderadas — a colunista, afinal, é mais inteligente que o narrador supunha. Buscar a riqueza ou abrir mão dela; ironizar os ricos ou compreendê-los — as escolhas se tornam menos graves, numa época de bonança (a história se passa em 2011). Max abandona seu emprego de servidor celetista para se tornar novamente o laranja da família, e tudo bem. O romance *noir* se transforma em bolero e caminha para a maturidade existencial: o narrador sobreviverá, em sua “assustadora liberdade em lidar com a solidão”.

Os leitores que conhecem os trabalhos anteriores de Jair Ferreira dos Santos encontrarão em **O inferno das frases de efeito** uma síntese da sensibilidade do autor, que se manifestava na ironia de seus contos, e na precisão afetiva de seus poemas; ao mesmo tempo irônico e afetivo, o romance nos apresenta um mundo que aceitamos amar em desconfiança. É assim, também, que Max pode amar June: seduzido por sua “psicopatia frustrada”, ele tenta compreendê-la, preso à vivacidade dela. Enquanto isso, June dorme, acorda, segue em frente como a vida.

Se o romance ainda pode ser o gênero literário do novo mundo, como se perguntava Bakhtin — a forma literária que reúne o passado acabado e o presente risível, e reflete as transformações da realidade em seu próprio inacabamento —, **O inferno das frases de efeito** é um romance à moda antiga: contemporâneo, adaptável. Um belo livro que nos traz “lições nojentas de aceitação” e bençãos misturadas. **📖**

A floresta branca

Refúgio para bisões aborda pertencimento e preconceito por meio de um paisagista obcecado em plantar um bosque alemão em Porto Alegre

SÉRGIO TAVARES | NITERÓI - RJ



DIVULGAÇÃO

N uma de suas saídas para obter os espécimes que irão constituir o bosque alemão que pretende plantar no jardim do prédio onde mora, o protagonista de **Refúgio para bisões**, romance de estreia de Gabriel Eduardo Bortulini, dá uma amostra de sua personalidade pernóstica. Incentivado pelo proprietário do viveiro a adquirir um imponente líquidâmbar, ele fica balançado diante do espetáculo de cores e texturas, para sumariamente desistir ao se lembrar de que não se trata de uma árvore europeia, e sim americana. Clóvis é um sujeito que se ilude facilmente com suas obsessões. Mesmo sabendo da dificuldade das plantas frias vingarem no clima temperado de Porto Alegre, o arquiteto se recusa a aceitar qualquer mudança em seu projeto original. Imagina que tem a ver com sua herança genética, os bisavós germânicos que foram colonos fundadores da cidade de Nova Petrópolis, no interior do Rio Grande do Sul, imigrantes que sempre estiveram certos de suas raízes. E é a partir desse aspecto interpretativo que esse livro *sui generis*, um dos vencedores do prêmio Biblioteca Digital do Paraná (2021), revela sua ambição binária, usando da metáfora da paisagem e de um manual dendrológico para tratar de temas como (não) pertencimento, adaptação, xenofobia e, cavando mais fundo, intenção de superioridade ariana.

É um estudo de personagem, em sua construção narrativa. Um método que institui um dilema entre agente e ação semelhante ao que Albert Camus promoveu em **A queda**. Na clássica

novela do escritor argelino, um advogado parisiense, autocentrado, restrito a seus valores, reflete sobre moralidade e existencialismo tendo como fato catalisador o testemunho de um suicídio (ou a queda que pressente a morte) que o remete a um afastamento da realidade. Troca-se aqui por um paisagista gaúcho, pedante, fixado num plano que aspira executar a qualquer custo, com uma idealização transversa de mundo que explicita haveres problemáticos. Quando questionado, ou censurado, por outros condôminos sobre a validade de reformar a área verde de um prédio, plantando “um monte de árvores que não tem nada a ver com Porto Alegre”, ele lança mão de estratégias insidiosas para trazer a síndica para o seu lado. Com a vizinha Hélen (que, mais para frente, vai se revelar uma marca em sua vida), Clóvis se mostra um cretino assumido, praticando um pedagogismo humilhante. Sua conduta deflagra facetas de sua expressão interna mediante os desdobramentos de investidas que sempre buscam uma solução imediata, ainda que apoiada em justificativas que se sustentam em critérios do passado. Como o personagem de Camus, suas sustentações se colocam em distância e indiferença máxima das proposições alheias, precedendo sua responsabilidade, a não ser que interfiram em seu propósito. Seus olhos sofrem de heterocromia, que usa para se vitimar, quando lhe convém. De outro modo, manifesta a impressão pessoal de que há em si um hibridismo que lhe situa onde não deveria, por completo, estar.

O AUTOR

GABRIEL EDUARDO BORTULINI

Nasceu em Campinas do Sul (RS), em 1991, e vive em Porto Alegre. É graduado em Jornalismo pela UFSM e tem mestrado e doutorado em Escrita Criativa pela PUCRS. É um dos fundadores da Oxibá Casa da Escrita, onde atua com leitura crítica e lapidação de textos. Escreve prosa e poemas e alguns de seus textos estão publicados em revistas e antologias. **Refúgio para bisões**, seu romance de estreia, foi um dos vencedores do prêmio Biblioteca Digital do Paraná de 2021.



Refúgio para bisões

GABRIEL EDUARDO BORTULINI
Matria
252 págs.

Crise existencial

Pesa, em seu âmago, uma angústia em ser meio latino, meio europeu. Sobretudo ao remontar a saga de seus antepassados em solo brasileiro, e se considerar “o responsável pela morte de uma tradição”. Não perpetua a presença viva dos costumes e do idioma que seus bisavós, mesmo com as impostas adaptações, souberam preservar. Ele é embuste, um alemão que sequer tem contato com a neve. Numa passagem em que relata um regresso à sua cidade natal, descreve uma espécie de transe ao se hospedar na casa onde passou a infância, sentindo fisicamente que ali “o último resquício de brasilidade se esfacelava”. Clóvis vive em crise existencial e busca compensar parte desse desajuste materializando outro, um bosque cuja flora não está alinhada com as características geoclimáticas de onde será plantada. As árvores que elege — e, principalmente, os argumentos que defende para preterir outras — oferecem possibilidades implícitas de leitura, subtextos que decorrem de raciocínios patéticos a certezas impregnadas de preconceitos inconscientes.

Clóvis entende mais do que imagina (...) Sabe, por exemplo, que a língua dos imigrantes se modificou de uma forma diferente da língua de quem permaneceu no país de origem. Apesar disso, ainda custa a aceitar a influência do português no idioma dos bisavós. Mas é a própria evolução. Clóvis sempre esteve tão certo das origens, que jamais questionou a mais comum das árvores que escolhia.

O único desvio que faz a essa retenção de pensamento e modo de ser desemboca em Rocío Prada, uma antiga professora de arquitetura, austera e lacônica, que vive numa chácara isolada onde projetou e cultivava sua própria área verde. Clóvis relata para ela as atribulações do seu plano, no que a mentora lhe aconselha a não se ancorar na concepção do bosque ideal, mas do bosque possível. “Os obsessivos também fazem concessões”, adverte. Mas o ex-aluno persevera em seus conceitos inflexíveis, no que Prada lhe convence a viajar para a Alemanha, de modo a estar no ambiente natural das árvores que deseja adaptar, na terra abandonada pelos seus ancestrais. Dias depois, o paisagista pousa em Frankfurt, depois toma um táxi para a cidade de Heidelberg, onde reencontra amigos e conhece uma brasileira que será determinante para essa parte de sua história. A cada jardim que visita, em cada floresta, vivencia a sensação de ter enfim chegado “em casa”, no entanto não custa para experimentar, na carne, que, assim como as plantas, a natureza humana é suscetível a transformações quando deslocada de seu território original, e mesmo que as raízes carreguem traços de uma legitimidade identitária, para o nativo, um estrangeiro será sempre (re)tratado como um estrangeiro.

TRECHO

Refúgio para bisões

Essa é parte dos fatos que Clóvis talvez não ignore, mas, pelo menos, se esforça para esquecer. Está convencido de ter se apressado e de que a pressa atrasou o bosque. Mas não culpa o conceito, não culpa a escolha das espécies. As plantas eram as ideais, as mesmas plantas cultivadas desde os primórdios da antiga Germânia, e ele chega a imaginar um ancestral corpulento lutando contra imensos bisões entre carvalhos robustos (...)

Bortulini vai bem em sua estreia, com uma escrita econômica e segura que se dedica à contextualização progressiva do tema principal, bem como à elaboração de um protagonista complexo, repleto de contradições no jeito distorcido de agir e entender suas motivações, a todo tempo espelhando curso dos fatos e subentendimentos. Os acontecimentos servem ao pensamento e só por meio deste se exprime o sentimento, transformado numa metáfora ou num comentário social. Aliás, ainda que semeado de mensagens, o autor nunca é expositivo ou cai nesse procedimento irritante de esclarecer tudo para o leitor ou apontar onde este deve olhar, impedindo que a trama reverberasse livremente dentro e para além do texto. Não é uma narrativa de trânsito fácil, requer paciência nas páginas iniciais, contudo, pelos elementos inusitados que se utilizam para ligar os personagens a outros componentes do enredo, faz com que nunca mais se veja uma árvore da mesma maneira, embora não seja sobre árvores que se esteja falando aqui.

Nas páginas finais, ocorre uma série de fechamentos que, a um instante do trinco, desarmam-se e se convertem em novas possibilidades de alimentar equívocos, mostrando caminhos de uma realidade imaginada onde se busca a resolução para um conflito que se produz em si. A certa altura, o advogado egocêntrico de Camus contabiliza os deleites que lhe proporcionava a profissão, moldando-o um homem que encontra satisfação ao se achar num plano mais elevado que os demais. “Um terraço natural, a quinhentos ou seiscentos metros acima do nível de um mar ainda visível e banhado de luz, era, pelo contrário, o lugar onde eu respirava melhor, sobretudo se estivesse só, muito acima das formigas humanas”, declara. Todo obcecado está em busca de um refúgio que, mesmo falho moralmente, lhe traz paz na vida. **U**

 **alcir pécora**
CONVERSA, ESCUTA

O GOSTO DA LITERATURA

Ilustração: **Conde Baltazar**

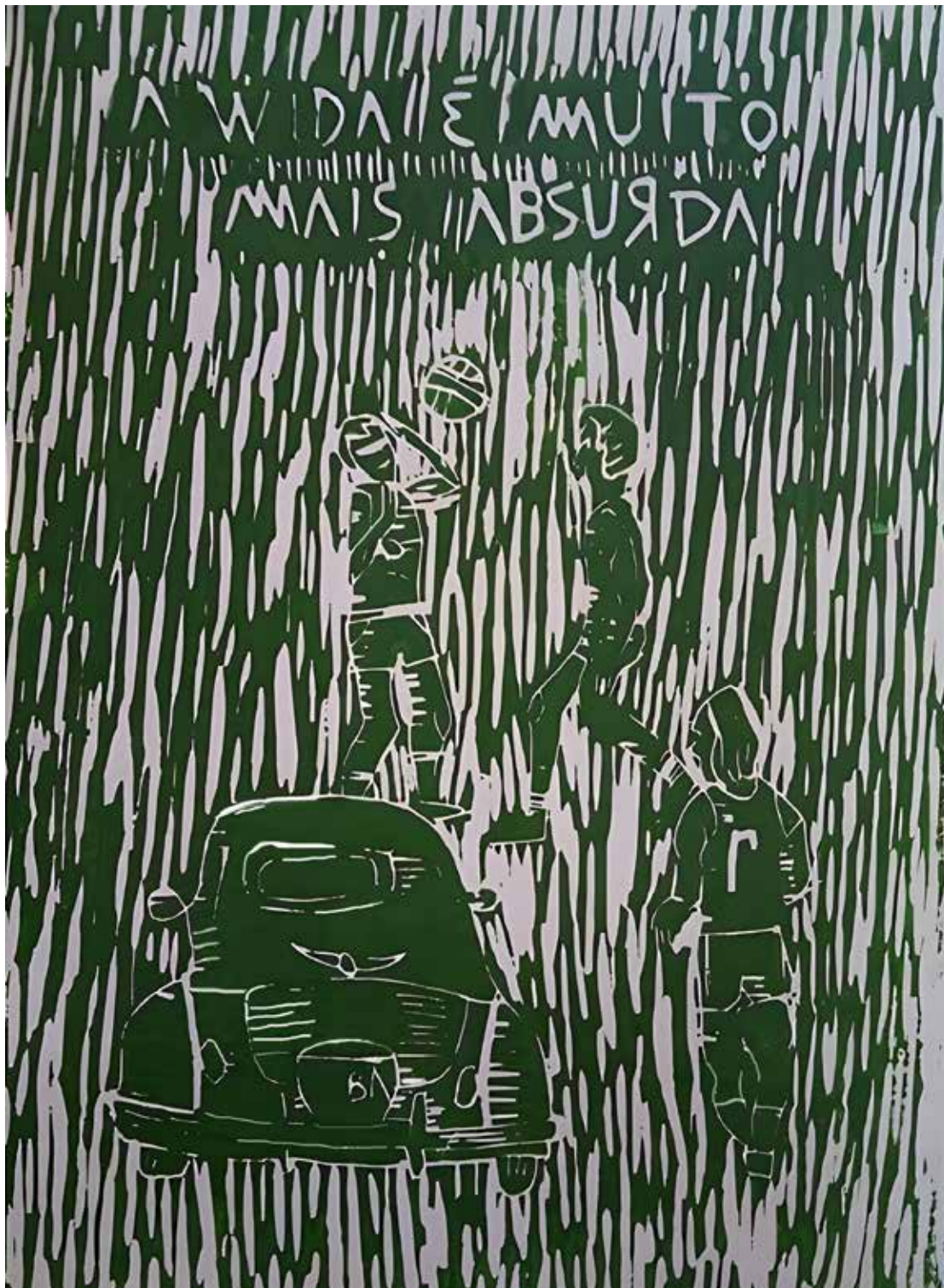
Há algum tempo, neste mesmo *Rascunho*, tentei argumentar no sentido de que a literatura era um ato irreduzível ao conhecimento (edição 222, de outubro 2018), isto é, de que os textos literários não buscam ou ilustram conceitos — antes, tendem a resistir a qualquer metalinguagem e permanecer ao pé da página, apelando ao leitor para que a mantenha sempre junto de si, como um objeto desejado por si mesmo.

Hoje, retomo a questão assentando o meu ponto de vista no gosto do leitor habitual de literatura, isto é, aquele para quem a literatura sopra um apelo diário irresistível. Assim, numa frase, diria que as pessoas que leem literatura como uma prática quotidiana importante em suas vidas não estão prioritariamente interessadas em adquirir mais conhecimento sobre qualquer outra coisa. Não estão lendo necessariamente para compreender a si mesmo ou a sociedade, assim como não estão preocupados em conhecer a psique dos indivíduos, o “nacional popular” do Brasil, ou as sete maravilhas do mundo. O que querem é apenas continuar a ler e a ter prazer com a leitura.

Quando falo em prazer também não estou pensando num evento trepidante. O leitor habitual de literatura simplesmente deseja, a cada vez, com nuances próprias, a dose suficiente de prazer para fazê-lo retornar à cena de origem: a biblioteca, a livraria, ou onde esteja a fonte dos livros, para que possa escolher um outro livro para ler. Assim mesmo, sem progresso, sem mudança de nível, sem outro fim e mesmo sem grandes novidades, pois o “novo” que a ficção ou a poesia costumam prometer, apenas uns poucos livros, as obras-primas, realmente cumprem.

Daí que não seja unicamente a presença do “novo”, ou da inovação, que leva o leitor de literatura a sentir prazer, pois o novo é raro, e o prazer da leitura é contínuo. A conclusão inexorável é que até literatura ruim é suscetível de leitura boa e prazerosa. Parece paradoxo, mas é consequência: para um leitor habitual, o prazer tem a ver sobretudo com a satisfação de um hábito, ou de um vício, se preferirem — aquele pequeno impulso de alguma glândula que faz todo leitor constante tão somente desejar continuar a ler. Não que seja indiferente o tipo de literatura que ele lê: importa, faz diferença, mas a literatura nunca é avara. Qualquer livrinho, qualquer ficção servem para dar algum barato.

Em oposição a isso, porém, estou sempre a ler artigos de profissionais da área de Letras afir-



mando que literatura é uma forma de conhecimento, e até uma forma “superior” de conhecimento. Não admira: mal entram na graduação, os alunos aprendem com os professores que o gosto é secundário, que o fundamental está dado por fórmulas fáceis do tipo: “Literatura é a forma por meio da qual estudamos as principais forças sociais a construir a nação ou o Estado” — e, no entanto, quando dizem isso, em geral apenas acomodam a tal “forma” (que, de fato, é apenas conteúdo e lugar-comum) a uma ideia de sociedade prévia que já têm, ou engoliram sem perceber.

Também dizem: “Literatura é uma maneira de aceder ao inconsciente”. Ou, como li há poucos dias, que a literatura é uma forma de “conhecimento fenomênico”. Ou seja, permanece entre eles — ou entre nós, já que também pertencemos à categoria — essa vontade de participar do mantra edificante do conhecimento.

Para mim, contudo, opiniões como essa apenas evidenciam a diferença intransponível entre o leitor ocasional, que lê para se informar de alguma coisa ou resolver algum problema, ou o leitor acadêmico, que lê um livro ou uma bibliografia para fazer um estudo e produzir uma tese, e o leitor que realmente sente prazer em ler literatura, e não quer fazer nada com ela. O que ele quer conhecer é apenas aquela história que havia dentro do livro que ainda não havia lido. Esse leitor habitual de literatura não quer conhecer alguma coisa por meio do livro: quer conhecer *aquela* livro. E, depois de o ler, não pretende fazer nada com alguma outra coisa que houvesse aprendido. Ele apenas quer ler *mais um* livro.


Portanto, ao menos para esse tipo de leitor, com o qual me identifico, ideias sobre literatura como permitindo aprendizado do “eu”, da “sociedade”, ou até, co-

mo algum dia já argumentou Barack Obama, como exercício de um sentido de cidadania, parece-me a aplicação de fórmulas edificantes e cívicas de autoengano. Talvez até um engano justificado, uma farsa benigna, considerando que possa ser aplicada pelos professores de literatura para defender o próprio salário, o sustento da casa e da família.

É natural e justo defender o próprio emprego. Mas os argumentos que usamos para os eventuais patrões ou pagadores não devem nos enganar a nós mesmos, os que leem por prazer. Quem quer conhecimento, por meio dos livros de ficção, pode fazer uma tese a respeito deles, mas é bem diferente de um leitor habitual de literatura, que pode ter uma tese, mas sabe que ela não diz o mesmo que a literatura, e não satisfaz como ela. Em suma, os professores de literatura que defendem a ideia de que a literatura é também uma Professora a gem de maneira a argumentar a favor da valorização e da institucionalização do seu ofício.

E é natural e justo que se defendam, ainda mais num meio político e cultural tomado pelo utilitarismo mais reles e predatório, onde a rapina em nome do mercado passa o rodo na política, na ideia de *res publica*, e finalmente na própria democracia. Por que diabos tal ambiente manteria o luxo do gosto de alguém? Vale dizer portanto que, no empuxo da sarjeta mercantilista, alguém que defenda que a democracia depende da educação literária me parece agir muito bem, ainda que não seja verdade.

Não é verdade pelo que já disse: fora de sua defesa profissional ou institucional, as pessoas que leem literatura diariamente e que se sentem desacomodadas quando não podem ler, ou não estão lendo — estas pessoas não se importam em aprender coisa alguma com o que leem. Se estivessem mesmo atrás de conhecimento, iriam ler filosofia, história, ciência etc., áreas que podem lhes prometer conceitos, explicações, mas raramente uma história bem contada ou um poema bem urdido, capazes de nos entreter a ponto de não nos importarmos se aquilo é verdade ou não. Para nós, aliás, fica sendo, pois, ao menos desde Hesíodo, as musas sabem “muitas mentiras dizer símeis aos fatos” (*Teogonia*, 27-28). Na “mentira símil” da literatura, não há erro; as musas atuam tanto para a mentira como para a verdade. Como diz bem Jacyntho Lins Brandão: “Os deuses (verdadeiros) sabem mentir”.

Enfim, quem é viciado em literatura tem o mesmo tipo de fixação e dependência de qualquer outro viciado: o que eles querem é a droga, no caso, a literatura. Querem o prazer de continuar lendo. Por que é tão difícil admitir isso, e em vez disso temos de dizer que lemos para aprender, ou para nos tornarmos melhores cidadãos? Porque tal é o mundo: as pessoas não podem se dizer em busca do prazer, têm de dizer que estão trabalhando para que alguém mais enriqueça. Então vamos fingir que é assim. 

Em meados de 2022, iniciei um curso online de Perícia Grafotécnica. Nele aprendi que “cada assinatura é como uma impressão digital” e conheci seus elementos gráficos (alinhamento, ângulos ou curvas, calibre, espaçamento, inclinação, pressão, proporcionalidade, velocidade). Um ano depois — após abandonar as aulas —, perdi o acesso à plataforma do curso: havia me convencido de que essa é uma profissão sem futuro, em razão da disseminação das assinaturas eletrônicas e da inteligência artificial.

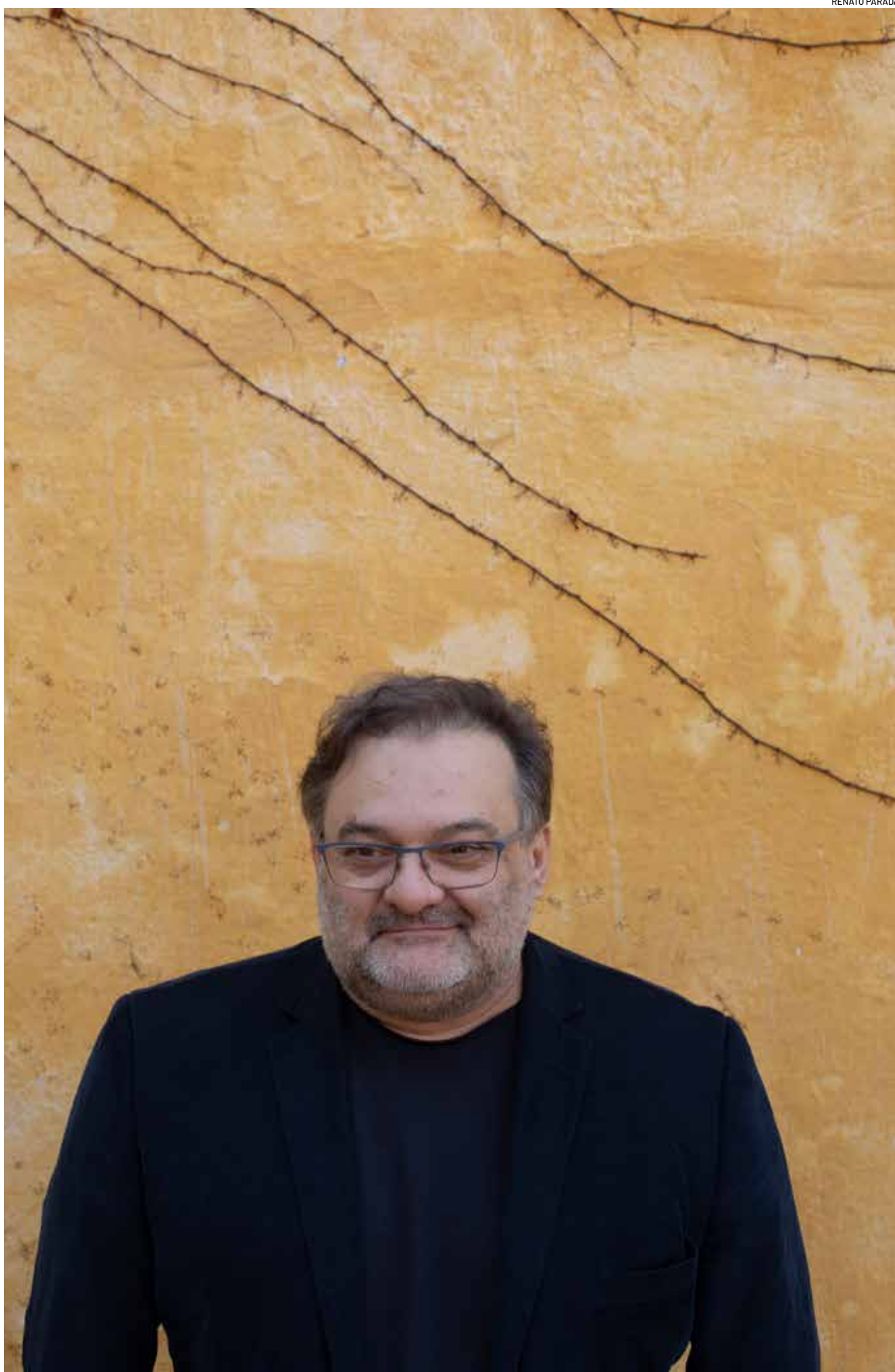
Desde então, eu acreditava que não teria contato com aqueles conhecimentos tão cedo. Para minha surpresa, contudo, eis que me deparo agora com **O último dos copistas**, romance de Marcílio França Castro, cuja abertura reproduzo aqui:

Você que começa agora a seguir estas linhas, [...] provavelmente não vai pensar em interromper o percurso, o vaivém folgado dos olhos, para ir a uma gaveta, tirar lá do fundo aquela lupa arranhada e, por distração ou cisma, passar a examinar cuidadosamente, em tamanho ampliado, o desenho que têm as letras aqui impressas, se são duras ou suaves, se fazem curva ou se são retas, se permitam respirar, se o miolo é aberto, se o remate é pontudo. [...] Você continua a ler, consegue até detectar certas minúcias, mas dificilmente saberá que estes caracteres, o modo ventilado com que sulcam o papel, carregam uma herança corporal, longínqua — o traço, a bico de pena e em grego, de um copista que viveu em Paris no século XVI. Esse copista tardio chamava-se Ângelo Vergécio [...].

O livro começa, assim, com um ensaio “timidamente pretensioso” (na definição de uma de suas personagens) publicado na revista *Piauí*, em 2019. De cara, a narrativa metalinguística em segunda pessoa com pinceladas de erudição histórica lembra Borges e Calvino, influências assumidas pelo autor ao longo da obra (auto) ficcional e, por tudo isso, experimental.

Conforme assinala F. C. (iniciais de França Castro, um heterônimo), Ângelo Vergécio “foi uma dessas figuras que dedicam a vida a algo que já desapareceu, ou está em vias de desaparecer, e assim testemunham o fim do próprio ofício. Tornou-se copista respeitado no exato momento em que as prensas avançavam pela Europa e iam varrendo os manuscritos do continente”. “Da recusa radical à invenção”, o alter ego comenta o *modus operandi* do dito *Le dernier des copistes*:

É certo que Vergécio não compôs uma obra literária. Seus procedimentos, no entanto, os gestos com que intervém no texto, compõem um espaço criativo que de certo modo antecipa o jogo da literatura moderna — uma literatura com a mania incessante de rasurar e citar, de se autoindagar, de converter autor em personagem e o livro em objeto da própria ficção.



Do culto ao informal

Em **O último dos copistas**, Marcílio França Castro reflete sobre o fenômeno da convergência midiática e o ofício da revisão de textos

(Esses são procedimentos de que o próprio autor lança mão na escrita de **O último dos copistas**.)

“Para tornar-se escritor, é preciso sempre se tornar escriba” é um dos aforismas memoráveis de França Castro — quem, não por acaso, é servidor público da Assembleia Legislativa de Minas Gerais (a informação não consta de sua nota biográfica). Segundo ele, “os copistas existem até hoje, se considerarmos como tais, com maior ou menor grau de parentesco, seus herdeiros — escreventes e notários, preparadores de texto, editores, revisores, profissionais do meio burocrático e editorial”.

Eduardo e Lygia

Eduardo Pena — o narrador deste romance em três partes — é justamente um desses “herdeiros” dos copistas: um revisor de textos freelancer. Trata-se de um quarentão antiquado e meio “careta” do signo de Gêmeos (associado à comunicação e à troca de informação) que trabalhou durante cinco anos na Imprensa Oficial e separou-se recentemente da mulher, sem filhos. Contratado pela pequena editora Abelha, conhece a ilustradora Lygia Delgado.

O trabalho ao lado da colega talentosa é promissor: “Havia uma espécie de duelo silencioso entre nós, um tentando ver onde o outro teria falhado”, ele diz.

Os trechos mal escritos, que mesmo depois de burilar eu continuava detestando, ficavam bonitos ao lado da imagem certa, ganhavam uma perspectiva inesperada. Um navio zarpando, por exemplo, dá jeito em uma nota insossa. O elefante no deserto redime um comentário sem graça.

À maneira de um crítico de arte impressionista, o narrador-testemunha traça uma espécie de perfil da artista, protagonista secreta da obra. O relacionamento entre ambos se estreita, com certa suspeita:

Cheguei a pensar que Lygia me desprezava, quem sabe apenas me suportasse, seria a diferença de idade, os mais de dez anos que me separavam dela [...], uma revolução tecnológica entre nós.

Numa das caronas que a colega oferece a Eduardo depois do expediente, os dois trocam o pneu furado de seu Fusca: “No fim, deu certo, ficamos orgulhosos do esforço em dupla. [...] E arrancou pela avenida, o suor escorrendo no rosto”. (A analogia e a sugestão parecem sexuais.) Na sequência, ela faz uns rabiscos na borracharia e recusa o convite de seu “revisor preferido” para tomar uma cerveja — frustrando, quem sabe, uma investida com segundas intenções —, mas depois, quando ele desce do carro, chama-o de volta: “Lembrança de um pneu furado, disse, sorrindo, com o braço para fora da janela. Me entregou o papel com o desenho”, ele conta.



O último dos copistas

MARCÍLIO FRANÇA CASTRO
Companhia das Letras
208 págs.

Seria esse um amor platônico, entre altos e baixos, idas e vindas?

Mais tarde, a ilustradora se interessa pelo ensaio de abertura *O último dos copistas*, de F. C. Fica intrigada, faz especulações:

“O copista não existiria sem a filha”, Lygia disse [...]. A suposta filha que teria ilustrado os manuscritos do cretense. [...] Teria de fato existido? Como seria sua aparência? Teria deixado algum desenho assinado, ou com algum sinal de autoria?”

Por meio de uma *peripeteia* aristotélica (uma reviravolta combinada com reconhecimento), concluímos que os relatos de viagem, poéticos e misteriosos, colados ao longo do livro são de autoria da artista, que partiu “em busca da filha do copista”. “Foi a morte do pai que precipitou a decisão”, revela Eduardo. “De Creta a Paris, passando por Veneza e Roma”, ele descreve o itinerário.

A certa altura, fica evidente que os tais fragmentos compõem não um diário de viagem, mas uma série de cartões-postais — os quais fazem deste um romance epistolar, também: “Ponho o postal pra você no envelope [...]”.

Iluminuras, fotografias, um anúncio publicitário e até uma carta de tarô estão incluídos no acervo pessoal e na correspondência do narrador.

F. C.

Eduardo se senta às mesas de um café e de um bar e narra todo o romance a F. C.: “Foi assim que topei com o seu artigo”; “Afinal, não é exatamente por isso que estamos os dois aqui, agora, tomando este café?”; “Olha essa coleção aí, por exemplo, na estante, atrás de você. Fui eu que fiz a preparação”; “Você despencou de Paris até aqui para falar comigo”; “Vamos pedir outra cerveja?”; “Poderei ganhar um papel no seu próximo conto, em um romance por vir?”; “Olha, parece que vai chover”; “Sim, podemos pedir a conta. Acho que bebi demais”.

Desse modo, a linguagem de **O último dos copistas** é — especialmente nestes momentos de interlocução direta com F. C. — informal, oral. De resto, o estilo culto predomina no discurso: trata-se, afinal, de um diálogo entre um revisor de textos e um escritor.

Convergência midiática

No artigo acadêmico *Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias?* (MATRI-Zes, 2011), o francês François Jost aborda, de maneira integrada, o fenômeno da *convergência*, ou seja, “da luta pela hegemonia entre as diferentes mídias”, e os hábitos e costumes geracionais a elas atrelados.

Ora, esse é o principal tema de investigação de **O último dos copistas**, “um ensaio ficcional ou uma ficção ensaística”, na expressão de França Castro. Assim, Eduardo reflete sobre o hábito de escrever cartas, entre outros em vias de extinção:

É um privilégio, concorda? Estar nesse extremo, o fim de uma era tão longa, o início de outra. Frequentemente me imagino como o último. O último a fazer um curso de datilografia, o último a levar fotos para revelar. O último a falar do orelhão. O último a trabalhar em uma Imprensa Oficial. Quem sabe terei sido o último a escrever uma carta. Não é um limiar qualquer, é uma passagem entre milênios.

Desse modo, ao revisor de textos também cabe a alcunha de “o último dos copistas”.

“Quando você troca a carta, ou o telegrama, que seja, pelo e-mail, está jogando fora o papel, mas também a *espera*”, ele faz filosofia.

“Que tal um museu do pensamento?”, imagina num monólogo interior. “Sim, parece que estou falando das bibliotecas — da própria literatura”, diz.

O último dos copistas oferece, ainda, epifanias e lampejos sobre o ofício do revisor de textos, bem como sobre a experiência do leitor e da leitura.

O tema da convergência midiática havia sido antecipado por França Castro em *Roteiro para duas mãos*, conto de abertura de **Histórias naturais** (2016). Nele, “um datilógrafo, dublê de mãos em filmes sobre escritores, explora a relação entre a bebida que eles tomavam, a música que ouviam, o ritmo do dedilhado e o estilo de seus escritos, além de apontar sutis diferenças entre os textos manuscritos e aqueles produzidos pela máquina de escrever ou pelo computador”, na descrição de Leyla Perrone-Moisés, que assina a orelha do livro.

O conto também tem caráter de ensaio, com *insights* sobre Hemingway e Kerouac (“**On the road** é um romance da máquina e não da pena ou da caneta esferográfica”), mas acima de tudo sobre a datilografia.

Mesmo a revisão de textos já era matéria-prima em *Roteiro para duas mãos*. “Quanto mais [o escritor] revisa, mais se afasta de si, e continua até encontrar aquele que gostaria de ser, até que não aguenta mais transformar-se”, afirma o protagonista. ●



O AUTOR

MARCÍLIO FRANÇA CASTRO

Nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1967. Mestre em estudos literários pela UFMG, publicou, entre outros livros, **Breve cartografia de lugares sem nenhum interesse** (2011; Prêmio Fundação Biblioteca Nacional) e **Histórias naturais** (2016).

TRECHO

O último dos copistas

Durante um século, para quem nasceu em Belo Horizonte, ficar ou partir sempre foi uma questão existencial. Hoje a pergunta é outra, conectar-se ou não, nivela todos os habitantes do planeta. Olho em volta, queria dar um passo para fora, para um país vizinho, mas acabo na trilha de uma cachoeira. Quase sempre por falta de dinheiro, também por falta de ânimo.

**josé castilho**

LEITURAS COMPARTILHADAS

O MUNDO AO LADO

Não tenho espaço em minha casa para maquiagem, não finjo na cara o que não sinto no coração.
(**O elogio da loucura**, Erasmo de Roterdã, 1509)

A portamos no primeiro quarto do anunciado século 21, marco de tempo simbólico em que olhar o mundo à nossa volta não só me parece sensato, mas algo necessário para nossa (sobre)vivência. Mais do que nossas superações e afirmações pessoais e dos ganhos sociais cada vez mais rarefeitos — e ambos devem ser festejados nessa data —, olhar o mundo ao lado nesses tempos que costumamos chamar de “mundo louco”, onde tudo está “uma loucura”, é antes de tudo prudência, aquela que nos faz olhar o presente mirando o passado e vislumbrando o futuro.

Mas não nos basta apenas olhar, porque os olhos estão fatigados do tanto que se vê na interconectividade das hiperimagens comandadas por *Musks* e *Zuckerbergs* e utilizadas de forma a corromper o olhar crítico, desmobilizar as rebeldias e domesticar as eventuais reações não bovinas.

Apesar de estarmos na era da alta tecnologia, todo esse conjunto que define o mundo atual, que mescla normalização de relações violentas no cotidiano com a exaltação do pior que há em nós como espetáculo público e literaturas autoritárias, encontra similaridades em outros tempos que a humanidade enfrentou em momentos de profunda transição. A exposição *Figures du Fou*, no Museu do Louvre, nos lembra que antes da concepção contemporânea da loucura como doença mental, ela era atribuída aos que se rebelavam com o mundo em que viviam.

O título deste artigo não é simples coincidência com o mais recente filme do espanhol Pedro Almodóvar. *O quarto ao lado*, baseado no livro **O que você está enfrentando**, de Sigrid Nunez, e ganhador do Leão de Ouro, no Festival de Veneza, tem o mundo contemporâneo como protagonista. Assim o li, por ele olhei o mundo e compartilho com vocês.

As personagens de Julianne Moore e Tilda Swinton, intérpretes sensíveis do drama em torno da amizade visceral de duas mulheres, permeada pela morte de uma delas por suicídio, se mesclam com um olhar sobre e para o planeta e os seres humanos perdidos que o habitam nesse tristíssimo momento.

Almodóvar encerra em *O quarto ao lado* as angústias centrais do nosso tempo e as compõem como somente a genialidade de um grande artista pode realizar: com



Tilda Swinton e Julianne Moore são as protagonistas de **O quarto ao lado**, de Pedro Almodóvar

gestos, falas e toques sutis e econômicos, quase uma estética reversa da profusão e exuberância de cores, falas, gestos e toques de seus primeiros filmes e que o tornaram único no cinema.

Em meio à balbúrdia das redes sociais; da estridência vã dos *coachs* e *influencers* que nos inundam com *fake news* minuto a minuto; das seculares hipocrisias de salvadores de almas vestidos de curas e pastores; do fanatismo político e religioso que nos faz retroceder para os primórdios bárbaros da humanidade; de uma ultra direita cada vez mais próxima dos genocídios que um dia nos indignou; da crescente barbárie dos crimes de guerra que persistem nas zonas em conflito em todos os cantos da terra, seja como guerra regular ou extermínio cotidiano de pobres, mulheres, negros e vulneráveis; Almodóvar denuncia este triste mundo com a personalidade contundente de uma mulher moribunda e livre, autônoma, consciente, militante da paz sendo repórter de guerras, e dona de seu próprio destino.

A serena, e ao mesmo tempo desesperada atitude de optar pelo suicídio com a assistência da amiga para morrer dignamente, a exemplo do que nos ofereceu há pouco, em similar reflexão, o grande poeta e ensaísta Antonio Cicero, é o fio condutor de uma trama inteligente e sensível que mostra o poder de um ser humano consciente de sua humanidade e de seus limites. A jornalista de guerra, personagem de Tilda Swinton, que está morrendo, expõe toda a autonomia que como

seres humanos estamos perdendo, ao desistirmos de sermos conscientes e autônomos nos nossos pensamentos e ações.

Na decisão de morrer por um ato de vontade própria e consciente, e não pelos meandros do sofrimento de um câncer incurável, ela reafirma a laicidade do pensamento, a pureza de ser quem ela pode ser por si só e, num enlace sensível de que somos seres gregários e que os outros deveriam existir para a solidariedade entre nós, ela clama pela presença da amiga porque, mesmo consciente e firme no seu propósito, precisa de alguém ao seu lado. O “se dar as mãos”, apelo tão presente nos momentos de grande vulnerabilidade, surge no filme no seu momento mais livre, o da libertação da dor e o alcance de uma morte digna por decisão racionada.

A personagem de Julianne Moore, penso que não por acaso uma escritora, é chamada para acompanhar a amiga na sua travessia, não como testemunha ou observadora, mas como presença humana solidária no momento de afirmação de um outro ser humano integral. Ao superar os seus medos expressos na sua obra literária e expressar uma solidariedade profundamente humana com sua amiga moribunda, a personagem de Moore vivencia algo que o mundo do neoliberalismo, da falsa moralidade, da religiosidade manipulada pelo poder está matando: nossa capacidade de sermos empáticos, isto é, de nos colocarmos no lugar do outro.

O filme se desenrola num clima de estranha e contundente-

te delicadeza e não deixo de pensar que talvez seja uma narrativa que os antigos chamavam de “tapa com luva de pelica”, nesse caso no rosto de todos nós que assistimos entre acabrunhados e em desespero ao apocalipse ser construído em nossos quintais em um mundo em franca desagregação, assim como o corpo em decadência da personagem terminal. Mais uma vez Almodóvar nos alerta neste filme o que está em jogo e o quanto estamos sendo omissos ao não nos rebelarmos suficientemente para resgatar a dignidade da vida humana. Há, como entendo que sempre houve em sua filmografia, uma radicalidade ousada, mas verdadeira, profunda raiz.

Não é possível deixar de observar também as sutilezas de gênero que o filme transmite. Os dois únicos personagens masculinos, embora contrapostos — um é intelectual, teórico e militante contra a destruição climática e o outro é um policial fanático religioso, defensor da moralidade desses tempos tenebrosos —, são o elo frágil que representa ou o desânimo de um mundo que já se dá por perdido ou a obtusa e fascista atitude de se guiar por baixos instintos e pensamentos dogmáticos repetitivos. São os opostos das personagens mulheres, humanas nas suas dúvidas e angústias, mas firmes na defesa da vida e na construção da possibilidade de sairmos dessa. Num dos diálogos o homem afirma à amiga solidária: “Sempre te admirei pela sua capacidade de ser firme ao enfrentar os conflitos e harmonizá-los”. Isso diz muito do olhar feminino e me parece dizer mais do que muitos tratados a respeito do lugar central da mulher na difícil sociedade contemporânea.

Com o anúncio de tempos talvez ainda mais difíceis para a humanidade, da continuidade de guerras e dos novos fascismos, *O quarto ao lado* resgata uma possibilidade de olhar com coragem e autonomia o que somos e o que queremos.

Talvez estejamos a tempo de iniciar, neste novo ano, o movimento de retirar os barcos à deriva rumo à ilha da loucura, olhando criticamente o que escreveu Sebastian Brant em seu famoso texto *O navio dos loucos*, visão do mundo que vislumbrava em 1494, tempos de mutação como o nosso:

O mundo permanece em trevas profundas e persiste, cego, no pecado. As ruas estão cheias de loucos. Eles realizam sua loucura em todos os lugares, mas não querem que ninguém diga isso. É por isso que estudei o projeto de equipar os navios dos loucos para eles! É o Espelho dos Loucos no qual todos podem se reconhecer. Qualquer pessoa que olhe bem compreenderá que seria errado considerar-se um homem sábio, porque verá a sua verdadeira face. (tradução livre)

Que saibamos retomar o leme de nossas vidas coletivas. Saúdemos as boas lutas de 2025! 🗣️

A BATALHA CONTRA O RACISMO

Vagner Amaro é um dos fundadores da editora Malê, voltada para a promoção da produção intelectual de escritores negros e negras. A editora vem resgatando o protagonismo negro na literatura brasileira ao publicar obras como **Machado de Assis afrodescendente: antologia e crítica**, organizada por Eduardo de Assis Duarte, e a biografia de Carolina Maria de Jesus, escrita por Tom Farias.

Além de editor, Amaro também é autor de ficção. Estreou em 2018 com o volume de contos **Eles**, em que aborda questões contemporâneas como violência urbana e conflitos sociais de ordem econômica e de gênero.

“Todos os assuntos podem entrar na minha literatura”, diz o escritor nascido no Rio de Janeiro. “Mas tenho um compromisso, uma preocupação de não fazer propaganda para situações que reforcem o racismo, a homofobia, o feminicídio...”

Em seu livro mais recente, **Deixe que eu sinta teu corpo**, ele aborda situações ligadas a relações homoafetivas e interracialis. Em um dos contos, um professor de literatura, leitor do romance **Bom-crioulo**, de Adolfo Caminha, luta para viver um grande amor.

Neste *Inquérito*, Amaro também fala sobre como, ao escrever, gosta de “deixar o texto um pouco sujo, menos redondo”. “Equilibrar concisão e manutenção de impurezas é minha obsessão e acredito ser uma obsessão por ser percebido por mim como um equilíbrio irrealizável”, diz.

• Quando se deu conta de que queria ser escritor?

Ainda pré-adolescente, lendo crônicas de Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Clarice Lispector. Foi quando passei a sonhar em fazer jornalismo e trabalhar como cronista. Com 18 anos, desisti de ser escritor e aos 40 publiquei o meu primeiro livro.

• Quais são suas manias e obsessões literárias?

Reduzir o texto, exercitar expressar um sentimento com grande densidade em poucas palavras. Gosto das falhas também, de deixar o texto um pouco sujo, menos redondo. Equilibrar concisão e manutenção de impurezas é minha obsessão e acredito ser uma obsessão por ser percebido por mim como um equilíbrio irrealizável.

• Que leitura é imprescindível no seu dia a dia?

Notícias do dia.

• Se pudesse recomendar um livro ao presidente Lula, qual seria?

O mundo se despedaça, do Chinua Achebe.

• Quais são as circunstâncias ideais para escrever?

Ter tempo, descanso, silêncio, solidão, coisas que poucos escritores privilegiados conseguem ter, e inspiração, que é uma visita impositiva do mistério.

• Quais são as circunstâncias ideais de leitura?

É o encontro amoroso do leitor com o livro. Essa é a circunstância que, quando ocorre, qualquer outra perde a importância.

• O que considera um dia de trabalho produtivo?

Quando consigo pensar algo novo, algo que, mesmo não sendo genial, seja de fato novo, até então ainda não elaborado pelo meu pensamento.

• O que lhe dá mais prazer no processo de escrita?

Eu me divirto muito escrevendo, como comecei a escrever ainda criança, literatura para mim é como brinquedo, então, é muito prazeroso quando vejo os caminhos que os personagens tomam, o que eles dizem. Uma vez criados, os meus personagens e as minhas histórias me parecem muito distantes do que eu sou e de como eu penso, e isso me diverte bastante. Até mesmo consigo rir dos meus personagens, dos meus narradores.



CAIO BASILIO



Deixe que eu sinta teu corpo

VAGNER AMARO

Malê

158 págs.

• Qual escritor — vivo ou morto — gostaria de convidar para um café?

Rubem Braga e Miguel Sanches Neto.

• O que é um bom leitor?

O que se despe de seus preconceitos e se coloca interessado e vulnerável diante do texto e do que pode acontecer no processo de leitura.

• O que te dá medo?

Tenho muitos medos tolos: de rato, de altura, de carro... As coisas realmente relevantes não me trazem medo.

• Qual o maior inimigo de um escritor?

A vaidade.

• O que mais lhe incomoda no meio literário?

A figura do autor no centro da cena literária. Que a capacidade performativa de um autor seja mais valorizada que a literatura que ele produz, que a recepção se conforme em ser atravessada pela presença do autor, sombreando a literatura que é produzida. Em algum momento, precisaremos nos concentrar mais no que diz os livros e não os seus autores. A espetacularização da literatura pode ser atrativa para fregar leitores eventuais, compradores de livros, mas suspeito que tenha um efeito mínimo na formação de leitores e na possibilidade de um debate literário mais sério e honesto.

• Um autor em quem se deveria prestar mais atenção.

Da Bahia: Davi Nunes, Wesley Correia e Jovina Souza. Do Pará: Roberta Tavares.

• Um livro imprescindível e um descartável.

Bom, é interessante marcar que quem determina a descartabilidade de um livro é o leitor, então, é uma opinião bem pessoal, livros de autoajuda são descartáveis pra mim e considero, de maneira geral, os livros infantis imprescindíveis.

• Que defeito é capaz de destruir ou comprometer um livro?

Tratando-se de ficção, quando a personalidade do autor transborda para o texto. Como editor, às vezes, preciso perguntar para alguns autores, mas quem pensa assim, você, o seu narrador ou o seu personagem?

• Que assunto nunca entraria em sua literatura?

Todos os assuntos podem entrar na minha literatura, mas tenho um compromisso, uma preocupação de não fazer propaganda para situações que reforcem o racismo, a homofobia, o feminicídio...

• Qual foi o lugar mais inusitado de onde tirou inspiração?

De uma funerária.

• Quando a inspiração não vem...

Não escrevo.

• O que te faz feliz?

Escutar música, ler e escrever, ficar sozinho, o silêncio, olhar a lua, uma noite estrelada ou o mar.

• Qual dúvida ou certeza guiam seu trabalho?

Dúvida, de estar aprisionado em uma condição de inocência. Certeza, de estar preenchendo uma lacuna de representação de personagens negros e gays na literatura brasileira.

• Qual a sua maior preocupação ao escrever?

Não trair a minha inspiração, não me trair e não desvalorizar o tempo e a disponibilidade de quem me lê.

• A literatura tem alguma obrigação?

Nenhuma obrigação, nenhum compromisso, nenhuma função, mas a leitura de um texto literário tem consequências.

• Qual o limite da ficção?

A ficção não tem limites, alguns autores podem ter, eu tenho os meus.

• Se um ET aparecesse na sua frente e pedisse “leve-me ao seu líder”, a quem você o levaria?

Acho que daria esse presente ao Lula: de ser o primeiro presidente a ter um contato registrado e divulgado com um ET.

• O que você espera da eternidade?

Que ela seja apenas uma projecção. 🕒

★ **olyveira daemon**

SIMETRIAS DISSONANTES

HÚMUS, FILAMENTOS, TERATOMA

Inferno, purgatório, paraíso. Cavar fundo. Perseguir, capturar. Enjaular num artigo de jornal o famigerado Antonio Inácio Pires de Albuquerque Pereira. Comecei, insisti, desisti. Recomecei, insisti mais um pouco, desisti novamente. Quantas vezes eu comecei a cavar? Quantas vezes eu comecei a escrever este palíndromo e parei logo nas primeiras linhas? Meia dúzia de vezes, pelo menos. Coloquei música, tirei música, fiz café, acabei com o café, acendi um cigarro, terminei o cigarro, meditei, só não plantei bananeira. Começava, insistia, desistia. Passei um ano inteiro ensaiando começar & continuar. Um ano inteiro tentando & desistindo. As tentativas recorrentes de escrever este palíndromo sobre **Teratoma**, romance de Ricardo Pedrosa Alves, me mostraram que romances-tumores costumam provocar um tipo insistente de inércia involuntária. Foi somente quando abandonei a ideia de *romance-tumor* que o texto deslanchou. Ideia original defendida pelo próprio autor, que batizou seu romance com um único & categórico substantivo: “**teratoma** é um tumor formado por uma combinação heterogênea de tecidos, frequentemente encontrado nos ovários e testículos de adultos e na região sacrococcígea de crianças; um teratoma pode ser benigno ou maligno” {dicionário Houaiss}. Então encontrei na web o espetacular ensaio do poeta Luís Serguilha: *Entradas possíveis para o sangramento de Teratoma, de Ricardo Pedrosa Alves*. Nesse ensaio o autor português desdobra de muitas maneiras o conceito de tumorização germinal, de corpo-em-tumorização-ininterrupta, de tumorização energética & poética, esgotando-o. Esgotando-o e me libertando para outra analogia. Pensei em filamentos & tentáculos. Pensei no emaranhado característico do micélio vegetativo dos fungos. Pensei nessas estruturas subterrâneas gigantescas, algumas com séculos de idade e mais de um quilômetro de extensão. Sorte minha que a demorada leitura do romance de Ricardo Pedrosa Alves aceitou essa analogia. **Teratoma** é uma viagem longe da luz solar, abaixo da superfície do planeta, por filamentos & tentáculos entrelaçados, sub-reptícios. Às vezes relampejantes. Também há nuvens nesse subsolo infinito. Inspirem, expirem. Respirem.

Cavar fundo. Perseguir, capturar. Enjaular. O famigerado Antonio Inácio Pires de Albuquerque Pereira finalmente está se materializando. Poltergeist. Magia do caos. Acompanhem a contagem regressiva do sonho lúcido. No sumário, os três capítulos da narrativa-micélio são: 3 – *Sítio Cercado: Inferno*, 2 – *O livro de Sagitário: Purgatório* e 1 – *Monsters: Paraíso*. Nas páginas impressas, as palavras são as hifas que liberam as enzimas necessárias para a virtuosa ordenação dos signos verbais. Repito. Reafirmo. No longo falatório do inconsciente, as palavras são os fios e as fibras orgânicos que absorvem as abstrações essenciais durante o obscuro metabolismo da interpretação. Fungo maior que o mundo. ¡Arriba, arriba! ¡Ándale, ándale! Significante & significado em êxtase, realidade & representação reunidas num gozo espiritual, distribuídas em lascas {words, words, words} de orgasmos pré-históricos.

O desamor e o cansaço me fizeram em pedaços. Hoje escrevo aos borbotões, tomo o cuidado de preencher todos os espaços: Inácio é um objetivo, uma meta depois de dois pontos. Escrever ao vivo é uma morte ao vivo ou estar vivo ao vivo. Escrevo porque o carbono tem seu ciclo. E porque as palavras são minhas amigas e cópias da realidade. E porque a realidade é cópia das palavras. Ou porque sou o que sei e o que sei são palavras. Em suma, porque sou palavra.

Enterrado, muito bem guardado no submundo dos sítios arqueológicos: esqueletos dançarinos, crenças funerárias, minúsculas ruínas de civilizações, desejos descuidados, sexo desenfreado, segredos homicidas, a raiz dos sete pecados capitais...

Tenho inveja de homens que conseguiram se livrar do líquido amniótico. Para mim tudo é placenta. Um mundo indefnido. Sempre acordo pronto para o suicídio. Também minha escrita sempre parece querer se matar. O que é um mural suicida? {...} As pessoas para mim são carnes modeladas, estruturadas por certos ossos e nervos. Sofrendo dessa incontinência verbal. Uma bomba que se espalha para sempre, sempre devastando a mesma clareira. Dias sem eira nem beira nessa cratera, renga com Aragon palavras somente, imagens do fora estrumando entre os dedos ritmos de espora e espera e esporro. {...} Cada palavra é uma assinatura. Uma vida que se inaugura e, até que a apaguem ou queimem o papel onde escrita, perdura. Uma palavra lida é palavra escrita no pensamento. Somos vida, pós de estrela, carbono arranjado. O papel, quando escrevo, é meu dono. Ele sempre escreve meu nome-logro, mesmo que eu não queira. A caneta é a pátria do meu abandono. Quem lê é uma redoma. Quem ainda talvez vier a ler, de já sua leitura me assombra. Q me leiam, q me lambam. Q me devassem, me alimentem a sanha. Escrevo como quem se arregaça.

A rede micelial Inácio-Ricardo-Lúcifer coleta & transmite partículas oníricas, fiapos de natureza transgressora, diabólica.

O Livro de Sagitário: escrito assim: Inácio não existe. Eu apenas usei meu corpo, seu físico, para transmitir uma ideia. Onde começa a ficção do diabólico personagem Inácio?: essa dúvida terrível é o grande suspense de O Exorcismo Negro de Teratoma. Inácio seria apenas uma possessão demoníaca no trabalho de Ricardo Pedrosa Alves? Seria uma encarnação do demônio fixada no trabalho do pintor de murais? O desespero de um homem lutando para livrar-se da demonológica encarnação de seu personagem. Zé Inácio do Caixão pela 1ª vez enfrenta um oponente tão poderoso quanto ele mesmo: o homem que o criou. Um duelo entre o homem e a força de sua mente. A terrível luta íntima do cineasta/pintor para livrar-se do personagem que criou e interpretou em vários dos seus filmes/murais. Direção: José Ricardo Pedrosa Alves Mojica Marins.”

Inferno-purgatório-paraíso são feitos da mesmíssima matéria de que são feitos os pesadelos mais delicados. Batmacumba ê ê, batmacumba obá! No submundo-fungo a luz do sol negro brilha diferente, diamantina.

Dá vontade de ser o motor dos carros. O som das coisas, do vento pedrejado. Não dá vontade de ser as coisas, dá vontade de ser o som das coisas, seu sim, não seu não. Seu não são elas sem som. São elas mortas, coisas em si, seu não. Estou corroído por todos os podres metafísicos, terríveis. Meu corpo se tornou uma festa para os pré-vermes da decomposição. Estou infectado por todos os lados, pustulento. Em mim Inácio as partes fedem, por isso expulso-causo-repulsão. O cérebro está frito. Gengivas, cartilagens, corpo todo já foi queimado. Vejo as marcas de tiro do acaso de caso pensado. O corpo é uma casa em guerra. No meio da favela. Mas farpas não são a única imagem. Nublado-nublado ou sol ensolarado? Os dias passam à noite. Deus Nano é o tempo, a duração. Ainda vivo vil, mesmo sem o coração. O suicídio se aproxima, está decidido. Já comeu todas as frestas onde me escondi. Minha inaptidão O Inácio chegou ou a O vazio O mental. Estágio vazio zero que padeço, embora não o tenha criado ou informado. Chutado por todos os lados. A vida tornou-se inútil, bem como o amor. 🗨

Ilustração: Bruno Schier



ESCALAVRA INCOMODA

MARCO DEL FIOLE



Marcelino Freire, autor de **Escalavra**

Um escritor radicalmente inventivo na busca da sentença justa, mesmo quando discorda dela mesma, não cabendo em si, pois assim é um escritor desses que não se repetem, não repete o tradicional, quer mais, muito mais, quer a palavra escalavra, ela mesma, que aponta para a novidade, para o belo, desconhecida, estabelecendo um novo caminho.

Mais de uma vez me perguntei se devia mesmo começar este artigo assim sobre este autor pernambucano, deixando para o leitor a tarefa de desvendar o livro que agora se apresenta. O livro começa, possivelmente no título, como é natural em qualquer livro, mas de forma diferente porque esta palavra contém um mistério que tanto pode ser a história que virá quanto o segredo de uma narrativa que jamais será conhecida, quem sabe o personagem que não se revelará jamais.

Peço desculpas, sei que estou confundindo o leitor ainda mais, com certeza, compreendo, até porque não há outra saída. Para falar deste livro é preciso decifrá-lo. E aí está a grande dificuldade. Não se pode recorrer ao convencional, às técnicas ditas naturais até porque aqui nada é convencional. E eis aí a primeira grande qualidade de Marcelino Freire neste texto que se esconde desde as primeiras palavras, desafiando o estudioso a dizer se são mesmo palavras. E como se escreve senão com palavras? Nada disso se explica. Pode-

se dizer, neste caso, que também se escreve com mistérios. O grande desafio de Marcelino.

Sim, eu conheço tudo isso faz tempo. Quando minha primeira turma de Oficina de Criação Literária concluiu os trabalhos, faz tempo, pedi aos alunos que apresentassem um texto, do tipo conto curto para avaliação e aprovação. Espantei-me com Marcelino Freire, então meu aluno, imaginem a arrogância, que me apresentou um desenho, tarefa de arquiteto, onde se via um quadrado com retângulo e círculos, algo como a planta baixa de alguma coisa. Exclamei: “Enlouqueceu!”. Mas, professor de criação, não pedi explicações. Quem cria, cria assim mesmo, e não tem que explicar coisa nenhuma. Recolhi-me à minha insignificância. Decidi logo publicar os contos que recebera numa espécie de jornal colegial. Na gráfica, fui perguntando “Vocês não viram isso?”. É assim mesmo. Levei a pergunta ao autor. Eis a resposta: “É assim mesmo”. Ao lado dele estava seu primo Wilson Freire, médico e alquimista, portanto autorizado a repetir a resposta “É assim mesmo”. Nunca mais perguntei. Os colegas de turma silenciaram quando distribuí o tal jornal. “Vou ficar com isso até chegar a hora de revelar.” Quando topei com este livro, decidi logo: chegou a hora. Pareceu-me o título de algum manual de alquimia, se tiver dúvida pergunte ao primo. Não perguntei ao primo que, no momento, é meu médico naturalista, especia-



Escalavra
MARCELINO FREIRE
Amarcord
152 págs.

lista em canabidiol para aliviar as minhas dores. Perguntei nada a Wilson Freire, mesmo elevado à categoria de meu médico provindo das sequelas do AVC que sofri em 2010. Recorri então à minha mulher, a poeta Marilena de Castro, também afeita às artes da bruxaria, fui perguntando a ela: “Que remédio é este?”. Aí ela respondeu muito séria: “Não é remédio, não, meu filho, é o título do novo livro de Marcelino Freire”. Decidi, então, abrir o livro para clarear um pouco minha ignorância. Encontrei assim uma espécie de epígrafe que diz: “Um escalavra o outro e se devoram. E sobra um osso no solo duro” (*Max Martins*).


Além de tudo, a orelha esquerda da obra, feito ponta-esquerda no futebol, procura esclarecer, muito mais do que o drible: “Escalavra é a história de um pai e de um filho e do silêncio sepulcral entre eles”. Falei em futebol pelo simples fato de que fui colunista esportivo do *Diário de Pernambuco* na Copa do mundo de 1998, cuja coluna chamava-se *Carrero na Área*. Por isso não me é estranho falar em futebol, sobretudo num artigo sobre Marcelino Freire e seu enigma. Numa das interpretações da palavra e, por ventura o seu conteúdo — o livro, é claro —, encontramos o seguinte na página 22:

A missão de levantar uma história _um livro megalítico que há muito tempo tento arquitetar com palavras, uma sobre as outras _sob as outras palavras _suspensas _blocos

grosseiros de rochas _uma escrita nascida nos cemitérios aéreos da palavra _a minha prosa _literatura _quantas pessoas até hoje morreram para que eu colocasse de pé esta estrutura?

Portanto, um enigma que cria outro enigma mesmo quando abre clarões de entendimento e oferece um caminho de certeza, uma vereda, talvez, um jeito de se explicar que mesmo assim não se explica, talvez deixe o crítico com o livro na mão, tentando, ao menos ler a capa, pedra sobre pedra ou, como se diz mais à frente, pedra sob pedra — neste mistério que não acaba nunca, nem nunca nem jamais, para sempre, que se esforce o leitor para entender.

Daí é que o próprio autor se enreda e, novamente, expõe o enigma para decifrá-lo e assim vai, desdobrando enigma sobre enigma até esclarecer o leitor, numa busca desesperada e, é claro, esforçada, iluminada e bela. Uma das qualidades, portanto, desta obra-prima é a busca da verdade em torno de si mesma, como quem se descobre e recobre, revelando e revelando-se.

Enfim, “A história _a imagem de um menino que corre _de pernas bambas uma criança pelo campo _constrói um galope antes de construir os carros _um movimento pré-histórico _uma dança”. Portanto, antes de enigma, um segredo absoluto que se arrasta no tempo envolvido em muitas camadas, rolo de tecido que não termina nunca. Assim, tentativa de desvendar, esclarecer, estas coisas. 

MINISTÉRIO
DA CULTURA
APRESENTA

paiol
LITERÁRIO



palco de grandes ideias

12ª temporada



Maria José Silveira encerrou a 12ª temporada do projeto Paiol Literário. Com dez romances publicados, a autora nascida em Goiás estabeleceu como projeto literário a história do Brasil contada a partir da visão de mulheres de várias gerações.

É o caso de **A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas**, que narra a trajetória de mulheres fortes que sobrevivem à exploração desenfreada do pau-brasil, da cana-de-açúcar e do ouro, à dominação e à opressão dos colonizadores e das ditaduras, mas também de seus parceiros, maridos e amantes.

A obra, publicada em 2002, recebeu o Prêmio Revelação da APCA e foi publicada nos Estados Unidos, na França, na Itália e em Taiwan. “Isso me deu a oportunidade de falar da história do Brasil através da participação das mulheres. É sempre uma questão que quero desvendar”, diz a escritora.

Entre seus outros livros, destacam-se **O fantasma de Luís Buñuel** (2004, menção honrosa do Prêmio Nestlé), **Eleanor Marx, filha de Karl** (2021, publicado na Espanha e no Chile), **Maria Altamira** (2023, finalista dos prêmios Jabuti, Oceanos e São Paulo) e **Farejador de águas** (terceiro lugar na categoria romance do Prêmio Machado de Assis, da Fundação Biblioteca Nacional, em 2024). Publicou ainda o livro de contos **Felizes poucos e outros 20** obras para jovens e crianças. Seu romance mais recente é **Céu branco**.

O Paiol Literário é realizado pelo **Rascunho** desde 2006. O patrocínio desta temporada é da Redecard, empresa do grupo Itaú Unibanco, por meio da Lei Rouanet, e os encontros são *online*, com transmissão pelo YouTube.

• Porta para o mundo

A literatura é algo tão amplo. Como se fosse uma porta para um mundo que não é exatamente o seu mundo, mas um mundo que você passa a conhecer através dos livros. E é muito bacana isso, é de uma beleza quando você pensa que através dos livros consegue ampliar seus horizontes, fazer viagens dentro de você mesmo, tanto viagens para fora, para outros lugares, mas também viagens internas. De repente aquele livro parece estar falando de você, e aí você começa a se conhecer melhor. É um prazer imenso, é tão grande que fico até com pena de quem não o conhece.

• Valor do livro


Gostaria muito, realmente, de que fosse mais reconhecido aqui no Brasil o valor do livro, tanto pelas políticas públicas como pela maioria do nosso povo, que não tem acesso ao livro, que não entende esse mundo dos livros, que não sente o prazer que a leitura dá. Isso é realmente algo que me deixa bastante consternada — que isso não possa ser compartilhado com mais brasileiros.

Maria José Silveira



ZÉ GABRIEL LINDOSO

“De repente aquele livro parece estar falando de você, e aí você começa a se conhecer melhor. É um prazer imenso, é tão grande que fico até com pena de quem não o conhece.”

Acompanhe no canal do  YouTube do Paiol Literário e cobertura nas redes sociais do Rascunho.

paiolliterario.com.br



PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DA CULTURA



• Herança

É realmente uma tristeza, porque uns anos atrás havia uma esperança, eu me lembro bem, quando escrevi um livro sobre a questão da leitura: **De onde vêm as histórias**. É um livro otimista. Mas nós não imaginávamos que enfrentaríamos quatro anos do governo Bolsonaro. Acabou que a nossa educação foi jogada lá no chão. Você vê agora a recente pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, que mostra uma perda de 7 milhões de leitores. Como se alguma vez já tivéssemos tido 7 milhões de leitores. Mas, enfim, de toda maneira, a estatística mostra que perdemos; que tivemos, mas perdemos. Como perdemos também mais 1.500 bibliotecas. Então, você se pergunta, poxa, mas como é que isso aconteceu? É uma das heranças do governo Bolsonaro, que nós não sabíamos que teríamos. Há muita coisa para descobrir desse legado maldito. Você se lembra dos ministros da Educação? Foram ministros vexatórios. Então eu agora, apesar de estar assustada com o que houve durante esses quatro anos, acredito que as coisas vão melhorar se houver continuidade nas políticas públicas, no sentido de escolas melhores, salários melhores para professores, bibliotecas em cada recanto do país. Porque é através das bibliotecas que as pessoas conseguem o acesso ao livro. Poucos são os que podem comprar livro. Então, tudo isso eu acho que é possível. Tem que ser possível melhorar. E a receita é tão simples: boa educação, boas bibliotecas.

• Bom leitor

O bom leitor é aquele que ama os livros, que esteja apaixonado pelos livros. E que mesmo que não esteja lendo, pelo menos sempre tem a intenção de logo estar lendo um livro. E que entre no livro de cabeça. Porque o autor que não tem leitores, que não os encontra, é um autor perdido. Sem o leitor, o livro, na verdade, não se realiza. Se o livro não tem leitor, ele vai para o depósito e fica lá. O bom leitor é aquele que vai atrás de um livro e que reconhece que a leitura proporciona uma riqueza interior muito grande. É tão óbvio que a pessoa que lê tem uma visão de mundo bem mais interessante do que quem não lê, que fica no seu mundinho, que só conhece o seu mundinho, ou conhece o mundo pela televisão, que é também uma coisa muito superficial. Mas nós somos carentes de bons leitores. Somos bem carentes.

• Família de leitores

Tive a sorte de ter nascido em uma família de leitores. Meu pai era leitor. Em minha casa tinha a biblioteca particular dele. Ele era médico, mas também se interessava por literatura. Então tive essa sorte de ter um exemplo, de ter livro à disposição em casa. E comecei a ler. Toda a minha geração, na verdade, foi uma geração que não teve uma grande quantidade de livros infantojuvenis para ler, começou com o Monteiro Lobato. Por mais que ele hoje seja acusado de racista e tudo mais... para as crianças que nós fomos, Monteiro Lobato deu o encantamento pelo livro. E aí eu realmente acho que não sou só eu. Minha geração teve isso... esse presente do Monteiro Lobato.

• Grandes autores

Como eu disse, na época não tinha muitos livros infantis. Havia o *Tesouro da Juventude*, que era uma coleção muito interessante, foi um marco, quase todo mundo da minha geração conheceu. Depois, já adolescente, a porta se abre, porque como a gente não tinha livros para adolescentes, fomos adolescentes que começamos a ler livros adultos. Jorge Amado, Érico Veríssimo, todos esses grandes autores, eu li na adolescência.

• Papel das bibliotecas

Não me desespero com essa nova geração. Acho que escolas e bibliotecas são muito importantes para apresentar livros ao adolescente, ao jovem que goste de ler. E a partir do momento que se pega o gosto pela leitura, o jovem vai achar um tempo para ler. Se tiver acesso, claro. Então a biblioteca é essencial, algo que realmente pode ser de muita contribuição para essa descoberta da literatura. Acredito muito nisso.

• Séries

E também não sou contra a internet, de jeito nenhum, não sou contra o *streaming*. Acho que há narrativas muito boas no *streaming*. Sou fã de algumas séries, sempre que há narrativas bem construídas, ótimos roteiros. Não vai ser isso que vai tirar os nossos jovens da leitura.

• Escritora

Desde pequena, por conta do amor pela leitura, queria ser escritora. Essa ideia sempre permaneceu. O curioso é que eu não escrevia diários, não escrevia aquelas coisinhas adolescentes. Ainda não escrevia nada. Mas sabia que ia escrever um dia. E ia adiando. Até porque minha vida também me levou para outros caminhos. Entrei muito jovem na luta contra a ditadura. E os meus objetivos, a curto e médio prazo, passaram a ser outros. E você imagina, viver na clandestinidade, aquela luta contra a ditadura era complicada. Então, não tinha muito tempo para ler.



O bom leitor é aquele que ama os livros, que esteja apaixonado pelos livros. E que mesmo que não esteja lendo, pelo menos sempre tem a intenção de logo estar lendo um livro.”

• Exílio

Trabalhei um tempo como jornalista e redatora de publicidade. Isso era também um trabalho de escrita. Quando fui para o exílio [início da década de 1970], comecei um curso de antropologia. Isso me abriu muito a cabeça para entender melhor a literatura. No Peru, conheci autores maravilhosos, não só peruanos, mas de toda a América Latina. Foi um período em que li muito.

• Marco Zero

Quando voltamos ao Brasil, também passei um grande tempo trabalhando e sem pensar em escrever. E, de repente, a gente resolveu, eu, Felipe Lindoso e o Márcio Souza, nosso grande amigo, abrir uma editora, a Marco Zero [a editora foi aberta em 1980]. E achei até que seria um atalho para começar a escrever e publicar. Foi um ledor engano, porque quando você tem um negócio, dedica 24 horas do dia para aquilo. Mas foi um tempo também que aprendi bastante. Acho que foi aí, na editora, que aprendi a escrever. Eu fazia tradução, que é uma grande escola de escrita, e era editora dos textos, que também é um ótimo aprendizado. Foi depois disso que me senti preparada para escrever.

• Recomeçando

Mas só comecei realmente a me dedicar à escrita quando a Marco Zero acabou [em 1998]. Ela foi roubada da gente, dos três sócios iniciais. Então de repente acontece uma coisa tristíssima na sua vida, e você passa a falar: “Poxa, agora tenho que fazer uma outra coisa. E terá que ser com livro. Então agora vou começar a escrever. De verdade. E se eu não escrever agora, não vou começar nunca mais”. Aí comecei a escrever. E quando comecei, já estava formada, vamos dizer assim, pela escola da Marco Zero. Aprendi ali, editando e traduzindo livros.

• Mulheres do Brasil

Eu tinha uma ideia do que queria fazer. E era uma ideia que vinha da minha vida. Porque essa é uma certeza que eu tenho. Que o escritor é formado pela sua vida. Isso parece óbvio, mas tem mui-

tos escritores que não aceitam isso. Você tem o que viveu, o que leu, o que se interessou, o que estudou, o que você amou. Toda a sua aventura e experiência de vida vai formando a sua visão de mundo. E a visão de mundo faz você escolher determinados temas para a sua literatura. No meu caso, minha visão de mundo era política. A política sempre fez parte da minha vida. Então, minha visão era essa. Eu queria fazer algo que tivesse sentido, e os temas que escolhi, que escolho sempre, são questões que se referem a histórias de mulheres que participaram da construção do Brasil. Da miscigenação. Aí me aprofundei nesse tema, seguindo uma linhagem que começa com a chegada dos portugueses e o encontro de um marujo com uma indiazinha tupiniquim. Eu narro [em **A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas**] essa linhagem até chegar aos dias de hoje. Sempre a partir das primeiras filhas, sempre a partir das mulheres. Então isso me deu a oportunidade de falar da história do Brasil através da participação das mulheres. É sempre uma questão que quero desvendar.

• Livros políticos

Mas isso também acho que me fez perder algumas chances de reconhecimento. Agora as coisas mudaram, mas em 2002, quando lancei **A mãe da mãe de sua mãe e suas filhas**, recebi muita crítica, apesar de o livro ter feito sucesso, algumas pessoas me questionavam pelo tipo de visão que eu tinha. Mas hoje não, quase todos os livros são políticos. Porque realmente tem toda a questão do Brasil recente, ter passado pelo que passou, então isso abriu os olhos de muita gente no sentido de que a política faz parte da nossa vida. A minha intenção com a literatura é entender a condição humana, porque esse realmente é o papel da literatura. A literatura talvez seja a maneira mais capaz de entrar na subjetividade das pessoas e entender essa condição humana. E a condição humana está vinculada à política de cada dia.

• Ato político

Acredito que a literatura, realmente, não vai transformar o mundo. Quem vai transformar o mundo são as pessoas que estão sofrendo injustiças. E a literatura pode dar uma certa segurança para as pessoas. Aos pouquinhos, pelo mínimo que seja, você está contribuindo com a visão do leitor. É claro que isso não é nada. Mas são milhões de livros que fazem isso e transformando as pessoas. Nesse sentido, acho que o livro tem uma potência muito grande. >>>

• **Questão climática**

Essa questão agora da crise climática, é uma ameaça que está muito perto de nós. Há algum tempo achávamos que não. Que era uma coisa que poderia acontecer no futuro, mas quando nem nós nem nossos filhos estaríamos aqui para ver. E no entanto ela chegou, já está aí, é um risco que nós estamos correndo. E frente a isso, o que nós, escritores, podemos fazer? Essa é uma pergunta que me faço. E é uma pergunta que tento responder com minha literatura. Por exemplo, **Farejador de águas** veio da minha preocupação com essa questão da água, que vai ser um grande problema futuro — já está começando a ser. Os rios já estão secando em muitos lugares, é um problema que já existia há muito tempo no Nordeste, por exemplo, mas não existia aqui no Sul. Então, com a questão global, outros países estão sofrendo também com a falta de água, aí vai começar aquela disputa. Então comecei a pensar no livro.

• **Respostas**

A literatura não é feita para dar respostas. Ela é feita justamente para questionar e tentar mostrar algumas coisas. Essa questão da água é uma enorme resposta para isso. Mas quero que o leitor comece a pensar a respeito. “Poxa, o cerrado está acabando.” O **Maria Altamira** também é uma outra questão. A barragem de Belo Monte veio acabar com a vida dos ribeirinhos e prejudicar demais o rio Xingu, a água está poluída, contaminada, os peixes estão morrendo. É uma barbaridade atrás da outra que a gente vê acontecer. E com **Maria Altamira** também quis mostrar isso. Poxa, não é possível que as coisas aconteçam no Brasil e que a gente não saiba, que a gente nem se interesse em saber. Com a literatura você consegue também passar esse espanto com as coisas e, ao mesmo tempo, dar ao leitor uma esperança.

• **Xingu**

O Xingu pode acabar. Os indígenas estão sofrendo demais. Tudo bem, você está na cidade, não é um grande problema seu. Não é para você ir lá também, defender indígenas, nada disso. Mas é para você saber o que acontece. Saber que isso tem influência sobre a vida, que a luz que você tem também provoca todos esses problemas. A complexidade do mundo é enorme, então você precisa se situar um pouco.

• **Rotina**

Eu tenho uma disciplina. A literatura parece que é uma coisa assim, que você faz um dia, dois dias. Não, são anos de trabalho. Então, você tem que ter disciplina e tenacidade para escrever um

livro. Você tem que fazer pesquisas. No caso de **Maria Altamira**, foi ótimo porque fui conhecer o rio Xingu, consegui me integrar a uma expedição, foi uma maravilha. Conheci o Xingu e voltei feliz em um certo aspecto. Mas ao mesmo tempo assustada com o que estava acontecendo lá.

• **Manhã**

Eu só escrevo de manhã. Mas a primeira coisa importante a saber é que estou aposentada. Comecei a escrever, na verdade, quando já não tinha mais obrigações fora de casa. Você precisa de tempo para escrever. Se você precisa de tempo para ler, imagine para escrever. É preciso estabelecer um tempo de dedicação ao livro. Caso contrário, o livro não caminha. Então, para mim, é pela manhã. Faço as pesquisas, depois escrevo. E aí, a escrita é a melhor parte. Principalmente quando o livro chega ao final da primeira versão. Aí já não pode fugir, ele está ali. O livro está ali, não está pronto, mas dali ele não foge. Então é só você voltar, começar a trabalhar. E essa é outra parte deliciosa também, trabalhar a linguagem, ficar ali vendo se a frase está funcionando, se não está. Esse é o trabalho que eu acho de uma intensidade e de uma alegria muito grande. Reescrever quantas vezes for necessário, fazer quantas versões precisar.

• **Oralidade**

A oralidade é um trabalho. Mas tem coisas da oralidade que eu não coloco. Por exemplo, você nunca vai encontrar nos meus livros o terrível “nóis”. “Nóis vai fazer aquilo.” Isso realmente me dói os ouvidos, eu não uso. Acho que você tem que tentar tirar esses problemas que prejudicam a leitura, porque faz o leitor se afastar do texto. Tem que ter esse cuidado. Sem você perder a essência da oralidade, você tem que cortar essas pontas. Para que o livro fique mais redondinho e que o leitor não se assuste. Mas eu gosto muito de trabalhar com a oralidade, acho uma coisa bonita, a linguagem de pessoas diferentes, pessoas que não tiveram a educação que nós tivemos. Eu acho bonito como elas falam. Tem que ter um respeito muito grande por isso.

• **Antropologia**

A antropologia me deu muitas entradas para a literatura. Uma delas é a história de vida. E o respeito que há nisso, de escutar o outro, entender o outro, achar beleza no que está dizendo e como ele está dizendo. E a antropologia nos dá essa sensibilidade. Tem outras coisas da antropologia que me ajudam bastante, como essa questão metodológica, a história de vida. Geralmente,



ZÉ GABRIEL LINDOSO



Toda a sua aventura e experiência de vida vai formando a sua visão de mundo. E a visão de mundo faz você escolher determinados temas para a sua literatura.”



Céu branco

MARIA JOSÉ SILVEIRA
Faria e Silva
224 págs.

sempre dou alguma dica de onde é que a personagem veio, como é que ela surgiu, como é que foi a infância dela. Eu gosto de fazer isso. A riqueza da personagem é, enfim, muito bonita, porque você transforma alguém que não existe, consegue dar corpo, sangue e alma para ela.

• **Contemporâneos**

Tento acompanhar a literatura contemporânea. Acho muita coisa ruim e acho muita coisa boa. Às vezes fico meio irritada com livros que são vendidos como algo precioso, quando não são. Mas faço questão de conhecer a literatura contemporânea, de reconhecer o valor de muitos novos escritores e tenho grandes amigos, autores e autoras que admiro bastante. Também gosto muito dos estrangeiros. Gosto dos americanos. Gosto dos franceses. Se bem que os franceses deram uma caída grande. Houve

um momento em que os franceses eram o suprassumo da literatura para nós. Mas esse momento já passou. Ainda que haja autores interessantes. E procurou ler essas traduções que chegam de autores palestinos. A gente descobre cada coisa. Fico encantada. Como tem gente escrevendo bem.

• **Mudança no mercado**

Criamos a editora Marco Zero nos anos 1980. Naquela época a imprensa tinha um papel fundamental na divulgação dos livros. E era muito difícil você conseguir espaço para um jovem autor em seu primeiro livro. Hoje não. Primeiro, tem as redes sociais, que foram adquirindo uma importância enorme, a divulgação ficou mais facilitada. Antes ficava só entre as grandes empresas, entre as grandes mídias, agora não, você consegue colocar seu livro em muitos lugares. Isso foi uma coisa que mexeu com o mercado editorial. Porque houve abertura de espaço para novas editoras, apareceram muitas novas editoras, muitas novas livrarias. Uma efervescência de editoras independentes, de livrarias independentes, que com toda a dificuldade que elas enfrentam, estão conseguindo ir em frente. Você vê uma editora como a Patuá. Nos anos 1980 era impossível, e hoje a Patuá é um grande sucesso. A editora que deu certo, ela tem um esquema novo, que ela inventou, e deu certo. Isso é sensacional.

• **Extrema direita**

Ando muito assustada. Não esperava ver um mundo assim, eu já passei por muitas coisas, mas o que está acontecendo... parece que nós estamos num atoleiro, uma coisa que não dá para entender. Trump sendo reeleito nos Estados Unidos, como é possível isso? O planeta está acabando. Será que nós vamos conseguir ainda barrar esse aquecimento global? Eu não sei.

• **Novo romance**

Acabo de escrever um romance que trata do Brasil, do nosso passado recente. Um livro que tenta entender o surgimento de tantos bolsonaristas. O que fez essas pessoas se fanatizarem em torno de um homem que não vale nada. Isso realmente é uma coisa que eu não entendo. Essa retórica do ódio que o professor João César de Castro Rocha explica muito bem. Na minha história, são três amigos. Eu narro como que um deles se transforma, em pouquíssimo tempo, em um bolsonarista quase que raiz. O livro termina no episódio do 8 de Janeiro. Não sei quando vai ser publicado, se vai ser, porque é um livro polêmico, sem dúvida nenhuma. Mas acho que é um livro que interessa. 🗣️



Andrea Jakobsson
Estúdio

LANÇAMENTO DO LIVRO

Geografia do tempo

de Ary Quintella

“Esse viajante incansável leva-nos a passear por Quito ou Seul ou Londres como se fossem o quintal de casa, entrelaçando cada passagem com relatos sobre pessoas notáveis.”



I want to see the den of thinking men like Jean-Paul Sartre, canta uma radiante Audrey Hepburn, sonhando em filosofar com pensadores, enquanto caminha numa estreita rua ladeada pelos famosos cafés parisienses destes que parecem ser tão comuns na cidade, com suas mesas na calçada. O filme é *Cinderela em Paris* (1957). Já seis anos antes um Gene Kelly apaixonado declara: *Paris is like love*, dançando e cantando por cenários deslumbrantes que ora são típicos pontos da Cidade Luz, ora são reproduções de quadros exuberantes de seus pintores. O filme é *Sinfonia de Paris* (1951). Eis dois exemplos no mundo ficcional do deslumbramento que Paris suscita em cidadãos estrangeiros; haveria muitos outros, mas fiquemos nestes dois. Eles nos propõem a questão: mas o que Paris tem de tão especial em meio a tantas outras cidades no mundo?

Alguns elementos são interessantes, comumente aparecem ligados à capital francesa: o amor, a cultura elegante, a intelectualidade... Mas muitos hão de concordar que não são monopólio da famosa cidade, podendo ser encontrados conjuntamente em outros lugares. Mas então a questão permanece: por que Paris?

Talvez dois livros presentes nas estantes brasileiras possam viabilizar, cada qual com seu escopo e perspectiva, uma resposta consistente ao “enigma Paris”: **Sempre Paris — Crônica de uma cidade e seus escritores e artistas**, da jornalista e tradutora brasileira Rosa Freire d’Aguiar, e **Paris dos escritores americanos 1919-1939**, do professor e escritor francês Ralph Schor.

Uma brasileira em Paris

No ano de 1973, aportou em terras francesas uma jovem jornalista, para assumir como *freelancer* o lugar de um outro correspondente da extinta revista *Manchete*. Não ficaria em qualquer lugar do país: faria morada em nada mais nada menos que a capital do país. Certamente, para uma jornalista que estaria destinada a cobrir assuntos tão díspares como cultura e economia, política e costumes, não haveria lugar mais privilegiado, tão favorável ao seu ofício. O nome da jornalista era Rosa Freire D’Aguiar, e na grande capital permaneceria vivendo, primeiro prestando seus serviços à *Manchete*, depois à revista *IstoÉ*, quase por duas décadas.

Seu país natal já passara pela instauração do virulento AI-5, que cerceava enormemente a liberdade de expressão, celebrando a censura em âmbito nacional. Pode-se imaginar o que foi para a mente da jovem jornalista trasladar-se para um país que vivia um ambiente tão diverso, pós-Maio de 1968, e que por tradição tinha a liberdade como valor fortemente enraizado em si:

Foi também ali que tive a primeira mostra desse direito sagrado dos franceses: manifestar-se — nas ruas, nos jornais, diante do rei, do policial, do padre. Primeira lição de cidadania.

Não era pouco numa década de recrudescimento político na América Latina. Simbólico, inclusive, que a jovem repórter tenha saído de seu país no dia seguinte ao golpe assestado por Augusto Pinochet no Chile. As tiranias violentas que se estabeleceram então pelo continente, sob o pretexto de se evitar uma ainda maior, de extração comunista, estenderam por ele, durante anos, uma nuvem cinzenta de repressão e angústia existencial que, em contraste, fez de outras regiões, a França à frente, um oásis de vida incontida. Neste contexto, Paris, já com toda sua mitologia cultural, tornar-se-á também o refúgio para tantos taciturnos expatriados de suas terras.

Com sua tradição de receber proscritos dos quatro quadrantes, tendo centenas de organizações não governamentais, associações em defesa disto ou contra aquilo, Paris era um ponto de irradiação e excelente plataforma para se escrever sobre qualquer tema de política internacional.

Paris, para esses infelizes exilados, será algo como uma mãe adotiva, e disso nos dará notícia a própria autora, com seu testemunho em primeira mão:

Houve em Paris uma bela iniciativa para os filhos de exilados: uma escolinha que ensinava aos pequenos o que era feijoada, jacaré, busca-pé, jabuticaba, bola de gude, pororoca. Chamava-se Saci-Pereré e funcionava na Cité Universitaire, aos sábados.

Essas e outras descobertas o leitor fará na primeira parte do livro, que é a crônica da vida que viveu e do trabalho que desempenhou Rosa Freire d’Aguiar durante a sua estada, entre 1973 e 1986. Com uma escrita leve, mas não desprovida de inteligência e acuidade, a autora nos apresentará essa Paris de fins do século 20, passando pelos restaurantes, pelos diversos governos democráticos que se sucederam um após o outro enquanto lá morava, mas também antes de sua estada; falará da cultura, da proliferação de livrarias, do contexto socioeconômico da época, mas também registrará o seu trabalho como correspondente internacional, o que lhe permitiu na cosmopolita Paris cobrir eventos como a democratização da Espanha, a decomposição do comunismo na Polônia, o Irã e seus incidentes e desventuras etc.

É uma abordagem que resguarda um interesse amplo, de diferentes aspectos, da Paris do século passado; em especial o cotejo que a autora faz entre o contexto da capital francesa e do mundo ao redor é particularmente interessante (e doloroso para nós brasileiros, quando feito com o Brasil da época). Acima de tudo, é de grande interesse as observações feitas sobre o espírito e a idiosincrasia francesas:

Franceses têm horror a qualquer mudança que desorganize seu cotidiano, seja a da mão de uma rua, seja a da meteorologia, seja a da paisagem que veem pela janela.

Ante a observação acima, o leitor é levado a refletir sobre essa aversão à mudança e suas raízes, num país cujo passado inclui a decapitação de um rei em praça pública e a mudança radical de um regime político disso decorrente.

A fascinante Paris

Livros de **Rosa Freire d’Aguiar** e de **Ralph Schor** apresentam a capital francesa com toda sua força intelectual e de defesa da liberdade

CLAYTON DE SOUZA | SÃO PAULO - SP

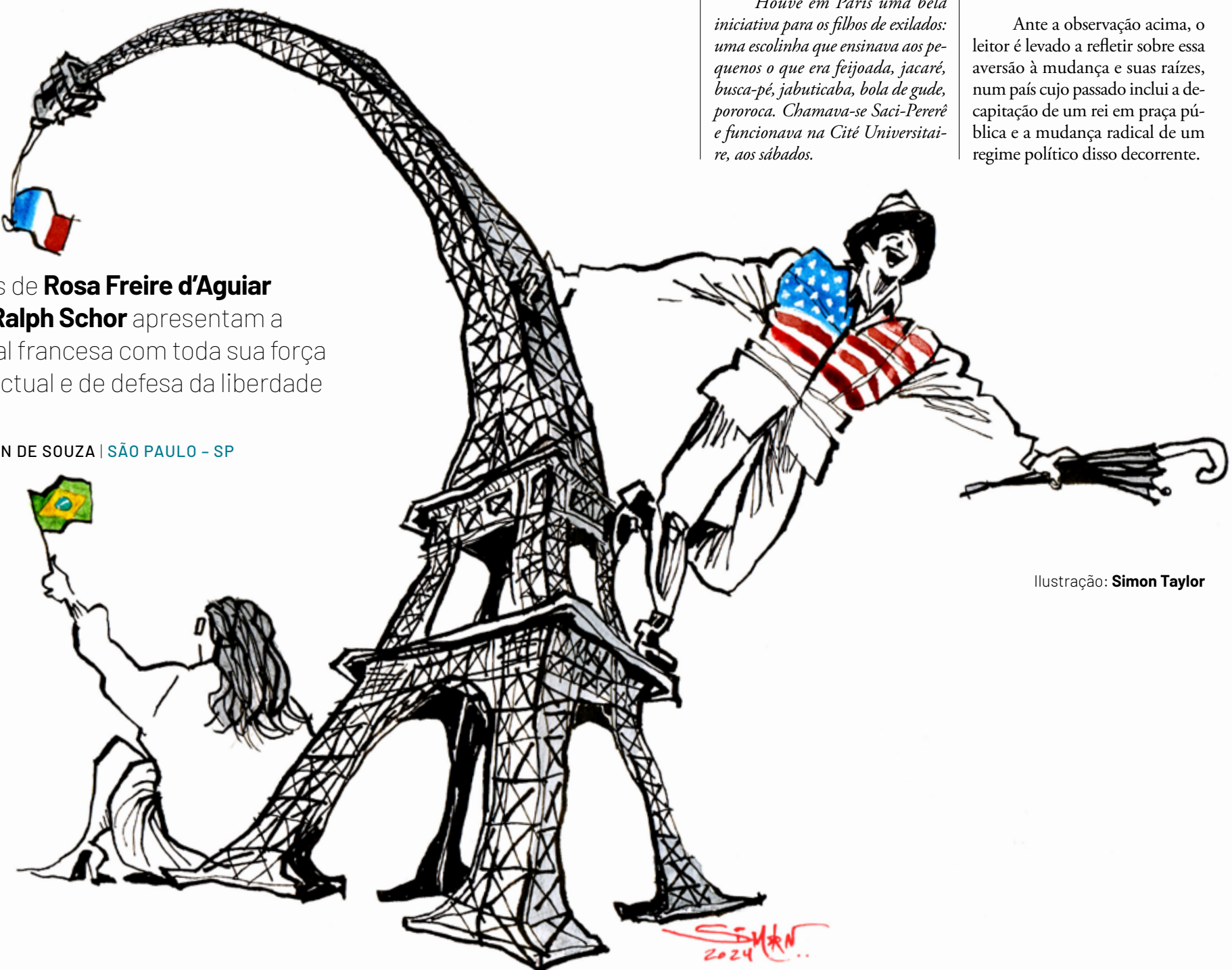
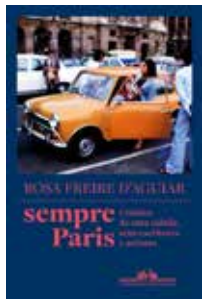


Ilustração: **Simon Taylor**



Sempre Paris

ROSA FREIRE D'AGUIAR
Companhia das Letras
336 págs.



Paris dos escritores americanos

RALPH SCHOR
Trad.: Joana Angélica d'Ávila Melo
L&PM
232 págs.

Franceses são tagarelas, às vezes falam muito para dizer pouco ou nada. Mas em torno de um pot, na varanda de um café, podem ficar horas entretidos em torneios verbais que são uma delícia acompanhar. Opinam sobre tudo, em geral com bons modos (...) rodopiam as frases com rapidez, vivacidade, clareza. Parece que é a herança do século XVII, quando surgiram os primeiros salons parisienses onde a tirada certa, o trocadilho maroto, o bon mot chegavam ao esplendor — e teriam contribuído para civilizar a França.

Já o trecho acima nos faz lembrar, a nós tão distantes desse povo, às *soirées* nos romances de Proust e Balzac.

Contudo a *pièce de résistance* do livro é, sem dúvida, a segunda parte: as várias entrevistas (algumas inéditas) com várias figuras de interesse que a autora conduz com desenvoltura, numa pauta sempre rica.

Ali encontraremos um Julio Cortázar longe de seu país, mas com ele no interior: “neste exato momento em que estou falando com você sinto-me na esquina de Florida com Corrientes. Sinto os odores de Buenos Aires”; crítico e admirador de Borges; descrente na força política da literatura (“o tirano tem que ser derrubado a tiros de canhão”), mas ainda amante de sua arte. Uma descrença igual no poder da literatura, embora de outra perspectiva, encontraremos ali na entrevista com o escritor Romain Gary (“**Guerra e Paz**, de Tolstói, jamais impediu que houvesse uma guerra”), admirador de Gaulle e reflexivo sobre sua relação com sua falecida esposa, a atriz Jean Seberg (“foi uma história de Pigmalão. Jean teve muito mais influência sobre mim do que eu sobre ela”).

Esses e outros nomes de interesse, sempre variados no aspecto social, como os escritores Ernesto Sabato, Ionesco e Simenon, as ex-ministras francesas Simone Veil e Françoise Giroud, os pensadores Alain Finkielkraut e Roland Barthes, entre muitos outros, ajudam a elevar o interesse no livro, com suas ideias estimulantes, trazidas à tona por uma condução segura de uma entrevistadora talentosa.

Os norte-americanos em Paris

Partir, distanciar-se dos Estados Unidos, criticar mais ou menos vivamente esse país, às vezes renegá-lo. Todas essas atitudes, comuns aos escritores da Geração Perdida, revelavam um verdadeiro mal-estar da juventude intelectual que sofria por viver numa sociedade considerada materialista e opressora.

Com tais palavras, o professor e escritor Ralph Schor concebe uma admirável síntese não apenas de seu livro, **Paris dos escritores americanos 1919-1939**, mas também de todo um espírito inconformista que grassou em uma geração de escritores que incluía Hemingway, Miller, Dos Passos e tantos mais relativo à pátria norte-americana, com seus valores desabonadores quando contrapostos à egrégia Cidade Luz francesa.

De fato, no espírito desses então jovens escritores emergiam uma perplexidade, um espanto oriundo da confrontação entre a América que traziam dentro de si e a Paris em que então desembarcavam, e onde viveriam suas vidas por longo tempo:

Paris, capital de uma França vista como a mãe dos direitos humanos, Paris, capital do intelecto e da cultura, Paris, capital das liberdades de todo tipo, oferecia uma imagem aparentemente oposta à dos Estados Unidos, e assim seduzia os que buscavam novos horizontes.

E era um novo horizonte o que surgia diante desses expatriados, embora através de uma arquitetura antiga bem conservada, de uma idiosincrasia local avessa a mudanças, mas aberta ao aprendizado do mundo moderno, de uma terra antiga banhada pelo sangue de tantas guerras e de uma revolução que adentra o século 20 ainda com seu vigor intacto em face de todo o mundo.

A comparação não poderia ser mais conflitante com um país destinado a ser a potência maior do mundo moderno, auxiliada por sua industrialização e uma participação superficial em duas grandes guerras mundiais que lhe renderam o status de credora das grandes potências europeias. Mas um país com valores hipócritas de um cristianismo nativo que tolerava a escravidão e a violência acerba contra afrodescendentes; um país loucamente ávido por lucros e consumo, mais preocupado em produzir para o conforto da vida doméstica de seus habitantes do que para o desconforto de seus espíritos através do fomento a uma arte contestadora e reflexiva (arte que contava mais pelo valor de seu capital do que pela reflexão que poderia suscitar).

OS AUTORES



ROSA FREIRE D'AGUIAR

Nasceu no Rio de Janeiro (RJ). Nos anos 1970 e 1980, foi correspondente em Paris. A partir de 1986, passou a trabalhar como editora e tradutora. Entre prêmios que recebeu por suas traduções estão o da União Latina de Tradução Científica e Técnica por **O universo, os deuses, os homens**, de Jean-Pierre Vernant. Sempre Paris recebeu em 2024 o prêmio Jabuti de Livro do Ano.



RALPH SCHOR

Nasceu em 1941, na França. Foi professor Universitário concursado de história contemporânea e professor emérito da Universidade de Nice Sophia Antipolis. Publicou diversos livros, sobretudo sobre o século 20. **Paris dos escritores americanos** é seu primeiro livro publicado no Brasil.

TRECHO

Sempre Paris

Foi nesse endereço que me liguei ainda mais a Balzac. Dos romancistas do século XIX, ele foi o primeiro a perceber a importância de Paris como quadro da ação romanesca; mais do que mero cenário, a cidade era o lugar que moldava o destino dos que nela viviam.

TRECHO

Paris dos escritores americanos

No início, os escritores da Geração Perdida se distanciavam deliberadamente dos Estados Unidos: distância geográfica, claro, mas sobretudo distância psicológica e cultural.

É dessa realidade merencória que os autores norte-americanos fugiram, buscando na capital francesa uma existência mais liberal em termos morais e sociais, e encontrarão algo além: uma capital onde aflui uma grande gama de intelectuais e artistas de diferentes direcionamentos estéticos, atraídos por uma efervescência cultural e condições propícias para a publicação e divulgação de seus trabalhos, seja pela tradição de valorizar os frutos do espírito, seja pelo câmbio amplamente favorável aos que tinham o dólar como moeda, e poderão levar uma vida confortável, senão faustosa na região parisiense.

O recorte temporal de Ralph Schor é particularmente interessante, pois foca nos anos decisivos de florescência desses autores americanos, e demonstra que sem Paris, suas carreiras muito provavelmente não seriam as mesmas.

Desse modo, o turbilhão cultural parisiense, os espetáculos, as leituras, os debates constituíam uma espécie de escola que formava o gosto dos escritores, ampliava-lhes o horizonte, dava-lhes pontos de ancoragem e de comparação, suscitava sua adesão ou sua rejeição, às vezes sua perplexidade, despertava entre eles uma real emulação. Sua escrita resultava, em boa parte, das experiências que viviam no núcleo criativo de Paris.

O interesse do livro de Schor não resulta apenas nesse instantâneo da formação dos autores. A obra vai além: traça uma análise sócio-histórica da época, tratando do contraste que os afrodescendentes americanos encontravam em termos de vida na terra dos direitos humanos; das artimanhas empreendidas pelos expatriados ianques (o que envolviam alistarem-se na Primeira Guerra Mundial) só para poderem residir em Paris; da análise do espírito francês e de seus costumes e peculiaridades vistos sempre em paralelo com os dos norte-americanos, entre tantos outros exemplos.

O livro empreende assim uma abrangente análise da capital, majoritariamente pelo ponto de vista dos autores americanos, com um eventual senso crítico por parte destes:

Outra queixa expressada com frequência: a frieza e a indiferença dos parisienses, preocupados unicamente com seus próprios assuntos. Para Dos Passos, “os franceses são as pessoas menos hospitaleiras do mundo”; “o povo mais egoísta da Terra”, reiterava Miller.

Mas o deslumbramento prepondera nas observações. Eis aqui o mesmo Miller (o escritor mais frequentemente citado na obra):

Henry Miller (...) admirava o francês, e confidenciou a um amigo: “No próximo ano escreverei nessa língua prestigiosa. Eu a amo. Amo a maneira pela qual os adjetivos afluem, e as expressões nuançadas, a cadência, a sonoridade, a sutileza de tudo isso”.

Paris dos escritores americanos é, ao cabo, um valioso documento dos anos formativos desses escritores que alcançaram seu lugar inquestionável no panteão dos grandes autores do século 20, ao mesmo tempo que um retrato do *zeitgeist* de uma época, num local delimitado, que não subsiste mais atualmente. E esse espírito vai além da tensão do momento entreguerras.

Dividido em duas partes, o livro não apenas traça esse retrato como também se preocupa, na segunda parte, em registrar breves notas biográficas das figuras estrangeiras importantes presentes na obra, e assinala sua relevância.

Assim, a despeito de toda a erudição e inteligência dessas duas obras aqui resenhadas, não deve o leitor comum, interessado em conhecer essa ilustre capital francesa — palco de tantas cenas históricas e memoráveis, algumas lamentáveis, sem dúvida, mas também mãe de tantas mentes brilhantes e acolhedora de tantos talentos estrangeiros — deixar de lê-las. Ambas, ricas em informação, são ao mesmo tempo escritas com um estilo objetivo e acessível. Mais que isso: suas páginas pintam aos olhos do leitor brasileiro, em vivas cores, as ruas, os costumes, o espírito e as peculiaridades da vida parisiense. 📖

rascunho recomenda NACIONAL

Clarice Lispector desenvolveu intensa atividade como jornalista, em paralelo à sua produção literária de romances, contos, crônicas e livros infantis. Polifônica e versátil, a escritora entrevistou algumas das mais importantes personalidades do cenário nacional — e algumas estrangeiras — de sua época. Escritores, músicos, dramaturgos, artistas de teatro, do cinema e da TV, cientistas, professores, políticos, atletas, sambistas, jogadores de futebol e até mesmo duas primeiras-damas estão retratados nesta coletânea que apresenta 83 conversas com Clarice, 35 delas inéditas em livro. Organizado pela especialista na obra de Clarice Lispector, a professora Claire Williams, da Universidade de Oxford, **Clarice Lispector entrevista** oferece uma nova perspectiva sobre figuras emblemáticas do Brasil moderno, enquanto traz à tona nuances da própria Clarice que permaneciam pouco exploradas em seus escritos.



Clarice Lispector entrevista

ORG.: CLAIRE WILLIAMS
Rocco
418 págs.



DIVULGAÇÃO



O cordeiro e os pecados dividindo o pão

MILENA MARTINS MOURA
Aboio
112 págs.

O cordeiro e os pecados dividindo o pão, quarto livro da carioca Milena Martins Moura, versa sobre prazer e culpa feminina. A autora resgata a tradição judaico-cristã, mas pelo viés do prazer feminino. Versos como “sou-lhes caça/ sou-lhes promessa de banquete” organizam violência, prazer, tradição e a vida comum. A autora é autista, no entanto, o livro, que traz as percepções de um corpo feminino, não aborda a temática do autismo diretamente. O que, para ela, é fundamental: “Gosto e quero escrever sobre o autismo, mas não só. O autismo não tem que ser, e não permito que seja, uma prisão na minha vida e na minha escrita”. Para a professora Paula Glenadel, da Universidade Federal Fluminense (UFF), Milena “assume para si uma voz incomum entre sua geração ao tratar de temas bíblicos ou dos ‘mistérios gregos’”. A obra foi semifinalista do Prêmio Jabuti. Além de poeta, Milena é tradutora e editora da revista *cassandra* e da Macabéa Edições.



Vento de queimada

ANDRÉ DE LEONES
Record
518 págs.

Autor dos romances **Eufrates** e **Hoje está um dia morto** (vencedor do Prêmio Sesc de Literatura), André de Leones traz em **Vento de queimada** o retrato de um país composto por beleza, mas também por horror. Isabel é historiadora por formação e matadora por “deformação”. Seu pai, um ex-policia pistoleiro — ou um pistoleiro ex-policia, já que não há como saber o que veio primeiro —, trabalha para figuras poderosas e influentes no estado de Goiás. A relação dos dois, assim como suas práticas e seus hábitos, não é estruturada de maneira convencional — neste vínculo, não se sabe quem é responsável por quem, quem deve ser exemplo para quem. O pai, por ser quem é e por fazer o que faz, de tempos em tempos expõe a filha a incidentes que não lhe dizem respeito, inserindo-a num trágico ambiente de ganância e violência. Isabel então se vê cercada por “homens de bem” dos mais diversos tipos.

O mistério é um livro “perdido”, cuja primeira publicação em forma de folhetim ocorreu há mais de 100 anos, em 1920, no jornal *A Folha*. Pedro Albergaria é um assíduo leitor de romances policiais, mas não apenas pelo prazer da leitura, afinal, os usa como material de estudo para a vingança que planeja contra o banqueiro Sanches Lobo. Tudo está a seu favor, até a investigação policial — mesmo que os envolvidos não saibam —, no entanto, o major Mello Bandeira não deixará o assassino sair impune.



O mistério

COELHO NETO, AFRÂNIO PEIXOTO, MEDEIROS E ALBUQUERQUE, VIRIATO CORRÊA
HarperCollins
270 págs.

Concebido como um manual para consulta, o livro também pode ser lido como obra literária. Ele contém resenhas dos mais relevantes romances brasileiros publicados ao longo dos séculos 19 e 20. Começa com **O filho do pescador** (1843), de Teixeira e Sousa, e termina com **Sexo** (1999), de André Sant’Anna. No caso de autores como Erico Verissimo e Jorge Amado, a obra completa é representada por uns poucos livros. Cada texto pode ser lido como crônica.



201 romances brasileiros em 5 minutos cada

ELOÉSIO PAULO
Sic
256 págs.

Esta seleta de contos apresenta um resumo da trajetória literária de Carlos Ribeiro, jornalista e professor da Universidade Federal do Recôncavo (UFRB). O autor estreou na literatura aos 22 anos com o livro de narrativas breves **Já vai longe o tempo das baleias**, de 1981, que faz parte de um total de 22 títulos de sua bibliografia — que inclui romances, ensaios, crônicas e reportagens. **Contos selecionados** conta com texto de apresentação de Rinaldo de Fernandes, colunista do *Rascunho*, e posfácio da professora de Teoria Literária Lígia Telles.



Contos selecionados

CARLOS RIBEIRO
Alba
452 págs.

Autora de vários livros de poemas, como **A mecânica da palavra e Dormindo no verbo**, Alexandra Vieira de Almeida parte para o universo das histórias curtíssimas em **50 microcontos e minicontos: A relojoeira do abismo**. Ao mergulhar nas complexidades da vida humana, a autora mistura ironia, humor e tragédia, revelando um mundo rico em emoções e reflexões, onde cada palavra é escolhida com cuidado para capturar a essência de cada experiência.



50 microcontos e minicontos: A relojoeira do abismo

ALEXANDRA VIEIRA DE ALMEIDA
Litteralux
116 págs.

Deztroços é composto por fotografias de 20 livros-objeto tridimensionais, cada um com capa, contracapa e miolo. São objetos que geralmente descartamos, transformados em arte que explora a materialidade e a estética dos resíduos. As peças são criadas com elementos variados, como embalagens, latas, madeira e outros materiais, que ganham nova vida nas mãos de Nelson Cruz. A ideia do livro surgiu quando Cruz refletia sobre o impacto ambiental do consumo. Inspirado pelos poemas de Torquato Neto, ele começou a explorar a técnica de *assemblage*, criando composições que capturam as texturas, linhas e cores ao seu redor.



Deztroços

NELSON CRUZ
Maralto
128 págs.



NA BAÍA

1.

Num momento em que a academia e a crítica se preocupam em denominar os gêneros literários (e os leitores dispensam essa discussão, por inútil e desmancha-prazeres), costume chamar de “novela” a esta obra-prima de Katherine Mansfield. No ano de 1922, quando foi publicada, era comum que os autores — inclusive a mesma K. M. — usassem o termo “conto” para tudo que não fosse romance, uma herança do século anterior. Pois bem, **Na baía** será vista como uma novela, não por seu tamanho, claro, mas por sua estrutura, em que uma história é contada, com o recurso frequente do imperfeito do indicativo, com desenvolvimento de personagens, tudo ao contrário do conto atual, que prima pela instantaneidade do acontecimento. **O alienista**, que ora se publica separadamente, integrou um volume de contos de Machado de Assis.

2.

Como novela, **Na baía** conta uma história única, dividida em segmentos, e o tempo ficcional é um dia de verão numa praia situada na Nova Zelândia em frente à capital do país. Recuso-me a fazer o clássico paralelo com as vivências familiares de Katherine Mansfield, pois isso teria apenas interesse de curiosidade bricabraque do reino da fofoca. O que importa é a obra em si, visando sua literariedade. Um dia de verão, numa praia em que todos se conheciam. A família central da história contempla não apenas o núcleo duro, mas também aderentes, amigos e empregados, num total que chega perto de quinze; como a autora não se eximiu de dar nomes a todas as personagens, por vezes necessitamos revisar anotações para saber quem é quem. Assim, objetivando maior clareza, e levando em conta o espaço desta coluna, nominarei as personagens *ad hoc*.

3.

Trata-se de um espaço bem conhecido da autora — e não só —; por isso, tal como Machado de Assis (que apenas escrevia “no Largo da Carioca”, “na rua das Marrecas”), ela refere circunstâncias geográficas sem maiores explicações (“Crescent Bay”, “a cidade”). Mas isso não nos falta, pois lhe interessam, antes de tudo, as representações visuais de forte teor impressionistas, a lembrar Manet:

A maré baixou; a praia ficou deserta, o mar morno recuava preguiçosamente. O sol batia, agredia a areia fina com seu calor e ardência, cozinhando os seixos cinza, azuis, pretos e os listrados de branco. Absorvia cada gotinha de água na parte oca das conchas curvas; desbotava as corriolas-campestres rosa que se enroscavam por completo entre as dunas de areia.

Também é impressionista quando descreve uma senhora:

O laço pálido no alto do cabelo da sra. Stubbs estremeceu. Ela dobrou o pescoço roliço. Que pescoço tinha! Começava com uma cor-de-rosa brilhante, e depois mudava para uma cor quente de damasco e esta última desvanecia para o tom de um ovo marrom, e então para um creme escuro.

Renoir por certo que teria gosto em pintar esse retrato. Mais não cito, porque a narrativa está toda plena dessa volúpia visual. O mais interessante é que não são apenas ineficazes ornamentos beletristas, mas, sim, integram-se às ações; não as precedem automaticamente, como muito fez o Romantismo e escritores amadores copiam, mas surgem, na maior parte das vezes, *durante* as ações, conferindo pausas de prazer, como se o olhar das personagens ultrapassasse seu drama pessoal para um *divertissement* da tensão. Em suma: nenhum espaço é inocente em **Na baía** — e em nenhuma boa narrativa.

4.

A ação, as tensões, os conflitos, esses, são o melhor domínio da autora. Para tanto, age como as técnicas das pinturas impressionistas: trabalha com golpes de pincel nem sempre conexos (a conexão é trabalho do leitor), quase sempre brilhantes. Da mesma forma trabalham Marcel Proust, Joseph Conrad (**Lord Jim**) e, na música, Claude Debussy (*L'après-midi d'un faune*) e Maurice Ravel (*La valse*). Não pretendo teorizar sobre o impressionismo nas artes, mas o leitor saberá fazer as aproximações. Embora tenha dividido sua obra em capítulos — um dia teremos de problematizar o uso obsessivo de capítulos, que mais atrapalham do que ajudam, cindindo a fluência —, tais capítulos de Mansfield não significam terrenos delimitados por teodolitos topográficos, mas se integram uns aos outros num continuum de paisagem.

5.

Sobre o conteúdo de **Na baía**, todos sabemos que as análises são abundantes, cada qual assumindo um viés, sendo a perspectiva autorreferencial a mais frequente, mas, como disse antes, nada servem à literatura. Prefiro dizer que se trata de uma trama feita à base de atritos e desejos entre personagens, tal como costuma praticar a autora no conjunto de sua obra. Claro, não levam a tragédias familiares explícitas, mas a uma ideia de subjacentes rancores e paixões — e ambos os sentimentos, como se sabe, são inexplicáveis, apenas se sabe como funcionam. A matrona, ali, é a sra. Fairfield, generosa e compassiva, em especial com sua netinha; de seu trono invisível, ela maneja os cordéis, mas nem sempre é hábil, porque ignora os assuntos mais secretos de cada personagem — o leitor os conhece, dada a focalização onisciente adotada por Mansfield, e isso causa uma boa assimetria entre o que nós conhecemos e o que a sra. Fairfield não sabe, como, por exemplo, as práticas interesseiras de sua empregada com uma lojista local, nem o que acontece em sua família, como o ardor erótico de Beryl, dedicado a um estranho e errático homem, ou a aversão de Linda por crianças. Esse jogo de encobrimentos de uma personagem à outra, entretanto revelados ao leitor, é mais uma boa solução para quem está à busca de técnicas para dinamizar e pluralizar seus próprios textos.

6.

Ninguém nesta novela é isento de intrincadas formas de estar no mundo, com suas atitudes incompletas e, principalmente, com suas faltas de ações decisivas que poderiam dar um deslinde a seus traumas e conhecer com nitidez a natureza de suas relações com os outros. Ninguém é absolutamente sincero, nem para si mesmo. Impressionistas, como Monet e sua catedral de Rouen em diversas horas do dia, se trabalhavam com a sugestão da imprecisão das cores, também não faziam questão de deixar seu desenho preciso; o *flou* impera.

7.

Esses artifícios, desenvolvidos pela mão de Katherine Mansfield, complexificam o texto e, para tanto, é preciso dispor do espaço maior de uma novela literária para serem desenvolvidos. E por se constituir num exemplo desse precioso gênero literário, e exemplo da mais alta qualidade, **Na baía** já deveria estar há muito na nossa mochila, e é leitura imprescindível a qualquer leitor de sensibilidade e conhecimento da arte, não apenas da literária. **1**



O real maravilhoso de ALEJO CARPENTIER

Dois romances confirmam a maestria do **autor cubano** na construção de narrativas sublimes e que exigem atenção redobrada dos leitores

LUIZ PAULO FACCIOLI | PORTO ALEGRE - RS

Há vários autores que são mais cultuados do que propriamente lidos, e o franco-cubano Alejo Carpentier não tem nenhuma posição de destaque nessa lista. No Brasil, onde a maioria das editoras pauta seus lançamentos priorizando o retorno financeiro, obras consideradas de difícil absorção por um mercado cada vez mais refratário a uma literatura que não seja facilmente consumível necessitam de um apelo adicional, na maioria das vezes extraliterário, para chegar às livrarias e, por fim, ao grande público. No caso de Carpentier, o relançamento em terras brasileiras de um importante título de sua bibliografia no ano em que se comemoram 120 anos de seu nascimento, antecipado, no ano que passou, por uma novela inédita por estas bandas e seguido por um terceiro lançamento não menos relevante, talvez não tenha sido mero acaso. Talvez o mercado brasileiro tenha simplesmente se aberto a receber e fazer as honras devidas a esse grande e inigualável autor.

Carpentier tem uma biografia das mais ricas. Nascido na Suíça, veio ainda bebê para Cuba (fato só descoberto depois de sua morte), porque o pai, arquiteto francês, tinha interesse pela cultura hispânica e queria, ao mesmo tempo, fugir da decadência europeia para viver num país jovem e de futuro. A mãe, de origem russa, era professora de línguas. A soma desses fatores lhe proporcionou viver uma infância entre múltiplas culturas. Também foi a mãe pianista que ensinou ao pequeno Alejo as primeiras noções de música, algo que passou a ser fundamental em sua vida e em sua obra. Depois de o pai ter abandonado a família, Alejo precisou deixar os estudos para trabalhar e ajudar nas contas da casa. Mas logo voltou à Europa para completar o ensino secundário em Paris, onde também continuou seus estudos musicais e tornou-se um razoável pianista, segundo suas próprias palavras. Voltou a Cuba,

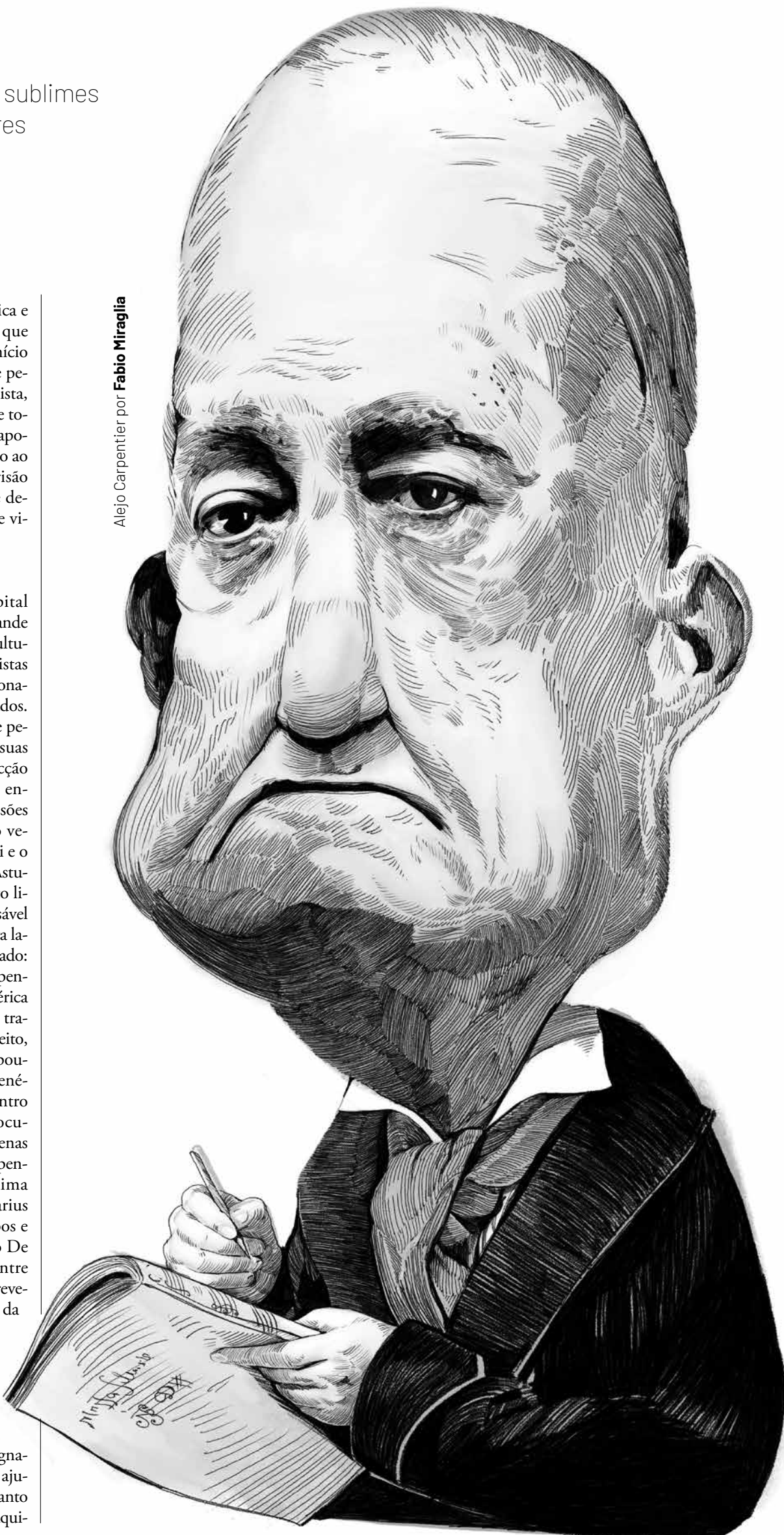
onde seguiu estudando música e também arquitetura, curso que não chegou a concluir. No início dos anos 1920, interessou-se pela política e tornou-se jornalista, profissão que exerceu durante toda a vida. Embora se dissesse apolítico, a militância de oposição ao regime cubano o levou à prisão acusado de ser comunista, e depois ao exílio em Paris, onde viveu por onze anos.

Real maravilhoso

Naquela época, a capital dos franceses vivia dias de grande efervescência como centro cultural do mundo, reunindo artistas e intelectuais de diversas nacionalidades, muitos deles ali exilados. Carpentier logo interessou-se pelo movimento surrealista, e suas primeiras experiências na ficção foram dentro dessa estética então vanguardista. Das discussões com os amigos escritores, o venezuelano Arturo Uslar Pietri e o guatemalteco Miguel Ángel Asturias, surgiu um novo conceito literário que viria a ser responsável pelo grande *boom* da literatura latino-americana no século passado: o “realismo fantástico”. (Carpentier, depois de retornar à América e fazer uma viagem ao Haiti, tratou de forjar seu próprio conceito, o do “real maravilhoso”, um pouco diferente daquele mais genérico, por assim dizer, mas dentro da mesma linha.) A interlocução, contudo, não se deu apenas no âmbito da literatura: Carpentier teve uma relação próxima com compositores como Darius Milhaud e Heitor Villa-Lobos e com pintores como Giorgio De Chirico e Pablo Picasso, dentre vários outros artistas que escreveram grande parte da história da arte contemporânea.

O Alejo Carpentier que chegou a Caracas em 1945 para um autoexílio que duraria 14 anos já havia passado antes pelo Haiti e pelo México. Vinha impregnado de tudo o que absorveu e ajudou a construir na Europa quanto a novas técnicas e estéticas; daqui-

Alejo Carpentier por Fabio Miraglia



lo que viu e sentiu no Haiti e que foi para ele uma espécie de descobrimento do universo americano; e, por último, do resultado de suas pesquisas sobre música mexicana. As duas últimas experiências de viagem lhe renderam o segundo romance, **O reino deste mundo**, onde, em seu prólogo, Carpentier reafirma o conceito do “real maravilhoso” que já havia apresentado um ano antes num ensaio.

Nos anos em que viveu em Caracas foram escritos os dois romances que serão resenhados aqui e que, por terem, como se verá adiante, relação direta com alguns fatos importantes da biografia do autor, demandaram uma contextualização um pouco mais extensa do que seria o justo e necessário em outras situações.

Caminhos tortuosos

Os passos perdidos, lançado originalmente em 1953, traz uma história que seria relativamente simples se as cores e os matizes do “real maravilhoso” não a levassem por caminhos tão tortuosos como os igarapés da selva amazônica onde se desenrola a maior parte da trama. O protagonista é um musicólogo e compositor que acaba de concluir um trabalho e se vê subitamente sem rumo na vida. Casado com uma atriz de teatro que atua numa peça de sucesso há anos em cartaz, vive numa cidade que parece ser a Havana nos anos que antecedem a Revolução Cubana. Culto e algo pernóstico, anda às voltas com um projeto que não evolui: uma cantata cujo libreto se baseia nos versos de **Prometeu desacorrentado**, obra do poeta romântico inglês Percy B. Shelley. Para completar o quadro, tem como amante uma excêntrica astróloga com aspirações de intelectual. Quando sua mulher parte inesperadamente em turnê com a companhia de teatro e ele se vê sozinho na cidade sem pouco ou nada a fazer, atende a contragosto ao chamado de seu velho mentor, o Curador do Museu Organológico da universidade à qual está vinculado e que lhe propõe uma saída mais do que honrosa para sua inatividade: uma viagem pelos confins da selva amazônica em busca de instrumentos musicais primitivos a serem incorporados ao acervo do museu. Ele primeiro refuta a oferta, mas a amante o convence a aceitá-la e acaba viajando com ele. A viagem principia com os dois voando provavelmente a Caracas como se fossem marido e mulher — e estamos nos anos 1950 numa sociedade religiosa e ultraconservadora nos costumes —, mas a aventura começa de fato quando eles empreendem a grande travessia do romance: quanto mais se afastam do mundo urbano e civilizado e avançam selva adentro, mais se torna nítida a percepção de uma verdadeira viagem no tempo. E aqui não é possível adiantar detalhes fundamentais da história para não roubar sua magia do futuro leitor.

Tal como aconteceu a Carpentier, que visitou a porção venezuelana da selva amazônica e conheceu os cenários luxuriantes magistralmente descritos no romance, o protagonista sofre uma profunda transformação no decorrer dessa travessia. Aspectos sensoriais — aromas, sabores, sons, texturas e cores — são trabalhados com maestria e respondem em grande parte pela atmosfera mágica: pouco há de sobrenatural ou extraordinário, além de uma ou outra crença ou lenda ancestral trazida por algum personagem — e esse ponto talvez seja o que diferencia o “real maravilhoso” de Carpentier do “realismo mágico” de seus colegas latino-americanos. Esse maravilhoso existe de fato em solo americano, e ele é real, palpável, sorvível.

O AUTOR

ALEJO CARPENTIER

Nasceu em Lausanne (Suíça), em 1904, e foi para Cuba ainda bebê. Escritor, jornalista, músico e compositor, é autor de vários romances (**Os passos perdidos**, **O século das luzes**, **Concerto barroco**, dentre outros), contos e ensaios, muitos deles tendo a música como tema. Ganhou vários prêmios importantes ao longo da vida, dentre eles o Cervantes. Morreu em abril de 1980, em Paris (França).

O discurso de Carpentier é considerado barroco, e com razão, pela crítica especializada, pelo que tem de rebuscado, às vezes beirando o pomposo. Por outro lado, a Carpentier não interessa ser direto a ponto de contar que um personagem saiu para comprar um maço de cigarros. Primeiro, o veremos em casa sofrendo com alguma inquietação existencial, filosofando sobre a vida, os problemas matrimoniais, citando meia dúzia de obras, algumas passagens em latim, e então, a rua, uma distração pelo caminho, o leitor sem saber ainda aonde o narrador quer chegar, um encontro inesperado, outra distração, novas citações, e enfim, o quiosque e os cigarros, e de repente se descobre o que ele quer contar, e a cena faz todo sentido. E tudo sempre embalado numa prosa elegante, num léxico primoroso que soa às vezes anacrônico, mas com a óbvia intenção da organicidade, pelo menos é o que sugere a excelente tradução de Sérgio Molina. Os vários capítulos são construídos quase todos em único parágrafo, blocos inteiros que exigem uma atenção redobrada para que não se perca nenhuma de suas sutilezas estilísticas, e elas são muitas. Nada, rigorosamente nada, soa fora de tom, numa prosa que vai agradar ao leitor que aprecia um texto mais refinado e pronto a se maravilhar com belas passagens que parecem deixadas no meio do caminho para serem lentamente degustadas. Pode, contudo, frustrar alguém acostumado a um discurso mais direto e a um enredo que privilegie a ação.

Sonata em três movimentos

Também da fase venezuelana, **O cerco**, novela publicada em 1958, contém pouco mais de um terço das 320 páginas de **Os passos perdidos**. Ambientada em Havana na década de 1930, nos dias tumultuados que sucederam a queda do ditador Gerardo Machado, ela traz o movimento de dois jovens aparentemente sem nenhuma relação cujos destinos irão se cruzar em algum momento da trama. Um deles é o bilheteiro de teatro e aprendiz de músico que abre a novela citando em italiano a dedicatória da partitura da *Terceira sinfonia* de Beethoven tirada da biografia do compositor que ele está lendo antes de ser interrompido por alguma exigência de sua função. A *Eroica* de Beethoven é justamente a obra do programa do concerto dessa noite. O outro jovem é um ex-estudante de arquitetura que se tornou revolucionário, acabou preso e, sob tortura, delatou seus companheiros; agora caçado por eles, esconde-se no mirante de um velho casarão em ruínas. Terceiro personagem e ponto em comum entre os dois, a prostituta Estrella, única a merecer um nome na história.

Como bem lembra Laura Janina Hosiasson, em brilhante ensaio publicado por ocasião do lançamento do livro na *Ilustrada da Folha de S. Paulo*, o pró-



Os passos perdidos

ALEJO CARPENTIER
Trad.: Sérgio Molina
Zain
320 págs.



O cerco

ALEJO CARPENTIER
Trad.: Silvia Massimini Felix
Companhia das Letras
136 págs.



A cidade das colunas

ALEJO CARPENTIER
Trad.: Samuel Titan Jr.
Editora 34
80 págs.

TRECHO

Os passos perdidos

De repente, rompendo com essa severidade do criado, algum arabesco da pedra, alguma fantasia geológica se confabula com a água para pôr um pouco de movimento neste país do imperturbável. É, lá, uma montanha de granito quase vermelho que solta sete cascatas amarelas pelas ameias de uma cimalha sobranceira. É um rio que se lança no vazio e se desfaz em arco-íris sobre a ladeira balizada de árvores petrificadas.

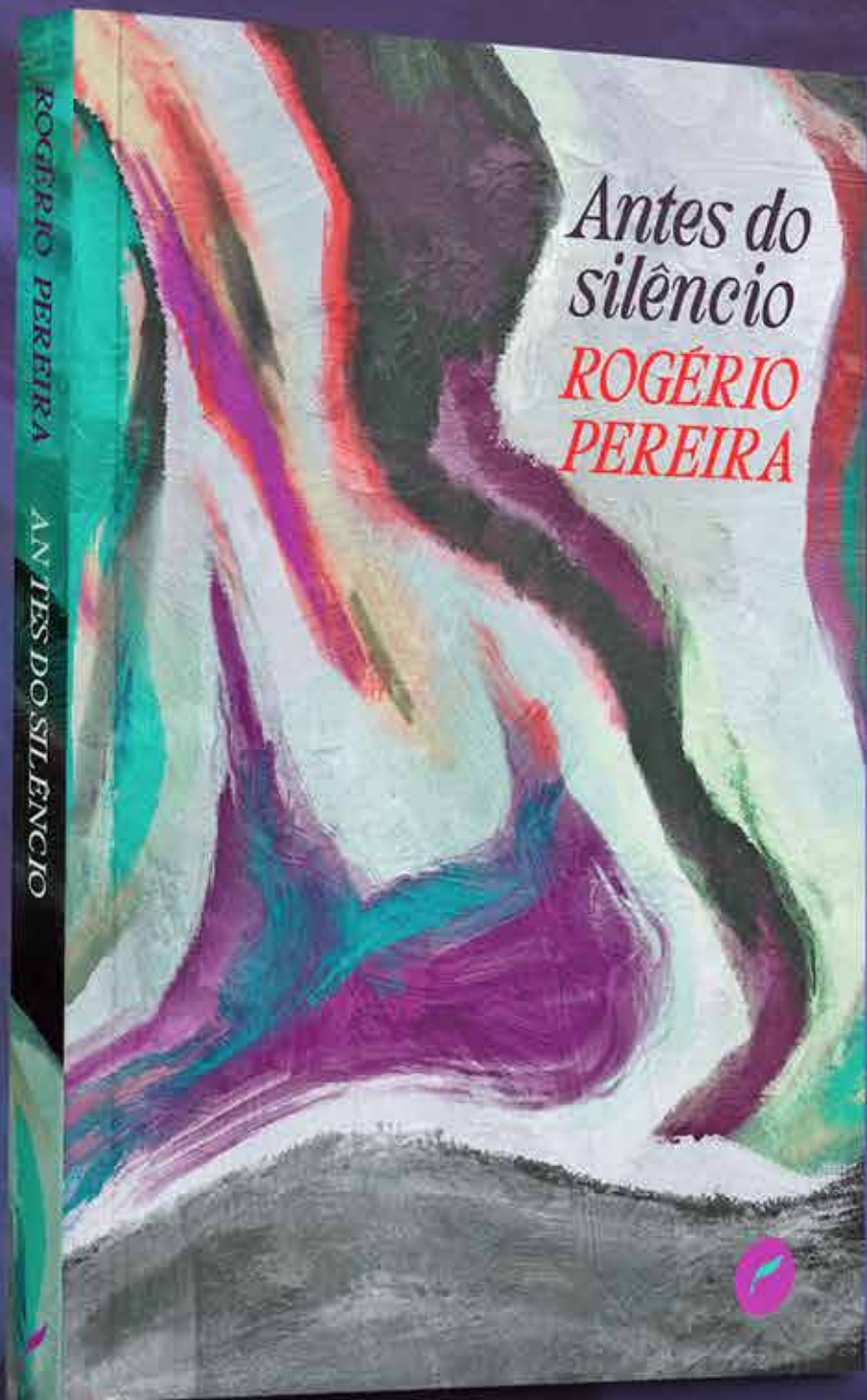
prio Carpentier mencionou mais de uma vez sua intenção de compor a novela como uma sonata em três movimentos. **O cerco** se compõe efetivamente de três partes intituladas por singelos números romanos. Na primeira, são apresentados os três personagens centrais, o que equivaleria à exposição dos temas numa sonata; a segunda e mais substancial das partes é destinada ao desenvolvimento desses temas, e é onde se põe à prova a virtuosidade do autor/compositor; na terceira, a conclusão. Mas há outros detalhes a serem observados. Beethoven foi o gênio absoluto da forma sonata que ajudou a consolidar em suas composições. O primeiro movimento da *Sonata patética*, por exemplo: um grave acorde em Dó menor seguido de uma seção lenta, depois a apresentação de dois temas rápidos e contrastantes, seu desenvolvimento, uma mudança de tonalidade, e a volta para encerrar com o mesmíssimo acorde em Dó menor, como se se fechasse um ciclo.

Numa analogia possível com o primeiro movimento da *Patética*, **O cerco** tem uma estrutura *in finis res*: a primeira cena é cronologicamente a última na trama, e tudo o que vem depois não passa de vários *flashbacks* que vão conduzir a narrativa de volta a ela. Quanto à segunda parte, é inegável o virtuosismo de Carpentier no desenvolvimento de sua sonata. Aqui, outra vez, os capítulos construídos em único parágrafo mostram uma solidez que chega a pesar, pois são muitos os sentimentos que movem o delator em sua fuga, dentre eles a culpa, mãe de todos os grandes conflitos humanos. Mas também o uso de diferentes técnicas narrativas, desde um simples narrador em terceira pessoa que embaralha para o leitor os dois personagens masculinos, chegando a trechos em sofisticado monólogo interior. Por último, um clima de mistério que remete sutilmente à literatura policial. Ainda que se trate de uma narrativa mais curta comparada ao caudaloso **Os passos perdidos**, não se espere uma leitura mais fácil. Importante destacar a tradução impecável assinada por Silvia Massimini Felix que faz jus à qualidade do original.

Fechando a tríade de lançamentos brasileiros, temos o maravilhoso volume **A cidade das colunas**, publicado originalmente em 1964: um ensaio em cinco capítulos sobre a arquitetura havanesa, ilustrado por 40 fotografias em preto e branco do italiano Paolo Gasparini. O que à primeira vista parece ser mais um belo livro de arquitetura, ganha, com a assinatura e o olhar privilegiado de Alejo Carpentier sobre a cidade, uma dimensão inusitada e um diálogo interessantíssimo com suas outras obras.

Para quem quer se aventurar no real maravilhoso do mestre cubano, essas três obras o revelam em todas as suas várias possibilidades. 🗨

Sarcástico, afiado e brutalmente humano:
leia *Antes do silêncio*, novo romance
de Rogério Pereira e obra finalista do
Prêmio São Paulo de Literatura 2024



“A partir de uma escrita concisa, crua e, ao mesmo tempo, cerebral, Rogério Pereira nos envolve e nos conecta ao espectro das intimidades familiares.”

Paulo Scott
sobre *Antes do silêncio*

Como encarar as incertezas e as angústias diante do fim? Às voltas com a doença terminal da mãe e sua rotina de hospitais, exames e silêncios, ao protagonista desta narrativa só resta ser pragmático enquanto tenta encontrar alguma graça (e ironia) no cotidiano. A vivência de dores tão íntimas quanto universais, pouco a pouco, vai revelando o mais banal dos segredos: a vida sempre insiste em continuar — seja na redistribuição dos móveis da casa adaptada, no flerte vacilante com a vizinha ou na insólita convivência com um sobrevivente do Holocausto obstinado em ler sempre o mesmo livro.

rascunho recomenda INTERNACIONAL

Neste livro que forma um díptico junto com **Uma rosa só**, romance anterior de Muriel Barbery, mas que pode ser lido de forma independente, a escritora francesa elabora uma história que explora os laços de afeto em suas mais variadas formas — laços que nascem mesmo quando as separações mais sofridas se impõem. A vida de Haru Ueno é conectada e governada por três fios: a arte, a amizade e a filha Rose, que ele nunca conheceu. Aos trinta anos aproximadamente, Haru conhece a francesa Maud, uma mulher misteriosa e de poucas palavras. Depois de passarem dez noites intensas juntos, ela vai embora sem dar explicações. Quando Haru descobre que Maud está grávida, ela elimina qualquer tentativa de aproximação entre pai e filha. Dividido entre a tristeza e a responsabilidade, Haru se empenha em cumprir o desejo dela, contando com o apoio dos amigos e com a possibilidade de acompanhar o crescimento de Rose, ainda que à distância e silenciosamente.



Uma hora de fervor

MURIEL BARBERY

Trad.: Rosa Freire d'Aguiar
Companhia das Letras
224 págs.

Durante a Segunda Guerra Mundial, Mathilde, uma jovem alsaciana espirituosa, apaixonou-se por Amine, um belo soldado marroquino do exército francês. Após a guerra, o casal se instala no Marrocos, em Meknès, uma cidade militarizada e com forte presença de colonos franceses. Enquanto Amine se dedica à lavoura e tenta trabalhar as terras rochosas e ingratas herdadas do pai, Mathilde rapidamente se sente sufocada pelo clima e pela cultura do novo país, tão diferente da sua. **O país dos outros** cobre dez anos dessa história turbulenta, um período que coincide com a independência do Marrocos.



O país dos outros

LEÏLA SLIMANI

Trad.: Dorothée de Bruchard
Intrínseca
320 págs.



DIVULGAÇÃO

A vida verdadeira de Domingos

Xavier retrata o absurdo da opressão de agentes do regime autoritário colonial português sobre um cidadão angolano. A luta pela independência de Angola e a violência colonial são apresentadas de forma crua e emocionante. A busca ingênua de Maria pelo marido contrasta com a brutalidade das forças do regime opressor que havia sequestrado e torturado Domingos Xavier. Maria, separada do marido, sofre como ele a dor da ansiedade, do desespero e da tortura psicológica a que é submetida.



A vida verdadeira de Domingos Xavier

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Kapulana
104 págs.

Neste romance póstumo do autor italiano Antonio Tabucchi, uma trama engenhosa progride ao estilo de um quebra-cabeça, com uma aura detetivesca e metafísica. O pano de fundo é um antigo amor entre o escritor polonês Tadeus Slowacki e a revolucionária portuguesa Isabel, cujo rastro perdido em tempos salazaristas desenha um retrato fragmentado desse período político sombrio. Mas são as sombras da história particular de Isabel que estão no ponto focal deste enigmático enredo, numa investigação-peregrinação que quer levantar, um a um, os véus do sigilo feito necessário para uma perseguida por um regime ditatorial.



Para Isabel: uma mandala

ANTONIO TABUCCHI

Trad.: Federico Carotti
Estação Liberdade
142 págs.



Boulder

EVA BALTASAR

Trad.: be rgb e Meritxell Hernando Marsal
Dublinense
112 págs.

O trabalho na cozinha de um navio mercante é ideal para Boulder, personagem afeita à solidão, vagando de porto em porto. Quando conhece Samsa, porém, ela é arrebatada por uma paixão que a faz retornar a terra firme e se entregar a uma vida conjugal que não estava nos planos. Até que surge na companhia a vontade de ser mãe, o que a transforma numa mulher bem diferente da que tinha conhecido. Boulder, na sua frieza, mergulha em sentimentos novos e na ambivalência entre o conforto do pertencimento e o desejo de fuga. **Boulder** é parte de uma trilogia de romances composta ainda por **Mamut** e **Permafrost**, que explora, em primeira pessoa, as vozes de três diferentes mulheres. **Boulder**, considerado o maior sucesso de Eva Baltasar, escritora e poeta catalã, foi finalista do International Booker Prize e teve seus direitos vendidos para diversos países.



Madri 1940: memórias de um jovem fascista

FRANCISCO UBRAL

Trad.: Sérgio Molina
Carambaia
248 págs.

Até então inédito no Brasil, **Madri 1940** se desenvolve em três planos: as supostas memórias de um jovem falangista debochado, um mapa da repressão dos primeiros anos do franquismo e a crônica de uma vida cultural em processo de desaparecimento. O enredo, marcado pelo escárnio e pela ironia, se desenrola logo depois da chegada de Franco ao poder ao fim da Guerra Civil espanhola e se estende até 1945, com o término da Segunda Guerra Mundial. Mariano Armijo, narrador e protagonista, é um anti-herói perfeito: delator, ganancioso, carreirista, amoral, talvez psicopata. Embora partidário do fascismo, despreza Franco, por considerá-lo fraco e contemporizador demais em comparação a Adolf Hitler e Benito Mussolini. Mesmo assim, Armijo tenta ascender socialmente no cenário da vitória de Franco. As circunstâncias o empurram para o jornalismo, plataforma ideal para quem se presta anonimamente a ser dedo-duro. Seus alvos são os republicanos, vencidos na Guerra Civil, mas a “limpa” inclui também um rival literário. Armijo, além de mulherengo, revela-se necrófilo e pedófilo.

Neste romance autobiográfico, ganhador do Goncourt 2022, Brigitte Giraud busca entender o que levou ao acidente de moto que custou a vida de seu marido em 22 de junho de 1999. Vinte anos depois, ela examina o acontecido por todos os ângulos e, pela última vez, derrama as perguntas que permaneceram sem resposta. Tratou-se do acaso, do destino, de uma série de coincidências? A narradora faz uma retrospectiva de seus últimos dias com o marido, que desencadearam uma sequência imprevisível de eventos que levaram a um final inevitável.



Viver depressa

BRIGITTE GIRAUD

Trad.: Maria de Fátima Carmo
Tusquets
160 págs.

Esta história alçada à condição de livro *cult* por uma legião de leitores, apresenta um avô bem excêntrico e viciado em álcool, seu neto obcecado por construir cercas e uma pata. A verdade é que vovô Jake vivia sua vida muito bem, bebendo seu Velho Sussurro da Morte — o uísque caseiro que ele fazia e que jurava lhe conceder imortalidade —, até receber a notícia de que sua filha havia morrido e deixado um bebê, chamado Miúdo. De início, vovô Jake ficou mais interessado na modesta fortuna que a criança trazia consigo, mas, ao ver o pequeno, um brilho acendeu dentro de si. Os dois então passaram a viver em paz, apesar das diferenças.



Fup

JIM DODGE

Trad.: Melany Laterman
Amarcord
128 págs.

Morte.

Na primeira cena de **Noite. Sono. Morte. Astro.**, de Joyce Carol Oates, vemos Azim Murthy, um médico indiano, sendo espancado pela polícia no acostamento de uma estrada nos Estados Unidos. A razão é tão simples quanto inaceitável: o médico foi parado graças à cor escura de sua pele, e espancado pelos policiais.

John Earle McClaren (mais conhecido como “Whitey”), que havia sido prefeito da cidade muitos anos antes, passa pela mesma estrada, e ao ver o ataque para ao lado. Tenta conversar com os policiais. Acostumado com seus dias de prefeito, desce de seu carro sem medo de expressar sua indignação. Quer exigir que parem de torturar o homem indefeso, caído. Os policiais não dão atenção a suas palavras. Antes que consiga se fazer entender, Whitey é atacado, espancado, atingido por armas de choque. Ele perde a consciência e é levado para o hospital, onde logo morrerá.

Essa descrição é o elemento principal da maioria das sinopses e resumos do romance de Joyce Carol Oates — e faz sentido que seja. É o primeiro acontecimento do livro. É o evento incitador, aquele que motiva a obra como um todo. Ainda assim, pode causar uma expectativa completamente inadequada.

É bem possível que o trecho deixe você com a impressão de que o livro se aprofunda em questões políticas complexas. Que o tema central da obra seja a violência policial, o racismo, a xenofobia. Nada disso é verdade. Não quero dizer que a narrativa ignore essas questões ou não se interesse em absoluto por elas — mas sim que estão longe de ocupar um lugar central na obra.

Esse é um romance sobre Jessalyn McClaren, esposa de Whitey, e a difícil experiência de uma mulher que perde o marido com quem foi casada desde a juventude — um homem que ela amava e que a amava profundamente. Jessalyn, já em idade avançada, precisará aprender a viver de outra forma.

Sono.

Se precisasse apontar uma falha no livro de Oates — e em se tratando de uma resenha, eu preciso —, esta ganharia o meu destaque. O livro, em vários momentos, cria expectativas que simplesmente não são atendidas. Isso não quer dizer que a história que temos não vale a pena, mas sim que a expectativa por uma outra história acaba por colorir nossas impressões. A maneira como a autora começa o romance e desenvolve algumas de suas linhas prejudicam ativamente a apreciação de alguns elementos do enredo, porque o leitor acaba por relativizar os acontecimentos num primeiro momento.

A cena inicial, o ataque brutal e racista cometido pela polícia, funciona como um precedente, uma promessa, e o leitor espera que essa promessa seja cumprida. Enquanto espera um emocionante conflito entre a família do morto e a polícia, o leitor tende a subvalorizar os momentos de introspecção da viúva. Se o leitor espera aquele conflito, a reação de Jessalyn e dos cinco filhos do casal acaba por parecer prática, como se a escritora estivesse apenas nos mostrando a personalidade de todos os envolvidos para que, quando a disputa entre essa família e a polícia ocupar tribunais e jornais, já os conheçamos, já tenhamos como imaginar e empatizar com suas reações. Mas nada disso acontece. O foco que esses personagens recebem já é, em si, o tema central. A violência policial e o evento que causou a morte de Whitey ocupam apenas algumas dezenas de páginas de uma obra de quase 700, chegando a um final extremamente realista — embora um tanto decepcionante.

Depois do sacrifício

Romance de **Joyce Carol Oates** trata do sofrimento de se perder alguém que se ama e das várias facetas do luto

BRUNO NOGUEIRA | UBERABA - MG



Joyce Carol Oates por **Oliver Quinto**

Por isso é tão importante essa consciência. Se você começa a ler o livro pensando que o foco em Jessalyn e seus filhos é apenas uma espécie de apresentação, pode acabar subestimando a importância dessas “pequenas” cenas iniciais — o que seria um desperdício, considerando o cuidado dedicado a elas. E se é verdade que Oates é um tanto dramática em certos pontos, suas descrições são belas, e as personagens são apresentadas numa terceira pessoa feita com extrema habilidade, tão próxima dos pensamentos e emoções dessas personagens que não as conheceríamos nem um pouco melhor se elas nos contassem suas histórias.

Outra expectativa que pode afetar a leitura diz respeito à maneira como Oates estrutura o início do livro. Certamente para nos apresentar os cinco filhos do casal McClaren, a autora os tem como foco de diversos capítulos iniciais. Nas primeiras cem páginas, pode-se ter a impressão de que eles terão um papel tão grande no romance quanto Jessalyn, mas esse também não é o caso.

Embora sejam frequentemente focalizados pela narrativa e tenham muita importância, os irmãos são, na sua maioria, menos profundos e interessantes que a própria Jessalyn. Hesito em usar a palavra “formulaicos” porque Oates consegue se aprofundar na personalidade deles de uma maneira que faz com que pareçam reais, mas certamente seu ponto de partida é bastante comum. Temos Thom, o primogênito, homem de família tradicional e herdeiro da posição do pai na empresa; Beverly, a belíssima líder de torcida, que se casa cedo e tem um casamento infeliz; Sophia, a quarta filha, cuja inteligência deixa os pais orgulhosos e os irmãos mais velhos desconfortáveis; Virgil, o filho caçula, artista cujo estilo de vida é desaprovado pelo pai. Apenas Lorene, a filha do meio, uma diretora de escola antissocial e autocentrada, parece fugir um pouco ao típico. Apesar disso, é interessante a maneira como Oates consegue encontrar alguma profundidade nesses personagens, de tal forma que, a certo ponto, senti que os conhecia bem, e se achei que poderia prever algumas de suas ações não é porque seriam óbvias, mas graças à qualidade de sua apresentação.

Ainda assim, é verdade que as histórias dos filhos são secundárias à de Jessalyn. Em alguns casos, a narrativa parece se aprofundar em alguns deles não porque se interessa por suas histórias, mas para mostrar como se relacionam com a mãe, para que o leitor entenda suas reações às decisões que Jessalyn toma após a morte do marido. O resultado é que, mais uma vez, expectativas falsas podem se formar. No início do livro, os irmãos têm tanto espaço e sua história é desenvolvida tão cuidadosamente, que começamos a esperar que o romance continue dividindo o espaço igualmente entre mãe e filhos, mas não é o que acontece. Se você espera ver as viagens e a vida de Virgil numa comunidade, as di-

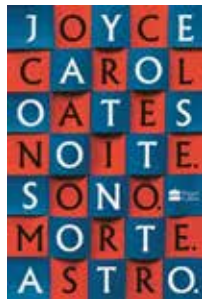
ficuldades de Thom guiando a empresa de seu pai, ou o casamento difícil de Beverly, passará centenas de páginas sem nenhuma notícia sobre esses irmãos. Sofia praticamente desaparece num determinado ponto, e quando retorna, ficamos sabendo que elementos importantes de sua história pessoal já foram resolvidos “fora da tela”, não vemos acontecer. E confesso que achei uma pena — era a minha personagem favorita.

O foco em Jessalyn transforma sua história no ponto forte do romance, e faz da viúva uma personagem infinitamente mais interessante e profunda. A tentativa de dizer o suficiente sobre os filhos, mas não tanto que eles se tornem centrais, faz com que suas próprias vidas ganhem resoluções insatisfatórias, por vezes rápidas ou fáceis demais. Daí a decepção provocada pelas expectativas que criamos no início do romance, momento em que conhecemos tão bem cada uma dessas pessoas. Quando os irmãos McClaren retornam, e mesmo quando surpreendem, nunca parecem estar agindo sem lógica ou desrespeitando a personalidade que conhecemos até então, e é decepcionante se interessar por uma personagem para em seguida não receber notícias dela por centenas de páginas — até que finalmente ela retorna de maneira rápida e um tanto conciliadora. A exceção é Lorene, com quem acontece o contrário: quase não aprendemos nada a seu respeito no início do livro, e de repente ela ganha alguns capítulos mais próximos do fim, com uma conclusão surpreendente e um tanto estranha. A história de Lorene também é interessante porque nos mostra um pouco mais sobre a narradora. Na minha leitura, a personagem toma atitudes bastante reprováveis, e de fato, ela é julgada pela narradora como nenhuma outra. Embora Oates tenha escolhido usar o ponto de vista da personagem narrada na maior parte do tempo, decidiu alterar isso aqui, evitando que a voz narrativa assumisse o ponto de vista por vezes mesquinho e cruel de Lorene.

Antes de continuar, acho importante ressaltar uma coisa: escrevi acima e repito que, se precisasse apontar uma falha no romance, seria a criação de expectativas, e acredito que a maior parte do que apontei aqui é fruto desse único problema. Se um livro ensina ao leitor como quer ser lido, **Noite. Sono. Morte. Astro.** falha nesse aspecto. Há muitas peças no ar: o acontecimento brutal que inicia o livro, o envolvimento da polícia, o médico indiano, o pai da família que passa algum tempo no hospital antes da morte, cinco filhos e a esposa — mas como já indiquei, de todas essas linhas uma única se destacará: a viúva Jessalyn McClaren.

Noite.

Jessalyn é a personagem central e mais bem acabada do romance. Seu grande conflito é a perda do marido que amava, a experiência de se tornar uma viúva, a lenta recuperação de sua vida.



Noite. Sono. Morte. Astro.

JOYCE CAROL OATES
Trad.: Débora Landsberg
HarperCollins
656 págs.



A AUTORA

JOYCE CAROL OATES

Nasceu em Lockport (Nova York, EUA), em 1938. Suas obras já lhe renderam diversos prêmios, entre eles o National Medal of Humanities e o National Book Award. Também foi ganhadora do Prix Femina, em 2005; do Los Angeles Times Mystery/Thriller Award, em 2018; e do Jerusalem Prize for the Freedom of the Individual in Society, em 2019. Ela foi professora da Universidade de Princeton e é membro da Academia Americana de Artes e Letras desde 1978.

TRECHO

Noite. Sono. Morte. Astro.

Lorene reclama que Jessalyn se comporta feito uma boba, uma pessoa sem visão — tinha dito a Hilda que não fosse mais faxinar a casa, como se ela, Jessalyn, conseguisse manter a casa sozinha. O papai ficaria desgostoso, não queria a esposa dele agindo como uma empregada.

Jessalyn não é uma mulher jovem — mas era quando se casou. A voz do marido era tão presente em sua vida que mesmo depois da morte de Whitey, ela continua ouvindo suas opiniões, como se ele estivesse a seu lado, conversando com ela como uma espécie de manifestação concreta de sua recusa em aceitar sua morte.

Oates, é importante notar, não fala de Jessalyn como uma viúva só no sentido prático da palavra. Muitas vezes procura mostrar que, após a morte do marido, as pessoas ao redor de Jessalyn passaram a tratá-la como se sua personalidade se resumisse ao fato de que ela é uma viúva. Seus filhos demonstram tanta preocupação que acabam, em certa medida, invadindo seu espaço. Julgam a todo momento as maneiras como ela processa esse luto, mas também as decisões que toma conforme começa, lentamente, a sair dessa etapa.

Grande parte dessa relação também ganha interesse porque Oates mostra como o casamento, por mais amoroso que fosse, limitava Jessalyn enquanto mulher, em seus desejos e personalidade, que acabavam por ser moldados por sua relação com o marido. Ela, depois de deixar tantos dos seus interesses de lado para cuidar dos filhos e levar seu casamento adiante, após a morte do marido mostra um lado de si que os filhos não conheciam. Certos acontecimentos levam ao aflorar de interesses que ela, enquanto casada, não demonstrava — coisa que eles encaram como problemática. Como a mãe pode fazer isso? Aquilo? O luto só pode ter afetado sua cabeça.

E é nesse conflito que o livro de Oates cresce. A autora consegue mostrar o passado de Jessalyn de maneira sutil, mas eficiente. A redescoberta de livros de poesia que ela teve quando jovem. Um interesse pela arte que não tivera espaço para crescer, mas era constante e agora pode aflorar. Diversos sinais de uma vida interior que nenhum dos filhos conhecia justamente porque esquecida ao longo do casamento e de sua criação. Desejos e interesses que não foram apagados por imposições ou força, mas pelas exigências de um casamento e dos cinco filhos que vieram com ele, e que a personalidade prestativa e caridosa de Jessalyn colocou acima dela mesma.

Astro.

Em 16 de junho de 2024, um casal formado por uma pessoa cis e uma pessoa trans foi assediado por dois homens, que ameaçaram matá-las no interior de um ônibus em Curitiba. Oziel Branques dos Santos foi assassinado a facadas ao tentar defender o casal.

A lembrança dessa história foi um dos motivos que despertaram meu interesse pelo livro de Oates. Como não pensar no ato heroico de Oziel ao ler sobre Whitey?, outro homem que encontrou a morte ao defender uma pessoa desconhecida de um ataque brutal e injusto, motivado pelo preconceito?

No caminho que faço para a universidade, há um adesivo com o nome de Oziel. Foi colado num poste durante a 7ª Marcha da Diversidade em Curitiba, evento que o homenageou. Me lembro do adesivo original, que vi ainda em 30 de junho, dia em que foi colocado ali — mas está completamente diferente. Exposto ao sol e à chuva, as cores do arco-íris desapareceram. É difícil discernir o nome de Oziel, que se desbotou quase por completo. Como disse John Donne, a morte de qualquer pessoa faz de nós menores porque estamos inseparavelmente envolvidos com toda a humanidade, e quando os sinos tocam anunciando uma morte, quem morreu foi uma parte de nós. Oziel, quando se dispôs a enfrentar uma situação perigosa para ajudar aquelas pessoas, demonstrou entender isso no mínimo tão bem quanto o poeta inglês. Sua morte faz de todos nós um pouco menores.

Falar sobre o livro de Oates é uma oportunidade de lembrar esse sacrifício terrivelmente real, que nesses tempos conturbados parece ter acontecido há muito. A literatura, como outras artes, também é memória. Ela reflete e reimagina, faz com que a gente lembre e repense. E se o livro de Oates não se aprofunda em questões políticas, ainda assim nos leva a refletir sobre elas, a pensar sobre um mundo em que alguém pode ser morto simplesmente por lutar contra o preconceito, mesmo que não pertença ao grupo atacado.

E acima de tudo, o romance nos mostra o sofrimento de se perder alguém que se ama, e as várias facetas que o luto pode ter. Só nos resta desejar força à família de Oziel, cuja morte ainda é tão recente, e a todas as famílias que perderam alguém graças a qualquer tipo de preconceito. 🕯

rascunho recomenda INFANTOJUVENIL + HQ + JOVEM

O livro do riso é uma obra em forma de almanaque, ilustrado, cheio de informações sérias, piadas e trocadilhos. Afinal, o riso é um gesto universal, comum a todas as idades, culturas, classes sociais e épocas. A ilustradora e poeta Denise Gonçalves propõe reflexões sobre esse ato tão banal: o que acontece com o nosso corpo quando rimos? Existe somente um tipo de riso? Os animais também riem? Sobre as possíveis respostas, cientistas de todo o mundo concordam: pesquisas sobre o riso são complexas com hipóteses difíceis de serem comprovadas. A conclusão é de que o riso é um assunto que escapa, escorrega, não está preso em laboratórios e segue incontrolável pelo mundo. Nesta obra, qualquer semelhança com nomes, pessoas, definições de enciclopédias, dicionários, tratados filosóficos, teorias, situações ou fatos comprovados na vida real terá sido mera coincidência. Ou não.



O livro do riso

DENISE GONÇALVES
Barbatana
64 págs.



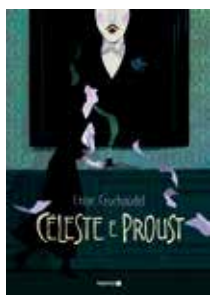
EDUARDO RAMOS



Coronel Mostarda com o castiçal na biblioteca

JULIANA GIACOBELLI
Pitaya
240 págs.

Coronel mostarda com o castiçal na biblioteca é uma história sobre descobrimento, amizade, coragem (ou a falta dela) e o tormento de ser apaixonado pelo melhor amigo — mas é também sobre a determinação de seguir jogando, até o último palpite, mesmo quando tudo parece perdido. Quando Vicente conheceu Davi, aos 8 anos de idade, não imaginava que o garoto selvagem que sempre sorria demais acabaria se tornando seu melhor amigo. Diferentes até o último fio de cabelo, Vicente não previa que, ao longo dos dez anos seguintes, acabaria se apaixonando por ele. Agora, em um fim de semana no sítio dos tios de Davi, apenas alguns dias depois da formatura do ensino médio, uma partida de *Detetive* — em que vale quase tudo — é o que separa a história nebulosa dos dois de um futuro incerto. Entre lembranças de joelhos ralados, noites de filmes de terror e encontros inesperados com uma vaca, nada assusta mais Vicente do que o amor. O livro foi o vencedor do Prêmio Amazon de Literatura Jovem.



Céleste e Proust

CHLOÉ CRUCHAUDET
Trad.: Renata Silveira
Nemo
256 págs.

Em **Céleste e Proust**, **Chloé Cruchaudet** relembra a vida de Céleste Albaret, a mulher cuja presença se tornou indispensável para um dos maiores nomes da literatura mundial: Marcel Proust. Muito além de uma simples governanta, Céleste foi sua confidente e colaboradora, desempenhando um papel crucial na criação da obra-prima do escritor. Através de ilustrações em aquarela, **Cruchaudet** explora a profunda conexão entre os dois, destacando a inteligência, a paciência e a dedicação de Céleste — e como sua influência silenciosa foi vital no processo de escrita de **Em busca do tempo perdido**. Trata-se de uma homenagem a uma mulher essencial, mas muitas vezes esquecida, do universo literário. Apaixonada por estudos sociológicos e testemunhos históricos, a ilustradora **Chloé Cruchaudet fez sua estreia com o álbum Groenlândia-Manhattan**, pelo qual recebeu o prestigioso Prix René Goscinny, em 2008. Para criar o roteiro de **Ida**, ela se inspirou nas histórias de mulheres viajantes do século 19. O primeiro volume foi selecionado entre os melhores álbuns do ano no Festival Internacional de Angoulême, em 2010.

Vencedor do 1º Prêmio Filex de ilustração e livro ilustrado, **O invasor** é quase uma brincadeira entre o objeto livro e quem o lê. O leitor é convidado a participar da aventura na floresta e contar sua própria história. Um barulhinho perturba o silêncio da floresta. O tigre avisa elefante, zebra, esquilo, girafa e mais alguns bichos. Juntos e em um grupo cada vez mais numeroso — o livro brinca com a soma de personagens a cada cena —, os animais sobem uma montanha, adentram uma caverna e mergulham em um rio na tentativa de fugir do misterioso invasor que os persegue a cada virada de página.



O invasor

DANIEL CABRAL E
FERESHTEH NAJAFI
Boitatá
40 págs.

Como surgiram alguns dos alimentos essenciais para milhões de pessoas, como a mandioca, o abacaxi, a batata, a pupunha, o milho e o açaí? Entre os vários mitos compartilhados por povos indígenas da América do Sul que explicam a origem de plantas cultivadas na Amazônia, um deles — contado pelo povo Piapoco — acaba de chegar ao Brasil em formato de livro. Trata-se de **Kaaliawiri, a árvore da vida**, de Francisco Ortíz e Ciça Fittipaldi. A história, passada oralmente de geração para geração, foi contada pelo líder do povo Piapoco, Freddy Rojas, para Ortíz.



Kaaliawiri: a árvore da vida

FRANCISCO ORTÍZ
Ilustrações: Ciça Fittipaldi
Trad.: Ciça Fittipaldi
ÔZé
70 págs.

Aos sete anos, Antônio vive uma situação extremamente difícil e perigosa: é alvo do assédio da Mão, que o machuca, ameaça e faz coisas de que ele não gosta, mas que não consegue evitar. A Mão o proíbe de contar aos pais ou a qualquer pessoa o que acontece, e o menino, calado, vai ficando cada vez mais triste. Seu comportamento muda na escola, em casa, e um psicólogo tenta ajudá-lo. Com todo esse apoio, o menino descobre como se libertar da Mão e ter uma vida normal e tranquila junto dos pais.



Antônio

HUGO MONTEIRO FERREIRA
Ilustrações: Camila Carrossine
Yellowfante
56 págs.

Uma mulher aprende a gostar do próprio nome porque a filha a considera uma salvadora; uma jovem escolhe como ídolo um homem que inventou uma palavra; um menino reflete sobre o nome das coisas e tem suas palavras favoritas; outro, deslocado no mundo, enfim encontra seu lugar onde as pessoas falam como ele. Em seis contos, Socorro Acioli coloca em primeiro plano as palavras: seja para nomear pessoas e coisas favoritas, para dar asas à nossa imaginação, para expressar nossos sentimentos... Neste livro e na vida, tudo que existe é palavra.



Tudo que existe é palavra

SOCORRO ACIOLI
Ilustrações: Helô Barbi
PeraBook
48 págs.

Para compor esta obra, Heloisa Pires Lima inspirou-se em dez telas de Gildásio Jardim para criar dez contos. A arte de Gildásio está enraizada na realidade do Vale do Jequitinhonha, onde vive, mas dialoga com a memória afetiva de pessoas em qualquer parte do planeta. Suas telas usam tecidos coloridos como a chita para destacar personagens e cenas da cultura popular brasileira. Os contos abrigam universos particulares: os jequitinhonhas, prontos para despertar a imaginação do leitor.



Giraflor e outros jequitinhonhas

HELOISA PIRES LIMA
Ilustrações: Gildásio Jardim
FTD
46 págs.

O riso refinado

Ao adaptar **O grande mentecapto** para os quadrinhos, Caco Galhardo preserva o humor e a crítica social sem cair em obviedades

CAROLINA VIGNA | SÃO PAULO - SP

O grande mentecapto, romance de Fernando Sabino, publicado originalmente em 1979, transita entre o realismo e o absurdo, usando a trajetória do protagonista Geraldo Viramundo para fazer uma crítica social refinada. Sabino consegue capturar os meandros da sociedade brasileira, suas contradições e peculiaridades, através de uma narrativa que mistura humor, ironia e uma profunda sensibilidade humana. Um dos pontos altos do livro é a capacidade de Sabino de transformar o aparentemente banal em algo profundamente significativo. A crítica social presente no livro é precisa. Expõe mecanismos de poder, hierarquias sociais e comportamentos institucionalizados.

Isso dito, é também um texto com alguns problemas, é um texto datado.

Ao adaptar o romance para os quadrinhos, o cartunista Caco Galhardo faz algumas atualizações no texto. Escolhe, por exemplo, deixar de fora trechos do começo do livro que seriam categorizados, no mínimo, como complicados. Por exemplo:

Contou com o ovo no rabo da galinha, enfiou o dedo no rabo dela / se escondeu na cesta de roupa suja para ver a irmã mais velha tomar banho, quis pegar a irmã mais nova e depois teve remorso, perdeu a virgindade numa cabrita, fez do travesseiro o corpo da professora / teve medo do João Carangola que fugiu da prisão e gostava de menino / ficou preso pela piroca num gargalo de garrafa / sentiu dores nos culhões, comeu a negra Adelaide e virou homem / E tomava a beijá-la, às gargalhadas. Cremilda chorava.

E isso não é uma crítica. Eu concordo com o Galhardo. São trechos que precisavam sair mesmo. Não por purismo ou censura. Precisavam sair porque não compõem de forma coerente, hoje, a irreverência caótica e ingênua de Geraldo Viramundo. São trechos que deixaram o seu sentido lá em 1979.

Adaptar uma obra, qualquer obra, não é uma tarefa simples. Essa não é a primeira empreitada de Galhardo nesse sentido. A adaptação dele de **Dom Quixote** (vol. 2), por exemplo, foi finalista do Jabuti em 2014.

O grande mentecapto, do Sabino, ganhou o Jabuti em 1980.

Ou seja, mesmo não conhecendo o Galhardo, posso afirmar sem muito medo de errar que ele seja um tanto quanto fascinado com o personagem do **Dom Qui-**

OS AUTORES



FERNANDO SABINO

Nasceu em Belo Horizonte (MG), em 1923. É um dos maiores nomes da literatura brasileira. Além de romancista, foi também jornalista, cronista, editor, roteirista e adido cultural. Entre seus muitos livros, destaca-se o romance **O encontro marcado** (1956).



CACO GALHARDO

Nasceu em São Paulo (SP), em 1967. É um renomado cartunista e desenhista brasileiro, conhecido por seu humor inteligente e suas tiras diárias publicadas em diversos veículos de comunicação. Além de seu trabalho como cartunista, Galhardo também se dedica às artes visuais, ao cinema e ao teatro.



O grande mentecapto

FERNANDO SABINO E CACO GALHARDO

Record

88 págs.

xote de la Mancha, de Miguel de Cervantes, já que **O grande mentecapto** é, com alguma licença poética aqui, o Dom Quixote brasileiro. Os dois são sonhadores à beira do delírio, não procuram bens materiais e têm uma relação platônica-delirante com a mulher amada. Dom Quixote e Dulcinéia; Viramundo e Marília. Os dois prezam pelas soluções heroicas, ainda que malsucedidas. Os moinhos de vento do mineiro, entretanto, são problemas sociais brasileiros bem reais e conhecidos.

O grande mentecapto quebra um pouco a narrativa mais usual de Fernando Sabino, afastando-se do gênero crônica. Os personagens não são urbanos e cosmopolitas. A linguagem jornalística dá lugar a uma mais picaresca, com um anti-herói em sua série de aventuras e desventuras em meio a uma sociedade corrupta, violenta, injusta e sem sentido.

Sabino também cria, estruturalmente, um diálogo com as biografias tradicionais e os textos mais acadêmicos, brincando com notas de rodapé, citações, etc. Ou seja, ele testa as margens do que é considerado um romance bem antes de ser modinha, quando ainda era tudo mato.

Geraldo Viramundo é o anti-herói típico. Tem o coração bom e nobre, é honesto, humilde, inteligente e culto. E, ao mesmo tempo, ingênuo, pobre, malsucedido. Depois da falência da carreira eclesástica, não volta à família. Também não perde o vocabulário rico, muitas vezes excessivo ao ponto do ridículo. Esse tipo de dicotomia ou polaridade é um dos principais constituintes do anti-herói. Pode ser rico intelectualmente, mas pobre financeiramente como Viramundo ou, por exemplo, feio mas atraente, como um Cyrano de Bergerac da vida.

Adaptar um texto literário para quadrinhos não é uma mera transposição. Tampouco é uma tradução. No assunto, para quem se interessa, deixo aqui a recomendação da Linda Hutcheon, em especial o **Uma teoria da adaptação** (UFSC, 2013).

Galhardo é feliz em sua interpretação visual porque consegue preservar o humor e a crítica social sem, ao mesmo tempo, cair em obviedades.

Na cena da morte do Pingolinha, por exemplo, o cartunista consegue manter a dor, a tensão e o drama sem apelar para soluções mais gráficas e, portanto, mais fáceis.

Essa é a grande força da versão do Galhardo. **O**

EMILY FRAGOS

Tradução e seleção: **André Caramuru Aubert**

The path

There is so little to go on: a pale
trembling hand as I stand over you,
my finger tracing the words on the page,
a foreign language you are learning
for a journey without me. You will do
fine, I say. You will wrap your tongue
around these sounds and be understood,
be given what you desire: a loaf of bread,
change for your money, an antique doll
with violent eyes. Paintings are hanging
on walls, behind glass, waiting for you
to admire them. Their plaintive beauty
will move through you and you will walk
back to your hotel through the park
I know well. I spent years there walking
its bridle path, a gray cat in my arms,
moving toward you, blind, in another life.

A trilha

Há tão poucas pistas com as quais seguir: uma mão trêmula,
pálida, enquanto estou sobre você,
meu dedo traçando as palavras na página,
uma língua estrangeira que você está aprendendo
para uma jornada sem mim. Você vai se sair
bem, eu digo. Você vai embrulhar sua língua
em torno desses sons e irão te compreender,
para você conseguir o que quiser: uma fatia de pão,
um troco, uma boneca antiga de olhos
violentos. Pinturas estão penduradas
nas paredes, atrás de vidros, esperando que você
as admire. A beleza lamuriosa vai se mover
através de você e você irá caminhar
de volta para o hotel pelo parque
que conheço tão bem. Passei anos nele, caminhando
por sua trilha estreita, um gato cinza em meus braços,
movendo-me rumo a você, cega, numa outra vida.



Glenn Gould, dead at 50

It is darker where I am.
I cannot tell, holding my hand
over one eye, if its female there.

At six,
I multiplied endlessly
and began to feel close
to sacrifice.

The music took root
inside, like torture,
all tension, ritard, release.

It is in every part
of my body now, and there is not
room left for me.

I have burned
all my capes, got rid of my papers.

Glenn Gould, morto aos 50 anos

Está mais escuro aqui onde estou.
Não consigo dizer, apertando minha mão
sobre o olho, se há mulher ali.

Aos seis,
eu me multipliquei infinitamente
e comecei a me sentir perto
do sacrifício.

A música criou raízes
Aqui dentro, como uma tortura,
É tudo tensão, lentidão, alívio.

Está agora em cada parte
do meu corpo, e não há qualquer
espaço para mim.

Eu queimei
todas as capas, joguei fora os papéis.

EMILY FRAGOS

Nasceu no estado de Nova York (EUA), em 1949. Foi professora de literatura em Columbia e na New York University. Seus poemas são sutis, quase suspirados. Sem pressa e nem apego pela fama, ainda que muito admirada por seus leitores e pela crítica, ela publicou, até hoje, apenas dois livros de poemas.

The cellar

Under the locked grille, the animals are crying.
You hear them while you wait and when the bus pulls up,
Finally, and you get on. That was years ago. The cellar
Is given over to new shopkeepers, one after the other,
Who fail and are replaced. Even the selfish brother,
The crazed neighbor, the criminal in his cell, face of blue
Tattoos, has never allowed a living thing to starve
As you have. Who knows this except for you and the laughing
African with his padlock teeth and flashing gold key.

O porão

Sob a grade trancada, os animais choram.
Você os ouve enquanto espera e quando o ônibus para,
Até que enfim, e você entra. Isso foi há anos. O porão
Foi entregue a novos lojistas, um depois do outro,
Que fracassaram e foram substituídos. Até o irmão egoísta,
O vizinho enlouquecido, o criminoso em sua cela, com rosto com
Tatuagens azuis, jamais deixaram que um ser vivo morresse de fome
Como você deixou. Quem sabe disso, exceto você e o africano
Sorridente com seus dentes de cadeado e chave dourada cintilante.

19 Chopin waltzes

Snow falls from rafters of pink, swollen clouds;
moonlight drenches the peasants' fields.

The feathered flesh of a fish, the juice of a peach,
the silver rivers before we named them with color.

All the begetting: the weak limbs and soft bellies,
the faces elongated like the devil himself. The devil

himself! The ship that sails to dreams of Achilles,
the palace of the deaf, the murmuring in centuries' rooms,

The crying of turtle doves, the fleet-footed dancing.
On Earth as in heaven, beauty without reason.

19 valsas de Chopin

A neve cai das vigas das nuvens inchadas e róseas;
o luar encharca os cultivos dos camponeses.

A carne macia de um peixe, o sumo de um pêssego,
os rios prateados antes de darmos cores a eles.

Toda a criação: os membros fracos e as barrigas macias,
rostos alongados como o diabo em pessoa. O diabo

em pessoa! O navio que viaja para os sonhos de Aquiles,
o palácio dos surdos, o murmúrio em salas centenárias,

O choro das rolinhas, a dança ligeira.
Na Terra, como no céu, beleza sem propósito.

Host

There are two worlds I know of:
the vast illumined
and the place where I am.

I need the other
the way a virus
needs a host,
but the strange,
loving sisters
hold up their hands.

And my body —
uninhabited —
suffers and wonders:
whose hands are these?
Whose hair?

Hospedeiro

Existem dois mundos que eu conheço:
a vastidão iluminada
e o lugar onde estou.

Preciso do outro
do mesmo jeito que um vírus
precisa de um hospedeiro,
mas as estranhas,
e amorosas irmãs
erguem as mãos.

E o meu corpo —
desabitado —
sofre e se pergunta:
De quem são estas mãos?
De quem, o cabelo? 🗨️

E-BOOK GRATUITO

O Alienista

UM CLÁSSICO DE MACHADO DE ASSIS SOBRE A “TIRANIA DO BEM”



gazedopovo.com.br/alienista

BAIXE GRÁTIS



GAZETA DO POVO

**rogério pereira**

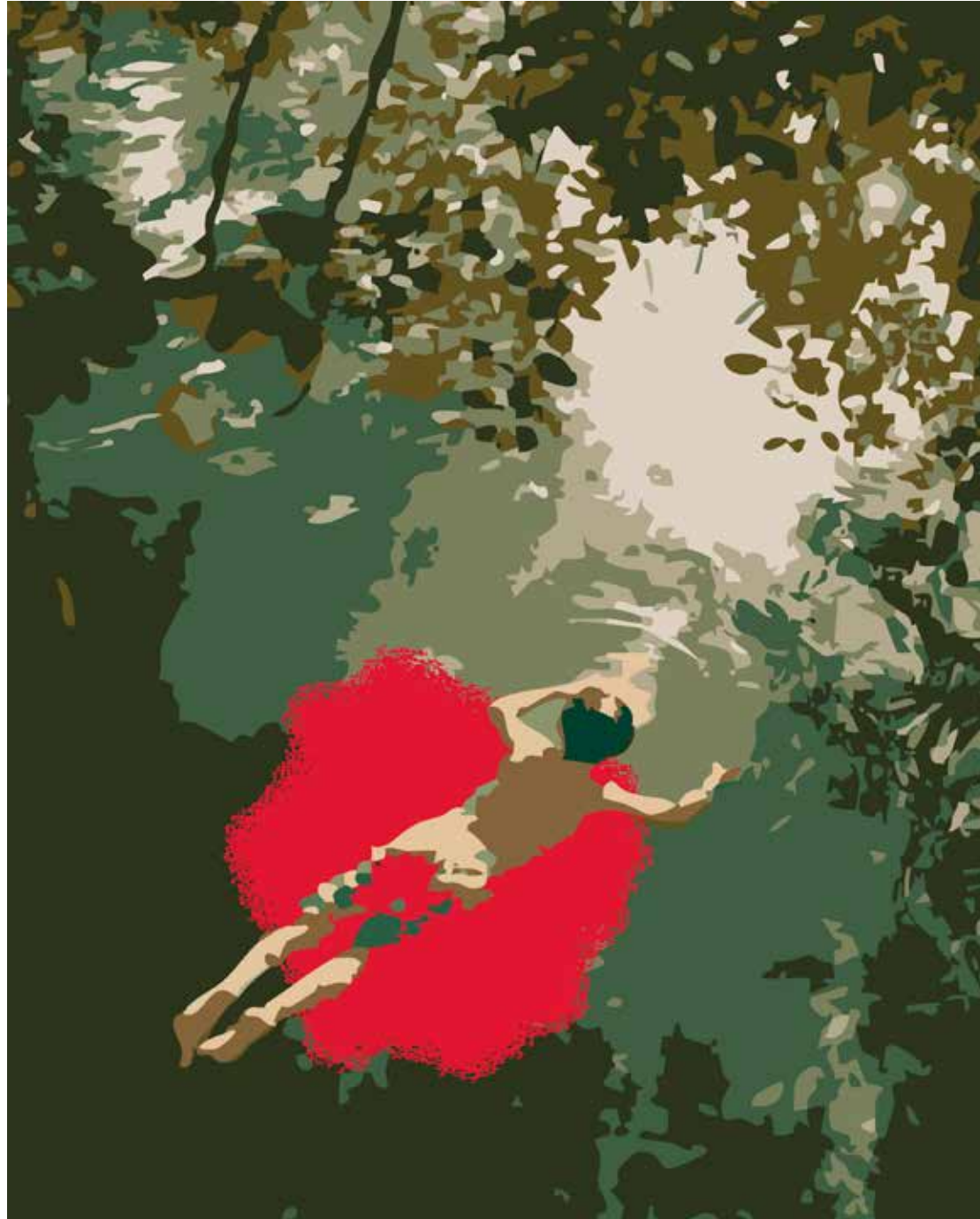
SUJEITO OCULTO

O MENINO MORTO

Nós o matamos. No lento do sol — os raios feito adagas por entre as árvores magras —, o corpinho boiava na água suja. A solidão da morte o embalava na placidez da tarde de domingo. Lá se vão exatos quarenta anos: 20 de janeiro de 1985. Era um menino magro, quase esquelético, o mais franzino da nossa turma de pequenos arrua-ceiros. Da beira do lago, meu espanto vislumbrava apenas a camisa do time de futebol a boiar de costas, nas cores vermelha e preta, como se um pedaço de pano pudesse esconder o nosso crime. Matamos o Chinês naquele domingo ensolarado. Não foi difícil. É muito simples matar alguém — basta querer.

Tínhamos um acordo: nossas mães eram sagradas. E as defendíamos como se fossem santas, mesmo quando tínhamos certeza de que estavam mais próximas da danação do que do paraíso. Enfim, elas, as mães, tinham de suportar uma vida miserável, maridos bêbados, ignorantes e violentos, um inferno permanente. Nosso pai era um representante legítimo dos homens que nos cercavam — um sujeito bruto, desprovido de afeto e pronto para nos ensinar que a vida é feita de murros e pontapés.

Astronauta — o ridículo apelido nada tinha a ver com algum risível sonho infantil sobre o futuro, aquela bobagem “o que você quer ser quando crescer?”, mas devido à circunferência da cabeça; ele, um menino desgraçadamente feio, ostentava uma cabeça gigante num corpo magro e esguio; andava meio de lado, talvez na tentativa de equilibrar a cabeçorra na batalha contra a gravidade; no início da turma, o chamávamos de Capacete, mas um dia sua mãe gritou na rua “desgraça de menino que vive no mundo da lua”; rimos feito hienas desesperadas: pronto, a partir de então, Capacete virou Astronauta; e quanto mais ele odiava o apelido, mais nos divertíamos com as pilhérias sem fim, até que numa manhã de sábado, no campinho de futebol, ele deu-se por vencido: “sou um Astronauta de pau grande”; ele tinha certa obsessão com o pau, que realmente era grande e nos espantava quando disputava com outros meninos da sua idade um acirrado campeonato de punheta no paiol atrás de casa —, um fajuto astronauta, segurou firme o Chinês pelo corpo e o jogou no pequeno açude. Em seguida, Pateta também pulou na água. Eram comuns estas brincadeiras bizarras entre nós. À margem, eu apenas observava o início do alvoroço. Meu irmão perguntou “não vai entrar?” e, sem esperar a resposta, mergulhou na água

Ilustração: **Carolina Vigna**

lodoso. Meu irmão tinha um apelido estranho: Preto, mas não era nada preto, tampouco era branco como a mãe. Ficou estacionada na pele a herança entre o pai e a mãe. De resto, sempre foi parecido com aquele homem que tanto nos batia. Meu apelido, Gélo, também soava algo bisonho. Éramos uma gangue de cinco moleques, cada um com sua alcunha e sua história engraçada, trágica ou melancólica: Astronauta, o mais velho, já quase um homem, Pateta, Chinês, Preto e Gélo. No dia 20 de janeiro de 1985, faltava um dia para eu completar doze anos de idade. Mas a infância tinha acabado pouco tempo depois do meu nascimento.

Todos tivemos destinos peculiares. Astronauta morreu atropelado por um ônibus; estava bêbado numa trágica imitação do pai. Pateta virou vigilante numa empresa de segurança residencial. Meu irmão é calheiro e já despençou diversas vezes de telhados; arrasta a perna esquerda ao caminhar. O Chinês está morto e enterrado

no mesmo cemitério onde estão minha mãe e minha irmã (cuja vida durou míseros vinte e sete anos), mas na outra extremidade, ao lado do portão de entrada.

O Chinês olhou-me em desespero. Talvez soubesse que iria morrer. Pateta e Astronauta o seguravam com firmeza. Afogavam o corpo magro e puxavam para fora, com método e sincronia, até parecia algo ensaiado à exaustão. No início, Chinês chegou a gritar “você vão me matar”. Meu irmão, com a água até a cintura, fazia cara de que estavam passando um pouco do limite das brincadeiras anteriores. De repente, Astronauta desistiu de tirar a cabeça do Chinês do fundo do lago. Deixou o menino lá, debatendo-se no início, até que os pés tremeram, um breve espasmo, para, em seguida, todo o corpo serenar na morte planejada. “Putá é a tua mãe, Chinês do caralho”, gritou Astronauta, como se a morte aliviasse todas as suas vergonhas.

Quando o Chinês chegou ao bairro, vindo da roça como a

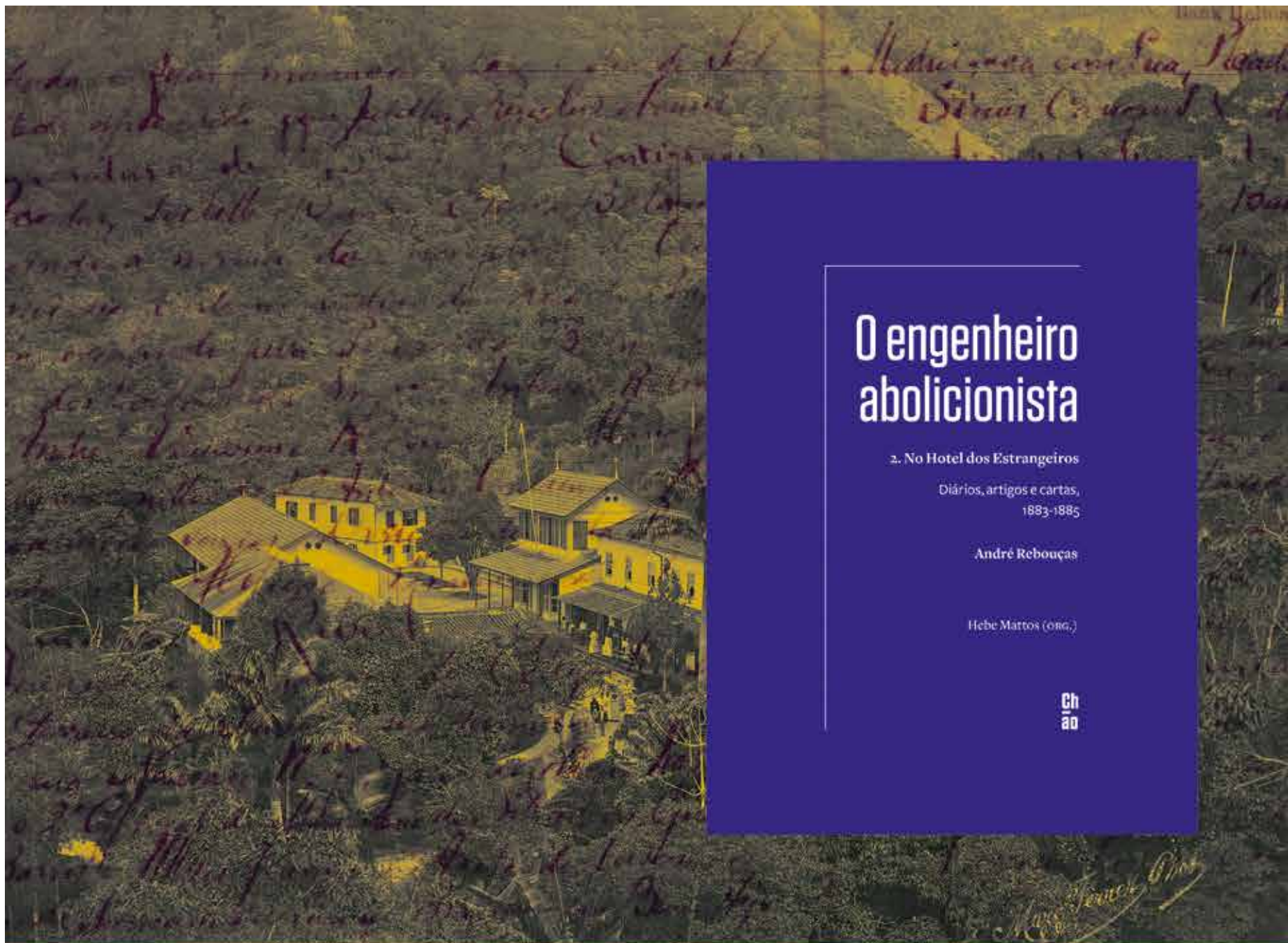
maioria de nós, logo começamos a chamá-lo de Pirata. Ele tinha manchas brancas pelo corpo — só mais tarde, saberíamos o nome da doença: vitiligo — e um círculo em volta dos olhos deixava-o com a cara do cachorro sarnento do final da rua, cujo nome era Pirata. Enfim, foi Pirata até o dia em que seu pai — um homem gordo, a pança a escapar para fora das camisetas encardidas, e manco da perna esquerda, o que lhe rendeu dois apelidos distintos: Ponto e vírgula e Deixa que eu chuto — anunciou que iria trabalhar na pastelaria de um chinês, no Centro de C., a cidade que nunca nos acolheu. Voltava para casa sempre no começo da noite com um pacote de pastéis molengas e gordurosos, quase nojentos. Era comum Pirata nos encontrar com os dedos lambuzados de gordura e com alguns pastéis de carne num pacote plástico. “Meu pai pegou lá do chinês”, sempre anunciava, como se isso trouxesse alguma dignidade à sua vida miserável. De tanto falar do chinês, resolvemos mudar de Pirata para Chinês.

Tínhamos certo orgulho dos nossos apelidos, por mais ridículos que nos parecessem.

Ele não vociferou “você é um filho da puta”. Isso, possivelmente, Astronauta teria perdoado, após dar uns tabefes na cara esbranquiçada do Chinês. O desgraçado do moleque — nunca soubemos por quê — encarou Astronauta, já meio abobalhado pela maconha que fumava quase todos os dias (a maconha, ele comprava de um traficante que, muitos anos depois, cooptou meu sobrinho para o trabalho no tráfico; Astronauta sempre tinha dinheiro; ele trabalhava num daqueles restaurantes italianos de C., que ainda hoje recebem hordas de turistas para comer polenta e frango; e contava que, muitas vezes, ia ao banheiro e mijava nas mãos para, em seguida, temperar o frango que seria servido com alegria às famílias; “ficava até mais gostoso”, ele dizia entre gargalhadas; hoje, quando me convidam para ir àquele restaurante — algo que me causa certa angústia —, imagino o Astronauta encharcando as mãos para o bem da gastronomia italiana), e berrou feito um animal ferido “a tua mãe é uma verdadeira puta, cabeçudo do caralho”. E saiu em disparada para casa.

O Chinês usava a camisa rubro-negra do nosso time do coração. Torcemos bestialmente naquele domingo, mesmo sendo um amistoso um tanto sonolento de início de temporada. A tevê mostrava jogadores preguiçosos e satisfeito com um empate sem graça e sem gols. Logo depois do jogo, Astronauta e Pateta apareceram lá em casa. Fomos todos até o açude no meio do mato, onde nadávamos sem que nossos pais — sempre mais preocupados com suas misérias — impusessem alguma restrição. O açude não passava de uma espécie de improvisada piscina, de onde uma bomba sugava a água que seria utilizada na chácara de flores onde morávamos. Lá, nadávamos sempre que o sol de C. soltava algumas fagulhas. Naquele 20 de janeiro de 1985 (nunca esqueci a data porque, naquele dia, matamos um menino e meu primo mais velho, um sujeito bastante bronco, tinha ido ao Rio de Janeiro para um grande festival de rock; antes da viagem, ele me disse rindo “vou lá fumar toda a maconha do mundo”, como se isso o fizesse uma pessoa menos idiota do que já era; era só mais um desocupado maconheiro, que ficava ao nosso redor com seus olhos esbugalhados, sua risada medíocre e sua fome indecente), o sol soltava labaredas no céu de C.

As pernas finas agitaram-se com fúria na água. Aos poucos, a fúria arrefeceu, tornou-se mansidão. O corpo a boiar, as costas a estampar o número dez na camisa do mediano time de futebol. Ao redor, éramos três meninos e um quase-homem. Não estávamos assustados. Quando encontraram o corpo à deriva, no início da noite, todos lamentaram que um menino tão bonzinho morresse afogado daquela maneira. ●



O engenheiro abolicionista

2. No Hotel dos Estrangeiros

Diários, artigos e cartas,
1883-1885

André Rebouças

Hebe Mattos (org.)

Ch
ão



Segundo volume dos diários de maturidade de André Rebouças, um dos mais importantes intelectuais negros brasileiros do século XIX

EM JANEIRO

Ch
ão

www.chaoeditora.com.br

@chaoeditora